

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA



UMA DÉCADA DE TEATRO ELÉCTRICO

RELATÓRIO DE ESTÁGIO

MESTRADO EM TEATRO - ESPECIALIZAÇÃO EM ARTES PERFORMATIVAS

Diana Raimundo Matias

Amadora, outubro 2018

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA

UMA DÉCADA DE TEATRO ELÉCTRICO

Diana Raimundo Matias

Relatório de Estágio submetido à Escola Superior de Teatro e Cinema para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Teatro - especialização em Artes Performativas, realizada sob a orientação científica de Armando Nascimento Rosa, Professor adjunto da área de Teoria.

Amadora, outubro 2018

Índice

Resumo	5
Abstract.....	6
Introdução.....	7
1. Teatro do Eléctrico	9
1.1. História	9
1.2. Prémios/distinções/nomeações	11
1.3. Publicações literárias.....	11
1.4. Enquadramento do estágio na entidade	12
1.5. Objetivos do estágio	13
2. O processo de criação de uma peça de teatro	15
2.1. <i>Banda Sonora</i>	15
2.1.1 Compreender a peça	20
2.1.2. Os ensaios.....	22
2.1.3. A estreia no Teatro Municipal São Luiz	24
2.2. <i>Catamarã, Nas Ilhas Salomão ninguém se preocupa com os Erros Ortográficos!</i>	26
2.2.1. Compreender a peça	31
2.2.2. Os ensaios.....	33
2.2.3. A antestreia nos Recreios da Amadora	34
2.3. Produção no Teatro do Eléctrico	35
3. Breve descrição das atividades realizadas no estágio	37
Conclusão.....	41
Bibliografia	43
Webgrafia	43
ANEXOS.....	45

Índice de Imagens

Figura 1 - Logótipo da companhia Teatro do Eléctrico realizado pelos Burocratik.....	9
Figura 2 - Banda Sonora. Fotografia © Alípio Padilha	15
Figura 3 – Banda Sonora. Fotografia © Alípio Padilha	20
Figura 4 – Fotografia promocional de Alípio Padilha, cedida pelo Teatro do Eléctrico para divulgação.....	26
Figura 5 – Catamarã. Fotografia Tv Amadora	31
Figura 6 - Catamarã. Fotografia © Alípio Padilha	34
Figura 7 - Fotografias de cena de Banda Sonora © Alípio Padilha.....	87
Figura 9 - Fotografias de cena de Banda Sonora © Alípio Padilha.....	87
Figura 8 - Fotografias de cena de Banda Sonora © Alípio Padilha.....	87
Figura 11 - Fotografias de cena de Banda Sonora © Alípio Padilha.....	87
Figura 12 - Fotografias de cena de Banda Sonora © Alípio Padilha.....	87
Figura 10 - Fotografias de cena de Banda Sonora © Alípio Padilha.....	87

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Tabela de projetos e funções desempenhadas	37
---	----

Índice de Anexos

Anexo A - Revista <i>SÁBADO</i>	46
Anexo B - Revista <i>GERADOR</i>	48
Anexo C - Revista <i>MÁXIMA</i>	49
Anexo D - Folha de sala do espetáculo <i>Banda Sonora</i>	51
Anexo E - Versão final do texto de <i>Banda Sonora</i>	55
Anexo F - Cartazes de divulgação do espetáculo <i>Banda Sonora</i>	82
Anexo G - <i>Flyers</i> do espetáculo de <i>Banda Sonora</i>	86
Anexo H - Fotografias de cena do espetáculo <i>Banda Sonora</i> © Alípio Padilha	87
Anexo I - Versão final do texto para a antestreia de <i>Catamarã, Nas Ilhas Salomão ninguém se preocupa com os Erros Ortográficos!</i>	88
Anexo J - Folha de sala, <i>flyers</i> e cartaz do espetáculo <i>Catamarã, Nas Ilhas Salomão ninguém se preocupa com os Erros Ortográficos!</i>	103
Anexo K – Exemplo da redação de uma carta de parceria	104
Anexo L - <i>Clipping</i> (exemplo: <i>Banda Sonora</i>)	105
Anexo M - <i>Press Release</i> (ex. <i>Banda Sonora</i>)	109

Resumo

O presente relatório enquadra-se na unidade curricular Estágio, inserido no último semestre do segundo ano do Mestrado de Teatro – especialização em Artes Performativas, na Escola Superior de Teatro e Cinema pertencente ao Instituto Politécnico de Lisboa. O estágio decorreu na companhia Teatro do Eléctrico situada atualmente no Pólo das Gaivotas |Boavista, com a duração de cinco meses. Este relatório tem como base, não só a descrição do trabalho desenvolvido na companhia durante o período de estágio, mas também a pesquisa fundamentada a que este trabalho deu origem.

Palavras-chave: **Teatro do Eléctrico; Ricardo Neves-Neves; Encenação; Produção; Banda Sonora; Catamarã**

Abstract

The present report was developed in the context of the Internship course, inserted in the last semester of the second year in the Master's Degree of Theatre with specialization in Performing Arts, in Lisbon Theatre and Film School. The internship took place in the theatre company Teatro do Eléctrico, established in Pólo das Gaivotas| Boavista, for the duration of 5 months, between the 5th of February and 8th of July of 2018. The purpose of this essay is not only to produce a description of the work completed in the company during the period of internship, but to, in a detailed manner, also describe the knowledge and informed research that this period of practical work gave origin too.

Keywords: **Teatro do Eléctrico; Ricardo Neves-Neves; Stage director; Production; Banda Sonora; Catamarã**

Introdução

O presente relatório enquadra-se na unidade curricular Estágio, inserido no último semestre do segundo ano do Mestrado de Teatro – especialização em Artes Performativas, na Escola Superior de Teatro e Cinema, pertencente ao Instituto Politécnico de Lisboa.

Este relatório advém de uma pesquisa, pensamento e ponderação referente ao período de estágio na companhia Teatro do Eléctrico, que decorreu entre 5 de fevereiro e 8 de julho de 2018 no Pólo Cultural das Gaivotas | Boavista, atual espaço da companhia.

Deste modo, irei começar por fazer uma apresentação da companhia e o enquadramento do estágio na mesma. Sucessivamente serão relatadas as experiências adquiridas durante o período de estágio, expondo de forma precisa os processos práticos e teóricos que definiram a minha evolução durante este período de atividade. Especificamente irei descrever o processo de criação de um espetáculo, desde a sua conceptualização até à sua estreia, refletindo sobre o mesmo, tanto em termos educacionais como profissionais e até pessoais. Estes textos apresentam-se como um diário de bordo de uma viagem no mundo profissional, que além de serem uma análise aprofundada de textos trabalhados, tarefas realizadas, pesquisas biográficas, apresentações concretizadas, filmes visionados e pessoas conhecidas é também um conjunto de pensamentos que culmina o meu conhecimento enquanto mestranda.

Em termos práticos, o estágio consistiu mais especificamente no trabalho de apoio à encenação, desenvolvendo tarefas como segunda assistente de encenação no espetáculo *Banda Sonora*, com texto e encenação de Ricardo Neves-Neves; e posteriormente na encenação do espetáculo *Catamarã, Nas Ilhas Salomão ninguém se preocupa com os Erros Ortográficos!* de Ana Lázaro também este encenado por Ricardo Neves-Neves. Intercalando com o desenvolvimento das duas peças referidas acima, participei ativamente no apoio à criação de cenários e figurinos em ambas as produções. Como complemento prático e educacional, realizado fora do processo de criação das peças, pude ainda realizar tarefas de produção, acompanhando e apoiando o processo da diretora de Produção e Comunicação do Teatro do Eléctrico, Mafalda Simões.

Este relatório está dividido em três partes: a primeira, mais focada na apresentação da companhia e no seu enquadramento no meu processo de finalização de curso, descrevendo atentamente os objetivos pretendidos para o estágio; a segunda parte está subdividida em três capítulos, sendo o primeiro sobre o espetáculo *Banda Sonora*, o segundo sobre a peça infantil *Catamarã, Nas Ilhas Salomão ninguém se preocupa com os erros ortográficos*, e por

fim o terceiro sobre o culminar do trabalho de produção desenvolvido no Teatro do Eléctrico. Em ambas os espetáculos referidos, explico como os mesmos surgiram e se desenvolveram, contemplando vários dos seus elementos conceptuais e narrativos, acompanhados de possíveis interpretações dos mesmos. Finalizo cada uma das descrições com um relato detalhado do período de ensaios e as respetivas estreias e antestreias de cada projeto. Relativamente ao trabalho de produção, que não tendo sido programado, mas acabou por ser um ponto importante do meu estágio, explico brevemente alguns dos conceitos sobre os quais desenvolvi uma maior compreensão, tanto prática como teórica, e relato o conjunto de tarefas de maior importância que realizei sob o acompanhamento da diretora de produção da companhia. Esta fase de trabalho entre espetáculos foi extremamente importante para o meu conhecimento profissional e por tal tento explicar e fundamentar os elementos processuais que fizeram parte da mesma e que a tornaram tão impactante. Na terceira e última parte deste relatório, descrevo de forma sintetizada as atividades que desenvolvi durante o estágio, utilizando uma estrutura de diário para explicar a progressão prática do mesmo. Por fim, usufruindo da possibilidade que a conclusão deste relatório proporciona, reflito na experiência global que resultou dos meses de trabalho como parte da equipa do Teatro do Eléctrico, deixando ainda uma breve nota de reflexão sobre o próprio mestrado.

1. Teatro do Eléctrico



Figura 1 - Logótipo da companhia Teatro do Eléctrico realizado pelos Burocratik

1.1. História

O Teatro do Eléctrico é uma associação cultural com sede em Lisboa e sob a direção artística de Ricardo Neves-Neves¹. Esta surgiu há dez anos pela grande vontade de Ricardo Neves-Neves e Rita Cruz² continuarem a desenvolver trabalho em conjunto, mesmo após a finalização dos seus estudos. Como jovens criadores sentiam a necessidade de terem uma estrutura própria que apoiasse o desenvolvimento dos seus projetos, podendo manter o controlo e liberdade de colaborar com outros profissionais de teatro e música. Durante os anos esta tem provado ser uma estrutura de sucesso com o apoio da Direção Geral das Artes.

O nome da companhia surge pela mente do próprio diretor quando este em sua casa, antes mesmo de ir de férias para o Algarve, tenta precaver qualquer incidente na sua ausência, desligando a água, o frigorífico, as tomadas, e outros eletrodomésticos, percebendo naquele momento que a "Luz" seria a única coisa que não desligaria. Ao perceber que a "Luz" é um caso específico e que normalmente a mesma não se desliga quando estamos ausentes, surgiu-lhe por associação o nome Teatro do Eléctrico.

Em 2006, por convite do autor Jaime Salazar Sampaio³ e da Sociedade Portuguesa de Autores, abriram-se as portas à possibilidade de a companhia criar um espetáculo para ser apresentado no espaço da SPA. Esse espetáculo seria *Delírio non-desvario*, estreado em 2007 e da autoria de Ricardo Neves-Neves e com encenação de Ana Lázaro.

Consequentemente em 2008 é oficializada a estrutura que veio desde aí produzindo textos originais escritos por Ana Lázaro, Patrícia Andrade, Rita Cruz e Ricardo Neves-Neves. Não só trabalhando a partir de obras originais a companhia adaptou e desenvolveu vários textos

¹ **Ricardo Neves-Neves** – Biografia no Anexo M.

² **Rita Cruz** – Biografia no Anexo M.

³ **Jaime Salazar Sampaio** (1925-2010, Lisboa) – Formou-se em Engenharia, mas é sobretudo como dramaturgo que ficou conhecido. É um autor com uma vasta obra, várias vezes premiada, e quase representada na sua totalidade por companhias de teatro profissionais e amadoras. Traduziu obras de autores como Beckett, Gorki, Albee, Harold Pinter, entre outros e escreveu reflexões sobre teatro.

de dramaturgos como Spiro Scimone, Martin Crimp, Copi, Denis Lachaud, Vitoriano Braga e até uma ópera de Mozart com libreto de Jean-Jacques Rousseau e Edward Albee.

Desde a sua fundação, o Teatro do Eléctrico já realizou os seguintes espetáculos: *O Regresso de Natasha*, texto e encenação de Ricardo Neves-Neves (2008 a 2013); *Manual*, texto de Patrícia Andrade e Ricardo Neves-Neves, encenação de Ricardo Neves-Neves (2008); *Black Vox*, textos e encenação de Ana Lázaro, Patrícia Andrade e Ricardo Neves-Neves (2009); *A Porta Fechou-se e a Casa Era Pequena*, texto e encenação de Ricardo Neves-Neves (2010 e 2011); *A Festa*, texto de Spiro Scimone, encenação de Ricardo Neves-Neves (2011); *Fantoches Gigantes*, texto de Ricardo Neves-Neves, encenação de Paula Sousa (2011 e 2012); *O Solene Resgate*, texto e encenação de Ricardo Neves-Neves (2012 e 2013); *Mary Poppins, a mulher que salvou o mundo*, texto e encenação de Ricardo Neves-Neves (2012 a 2016); *Menos Emergências*, de Martin Crimp, encenação de Ricardo Neves-Neves (2014 a 2016); *Sebastião & Sebastiana*, música de W. A. Mozart, encenação de Ricardo Neves-Neves (2015); *A Batalha de Não Sei Quê*, texto e encenação de Ricardo Neves-Neves (2015); *Ciclo de Leituras Eléctricas*, de Denis Lachaud, Copi e Vitoriano Braga, encenação de Ricardo Neves-Neves (2015); *Mãe com Açúcar*, texto e encenação de Rita Cruz (2015 e 2016); *A Noite da Dona Luciana*, de Copi, encenação de Ricardo Neves-Neves (2016); *Encontrar o Sol*, de Edward Albee, encenação Ricardo Neves-Neves (2017); *A Freguesia*, dramaturgia e encenação Ricardo Neves-Neves (2017); *Karl Valentin Kabarett*, de Karl Valentin, encenação de Ricardo Neves-Neves (2017); *Banda Sonora* Uma criação de Ricardo Neves-Neves e Filipe Raposo⁴ (2018); *Catamarã, Nas Ilhas Salomão ninguém se preocupa com os Erros Ortográficos!* Uma criação de Ana Lázaro⁵ e Ricardo Neves-Neves (2018).

«E há ainda uma evolução por parte da equipa, porque continuamos a experimentar coisas novas quando estamos em cena e é incrível.»⁶ (Neves-Neves, R. (2018). «Demos boleia ao autor de Banda Sonora»

Como companhia é inerente e desejada uma vertente de transmutação relativamente aos papéis criativos no processo de desenvolvimento de diferentes espetáculos. Curiosamente é possível perceber esse mesmo método comparando a primeira peça da companhia, *Delírio non-desvari* da autoria de Ricardo Neves-Neves com encenação de Ana Lázaro, com a mais recente obra, no ano em que completaram dez anos de existência, *Catamarã, Nas Ilhas*

⁴ **Filipe Raposo** (1979, Lisboa) – Biografia no Anexo M. Mais em <https://filiperaposo.com/about/>

⁵ **Ana Lázaro** (1982, Lisboa) - Licenciada em Teatro pela Escola Superior de Teatro e Cinema de Lisboa e formada pela ACT - Escola de Atores. É escritora, atriz, dramaturga e encenadora. Fundou com Hugo C. Franco o núcleo artístico 'dobrar onde colabora com diversos projetos.

⁶ Anexo A: Revista Sábado "Demos boleia ao autor de *Banda Sonora*"

Salomão ninguém se preocupa com os Erros Ortográficos! que por sua vez é da autoria de Ana Lázaro com a encenação de Ricardo Neves-Neves.

1.2. Prémios/distinções/nomeações

Ao longo destes dez anos, o Teatro do Eléctrico já contou com duas nomeações para os Prémios da Sociedade Portuguesa de Autores de 2017: Melhor Espetáculo do Ano e Melhor Atriz do Ano (Rita Cruz), ambos no espetáculo *A Noite da Dona Luciana* de Copi. Por sua vez, Ricardo Neves-Neves conquistou o prémio Revelação na categoria Teatro da Fundação Calouste Gulbenkian / Prémios Novos 2015 e o prémio Herói Gerador 2016 pela Revista *Gerador*⁷.

1.3. Publicações literárias

«Surpreendente, enigmático, divertido, ligeiro, profundo, analítico, rigoroso, disfarçado de ingénuo, escudando-se na lengalenga infantil, no imaginário pop, Ricardo Neves-Neves tem vindo a construir, como autor e como encenador, os espetáculos mais soltos, mais livres, mais desamparados que tenho visto por cá.» (Jorge Silva Melo sobre Ricardo Neves-Neves)

Ao longo dos anos, várias peças originais do Teatro do Eléctrico, escritas por Ricardo Neves-Neves, têm sido publicadas em pequenas edições literárias. A primeira publicação foi em 2013, *A Porta Fechou-se e a Casa Era Pequena* em parceria com a editora Companhia das Ilhas.

«O cliente e o agente imobiliário lançam-se do alto de uma cascata e partem em busca de uma casa ou de uma gruta ou de uma melancia fresquinha onde se possa viver. Em registo anti-épico assim percorrem a pólis de olhos virados a 360º.» (*A Porta Fechou-se e a Casa Era Pequena*, Companhia das Ilhas, 2013)

Mais tarde surgiu o projeto “Livrinhos de Teatro” da companhia Artistas Unidos em parceria com a editora Livros Cotovia. Neste projeto foram publicados em versão de livro de bolso, obras mais uma vez escritas por Ricardo Neves-Neves, tendo sido o primeiro título *Mary Poppins, a mulher que salvou o mundo e outras peças* (2014) e o último *A Batalha de Não sei Quê e outros textos de Ricardo Neves-Neves* (2017).

«Mary Poppins apresenta-se a uma nova família, candidatando-se ao lugar de perceptora. Deve sujeitar-se a uma entrevista de emprego, apresentando o seu vasto curriculum e falando do seu longuíssimo percurso. A família está ansiosa para a receber e lança-se em pedidos e

⁷ Anexo B: Revista *Gerador*

desejos que a perceptora deverá satisfazer.» (*Mary Poppins, a mulher que salvou o mundo e outras peças*, Artistas Unidos/Cotovia, 2014).

«TENENTE: E que mais viste do alto da avioneta?

AVIADOR: O campo da Batalha é muito mais acidentado do que o previsto

FREIRA: Tem subidas?» (*A Batalha de Não sei Quê e outros textos de Ricardo Neves-Neves*, Artistas Unidos/Cotovia, 2017);

Apesar de estas publicações não estarem diretamente ligadas ao meu estágio no Teatro do Eléctrico, decidi referi-las tanto por serem complementos teóricos no desenvolvimento deste relatório como por, em parte, terem sido elementos fundamentais para a escolha da companhia como local de estágio. Mesmo na criação destes textos utilizei estes livros como fundamento teórico pois fazendo esta parte das produções da companhia permitiram-me reafirmar pontos de vista sobre o processo criativo do Ricardo Neves-Neves.

1.4. Enquadramento do estágio na entidade

Para concluirmos o Mestrado de Teatro da Escola Superior de Teatro e Cinema é-nos pedido, no último semestre curricular, que concretizemos um projeto, podendo este ser inserido na U.C. de Projeto Autónomo ou através de uma Dissertação ou Estágio Curricular.

Após uma profunda ponderação, optei por escolher terminar este mestrado através de um estágio, tal como fiz anteriormente na minha licenciatura de Teatro na Escola Superior de Artes e Design das Caldas da Rainha. Esta escolha, por parte baseada num conjunto de premissas e crenças, tanto pessoais como profissionais, tornou-se apenas final ao sentir que o estágio seria fundamental para o meu início de carreira como atriz. O conhecimento que é possível retirar da experiência prática e ativa no mercado profissional é incomparável, mesmo a este nível académico, por tal tornou-se óbvio que seria essa a minha escolha.

Reafirmando este ponto de vista sobre os estágios a nível curricular é fundamental referir a inerente possibilidade que este tipo de experiências tem, para abrir novas portas para o mercado de trabalho, algo que é progressivamente mais difícil no nosso país. A possibilidade de conhecer e conviver com profissionais da área torna-se um apoio imprescindível para entender efetivamente o funcionamento do mundo do teatro em Portugal. Neste caso específico era também extremamente importante para mim poder perceber como funcionava todo o processo de uma companhia de teatro, tanto no seu sentido mais artístico como organizacional.

É por estas razões apresentadas que foquei o meu interesse no estágio, tendo a certeza que seria algo que me ajudaria, de forma impactante, a desenvolver e aplicar os conhecimentos

e técnicas que adquiri ao longo do meu percurso académico. Por sua vez o estágio iria também permitir-me aprender novos conceitos e métodos de trabalho que só me seriam apresentados no meio profissional.

A escolha da companhia Teatro do Eléctrico surgiu pelo interesse no trabalho do Ricardo Neves-Neves, que fiquei a conhecer após o meu primeiro estágio na companhia Primeiros Sintomas. À semelhança desta, também o Teatro do Eléctrico trabalha o coro, um elemento teatral que sempre foi do meu interesse. O Ricardo Neves-Neves sempre esteve ligado ao teatro tal como à música e uma das unicidades que desenvolve no seu trabalho é a aplicação do coro, sempre entre duas ou mais personagens, com a sobreposição de pequenos sons melódicos de forma a criar uma atmosfera que acompanha as ações e desenvolvimentos das personagens. Torna-se impressionante poder ver como a complexidade criativa desses jogos sonoros afetam de forma tão singular e dinâmica todo o corpo da obra.

Por fim, escolhi também o Teatro do Eléctrico como local para estagiar porque o trabalho que tem vindo a ser desenvolvido pela equipa encontra-se em sintonia com os meus interesses artísticos como atriz. Um exemplo desta ligação é visto no facto de, ao contrário de muitas outras companhias de teatro, esta se esforçar para abranger um leque de géneros e temáticas mais vasto, não recorrendo a modas ou clichês para as suas produções. Pois como já foi referido acima, esta companhia trabalha com diferentes dramaturgos e vão invertendo os seus papéis entre a equipa, por essa razão surgem regularmente com ideias, temas e projetos distintos. É por esta variedade de interesses que tanto define a companhia que me senti ainda mais interessada em ter uma oportunidade de conhecer e aprender mais de perto todo o seu método de trabalho.

1.5. Objetivos do estágio

Na primeira reunião que tive com o Teatro do Eléctrico, orientada pela Mafalda Simões (diretora de produção e comunicação) e com a presença do Rafael Gomes (assistente de encenação da *Banda Sonora*), foi-me proposto que durante o período de estágio eu acompanhasse desde o início da criação/produção da peça *Banda Sonora* de Filipe Raposo e Ricardo Neves-Neves, com a encenação deste último. O objetivo principal seria dar apoio ao assistente de encenação, ou seja, ser segunda assistente de encenação, e ajudar na divulgação desta obra.

Outra das propostas feitas durante a reunião foi desenvolver trabalho de aprendizagem na área de produção e comunicação, mais especificamente na preparação de um projeto para concorrer aos apoios artísticos da DGARTES, uma tarefa que tem sido recriada de ano para

ano em vários estágios. Na possibilidade de o projeto para a DGARTES não avançar por qualquer razão, a prioridade seria avançar para uma fase de procura e criação de parcerias com o intuito de facilitar a produção de projetos futuros.

Surgiu também a hipótese de ser novamente segunda assistente de encenação, mas desta vez numa produção infantil e com uma nova assistente de encenação, a Raquel Mendes. Neste projeto seria necessário dar apoio tanto ao nível da encenação como da produção e divulgação do mesmo. A Mafalda Simões mesmo sabendo que o meu estágio possivelmente terminaria antes da produção da peça, convidou-me a permanecer de forma a continuar o meu trabalho até à estreia, se assim eu o quisesse.

Para lá dos objetivos delineados na reunião com a diretora de produção e comunicação, impus a mim própria um conjunto de objetivos que me permitissem sentir concretizada ao terminar o estágio.

Estes são os principais objetivos durante o estágio:

- compreender o processo de criação artística do Teatro do Eléctrico, a partir dos processos conceptuais, desde a pré-produção até à estreia e apresentações ao público;
- observar e analisar as relações e formas de trabalho entre o encenador e os atores e vice-versa;
- observar e analisar o trabalho interpretativo de cada ator de forma a compreender os seus métodos de representação e desenvolver a minha própria capacidade interpretativa;
- conhecer e aprender os métodos utilizados nos vários cargos pelos diferentes profissionais dentro de uma companhia de teatro, mais especificamente na área da representação, encenação e produção;
- dominar processos e competências práticas nas minha várias áreas de trabalho;
- conciliar o conhecimento teórico adquirido na licenciatura e mestrado com o conhecimento prático do estágio;
- desenvolver capacidades pessoais de gestão e organização de tempo e tarefas.

2. O processo de criação de uma peça de teatro

Como profissional o meu foco desde sempre foi a representação e é nesse sentido que me tento fazer crescer, mas as melhores valências que retirei deste estágio encontraram-se noutros elementos. Mesmo já tendo conhecimento base sobre o desenvolvimento de um espetáculo de teatro o que este período de trabalho prático me possibilitou foi o acompanhamento pormenorizado da criação de um espetáculo do início ao fim.

Ao contrário da minha primeira experiência profissional na companhia de teatro Primeiros Sintomas, onde só pude experienciar parte do processo de criação, este estágio mostrou-se mais enriquecedor nesse sentido. A possibilidade de acompanhar de perto todas as fases do processo deixou-me com um sentimento de segurança em termos profissionais, sabendo que possuo agora maiores e mais abrangentes competências para o início de carreira na área. Pois mesmo sabendo que irei apenas encontrar concretização ao representar, tenho noção que é necessário polivalência e disponibilidade para crescer dentro da área e alcançar o meu verdadeiro objetivo.

No decorrer do relatório vou descrever o culminar da informação e conhecimento que adquiri neste processo prático, explicando cada uma das fases de trabalho a que pude assistir e integrar. No caso dos dois projetos dos quais fiz parte, pude retirar experiências diferentes principalmente pela diferente dimensão de cada um. Estes textos mais do que uma simples listas de ações são o resultado de um pensamento analítico do meu processo de aprendizagem.

2.1. *Banda Sonora*



Figura 2 - *Banda Sonora*. Fotografia © Alípio Padilha

O meu estágio teve início com o acompanhamento dos ensaios do espetáculo *Banda Sonora*, seguindo o processo de trabalho dos criadores da mesma, Filipe Raposo e Ricardo Neves-Neves. Esta peça original surge por ligação a uma outra obra, também da autoria de Ricardo Neves-Neves, *The Swimming Pool Party*, que relata um homicídio de uma festa de piscina. Nessa mesma peça existe uma personagem órfã pela qual Ricardo Neves-Neves sente um especial interesse criativo, sentindo que a mesma sofria de uma falta de desenvolvimento na obra original. Como dramaturgo Ricardo Neves-Neves acreditava que a mesma tinha um extenso potencial para crescer para lá do texto original e foi isso que fez. A *Banda Sonora* nasce então dessa vontade em fortalecer para lá do seu contexto normal uma personagem. Inspirado obviamente pela *The Swimming Pool Party*, este novo texto desassocia-se de forma demarcada, sendo apenas possível reconhecer as suas ligações acedendo à história por de trás da criação da *Banda Sonora*.

A *Banda Sonora* tem uma composição musical original, pois ao contrário do que acontecia nas outras peças da autoria de Ricardo Neves-Neves, nesta surgiu primeiro a música e consequentemente a escrita. Apesar de um formato de criação pouco ortodoxo, é natural para o processo do Ricardo Neves-Neves, pois está ligada de certa forma ao seu percurso artístico que procura utilizar a música como influência emocional. Os dois autores trabalharam em conjunto de forma a construir em dezassete cenas, uma peça dinâmica e apelativa através de uma harmoniosa união entre representação, canto e coreografia.

«A partir do momento em que descobro a música dessa cena, é mais fácil de escrever, porque a música tem uma curvatura emocional, pausas.... Conseguimos imaginar várias pessoas a falar, as dinâmicas e atribulações da conversa, através da música. Há aqui uma ligação especial com música e esta vez foi a primeira em que trabalhei com música original e não com algo que já existia – falei com o compositor primeiro. É como um jogo: a partir daquela música é a minha vez de jogar e, sendo a minha vez de jogar, é a minha vez de escrever.»⁸ (Revista *Máxima* Ricardo Neves-Neves)

Tal como noutras peças, o autor recorre com inspiração no recurso paródico aos jogos *non sense*, bem como no teatro do absurdo, que de acordo com Patrice Pavis se define como uma antipeça da dramaturgia clássica, uma peça sem intriga nem personagens visivelmente definidas, sendo o acaso e a invenção o domínio da sua criação. Este género teatral recusa qualquer imitação psicológica ou expressiva da realidade, de forma a que o público seja forçado a assumir as regras físicas de um novo mundo ficcionado. Explorando ideias de comunicação principalmente através da fábula e da fantasia, o teatro do absurdo dialoga recorrentemente sobre elementos do próprio teatro. Ultrapassando em termos de obra final a

⁸ Anexo C: Revista *Máxima*

prática surrealista da escrita automática, o teatro do absurdo - expressão formulada por Martin Esslin no seu livro homónimo de 1961 - conseguiu elevar e interligar a escrita do sonho, do inconsciente e do mundo espiritual de forma cénica através da reprodução visual da alma humana

Foram utilizadas várias fontes de inspiração incluindo o cinema, mas todas elas sempre ligadas ao universo fantástico do horror. A pesquisa foi fundamentada principalmente no visionamento de obras clássicas do cinema do horror, tal como num estudo aprofundado das obras de Edgar Allan Poe e Howard Phillips Lovecraft. Em termos estéticos e narrativos, o projeto foi também beber às animações sombrias de Tim Burton e às próprias vivências da infância do dramaturgo. A fusão de todos estes elementos deu origem à estrutura criativa que tornou esta obra, que fala em dissecar répteis e corpos humanos tal como fantasmas e o renascimento em forma de árvore, uma realidade.

«*Banda Sonora* fala-nos, acima de tudo, da vulnerabilidade e do amor com sátira aguçada ao nosso quotidiano, tão feito de histórias hilariantes.» (Revista *Máxima* Ricardo Neves-Neves)

Durante a fase de investigação para a peça, a característica que mais cativou e influenciou Ricardo Neves-Neves foi o facto de descobrir que existe em várias histórias um tom de brincadeira que se desenvolve de forma trágica para uma maldade infantil, que é habitada por uma ingénua violência e crueldade, tanto física como psicológica.

«Encontrei este lado trágico como um lado inevitável da vida, a par de um lado colorido e leve – que também gosto de trabalhar. Dá uma certa cor ao espetáculo. Explorei o facto de as pessoas terem uma certa vergonha da alegria, de rir e, afinal, prescindir da alegria é prescindir de uma parte fundamental da vida. Apesar do lado negro do espetáculo, quis trabalhar a alegria das personagens.» (Revista *Máxima* Ricardo Neves-Neves)

Com apenas dois meses de criação e preparação este espetáculo foi um difícil exercício de produção, chegando mesmo a contar com uma equipa de cerca de sessenta elementos. Os ensaios começaram em torno das interpretações musicais das atrizes, tendo estes sido dirigidos pelo professor de voz João Henriques. Tendo em conta que no decorrer desta fase de trabalho os textos dramáticos ainda estavam a ser desenvolvidos por Ricardo Neves-Neves, optou-se por intercalar os ensaios de cada componente.

O desenrolar da peça é guiado pelos temas narrados nas músicas, tais como a arte de fumar, a biologia animal, a farsa do amor, o relacionamento parental, entre outros; por isso, a construção dramática foi trabalhada sempre de acordo às referências musicais. Mesmo já tendo toda a estrutura musical desenvolvida, o processo de escrita dos textos dramáticos

foi fragmentado sendo entregues à medida que o autor terminava cada cena. Ao existir uma constante incógnita, o processo de criação da peça foi indiscutivelmente confuso, além de demorado. Só foi possível ter uma noção completa de toda a peça quando foi entregue o texto da última cena. Este método causou algum desconforto no elenco, recebendo este de forma inesperada e repartida os seus monólogos, não lhes sendo possível aprofundar o desenvolvimento das personagens por falta de uma imagem completa dos mesmos. Dentro de cada dueto, as atrizes tinham de encontrar um tom e um ritmo que fosse adequado para ambas porque qualquer falha a nível de voz, fosse ela cantada ou falada, era de imediato detetado, tendo o seu trabalho consistido no aperfeiçoamento da sincronia e ritmo. Para lá do trabalho vocal, as seis atrizes tiveram de ensaiar intensamente uma difícil coreografia, definida por movimentos concisos e quase mecânicos das personagens. Este trabalho de corpo foi ainda mais complexo pelo facto de muitos dos gestos e ações serem fulcrais para a forma de comunicar de cada personagem.

A fase de ensaios foi simplificada apenas a poucas semanas da estreia quando foi possível ter uma noção completa do guião e da composição do espetáculo; isto permitiu ensaiar de forma ordenada e cronológica o texto da peça, facilitando imensamente qualquer alteração ou ajuste necessário.

O desenvolvimento deste projeto foi extremamente intensivo, tendo-se construído toda este espetáculo de raiz em apenas dois meses. Com cerca de dez composições musicais, trinta páginas de texto dramaturgico, figurinos extremamente detalhados, caracterizações híper complexas e um cenário altamente sofisticado, é possível deduzir a intensidade da rotina diária de ensaios. Adicionando à exigência natural dos ensaios tivemos que alternar o local dos mesmo por diversas vezes, pois na atual sede da companhia as salas de ensaios estavam recorrentemente indisponíveis, sendo estas partilhadas com outras estruturas. Apareceu a possibilidade de realizar os ensaios que ainda faltavam no escritório da companhia, mas esta mostrou-se também impossível por ser um espaço muito pequeno e estando também ocupado com figurinos e adereços de peças anteriores. Com estas dificuldades acrescidas, os ensaios foram então divididos entre o Pólo Cultural das Gaivotas | Boavista e o Fórum Dança – Associação Cultural, um espaço partilhado com a estrutura de produção teatral, Causas Comuns.

De forma a complementar o entendimento sobre a construção deste espetáculo explicarei como surgiram e foram implementados todos os elementos de grande complexidade que contribuíram para a construção da peça, especificamente os figurinos, a caracterização e o cenário. Não tendo acompanhado de perto o desenvolvimento destes elementos do

espetáculo, utilizarei os testemunhos dos próprios criadores para melhor descrever as etapas de produção de cada um.

«Na caracterização e nos figurinos, queria trabalhar ao mesmo tempo o belo e o grotesco, a alegria e a melancolia, a saúde e o decrépito;»⁹ (Ricardo Neves-Neves)

Como figurinista, Rafaela Mapril procurou encontrar no elemento da estranheza a característica paralela a todas as personagens. Pegando em elementos de referências clássicas, como *Alice no País das Maravilhas*, Mapril procurou uma estética fantástica e simultaneamente elegante, conseguindo-o através da distorção de escalas e formas, numa opulência quase festiva, dos figurinos das três personagens em cena. Em suma refere que as meninas estão «Todas elegantes e preparadas para uma ocasião especial.»¹⁰

«Imagine-se que vêm à terra uns extraterrestres ver como vivem os homens. Quando voltarem e reproduzirem o que aqui viram haverá sempre um desvio.» (Ricardo Neves-Neves)

«Um verdadeiro trabalho de laboratório.»¹¹ É assim que Cidália Espadinha, a caracterizadora que não teve uma tarefa fácil, define o seu trabalho neste projeto. Para este projeto, Cidália teve que trabalhar numa difícil técnica de caracterização à base de látex, dando esta um aspeto realista e detalhado exigido pelas próprias características do texto. A elaboração da caracterização foi acompanhada pelo encenador de forma a que este pudesse, a partir da sua inspiração em criaturas deformadas e estranhas, repensar certas particularidades do visual de cada personagem. Apesar de esta técnica ser reutilizável de espetáculo para espetáculo, eram precisas três horas e meia para preparar as seis atrizes, por essa razão foi necessário juntar uma equipa de seis elementos para preparar o elenco em todas as sessões.

«no cenário, o mistério, o tenebroso da floresta, do desconhecido, da sombra, e a natureza, a primavera florida e perfumada.» (Ricardo Neves-Neves)

Henrique Ralheta, o cenógrafo que auxiliado por uma pequena equipa de cenografia, incluindo alguns elementos da equipa de produção e de encenação, conseguiu em apenas duas semanas produzir todo o cenário da peça, refere que este «É um cenário naturalista, mas com características surrealistas, indo ao encontro do tom da peça.»¹² Para a construção deste cenário, o cenógrafo trabalhou principalmente através das imagens transmitidas pelo encenador, que procurava um ambiente fantástico, com uma aura entre o romântico e o fúnebre. Para tornar o espaço em cena o mais natural e realista possível, foram utilizados

⁹ Anexo D: Folha de sala *Banda Sonora* resposta de Ricardo Neves-Neves

¹⁰ Anexo D: Folha de sala *Banda Sonora* resposta de Rafaela Mapril

¹¹ Anexo D: Folha de sala *Banda Sonora* resposta de Cidália Espadinha

¹² Anexo D: Folha de sala *Banda Sonora* resposta de Henrique Ralheta

adereços orgânicos tais como troncos, galhos, flores e árvores, sempre com o intuito de criar um ambiente semelhante ao de uma floresta. Estas características dão acesso a uma falsa realidade, que com o desenvolver da narrativa se alteram, desafiando os limites da realidade através da própria estrutura do cenário, como por exemplo o movimento das árvores, um dos elementos mais surpreendentes da peça. Encontramos novamente uma inspiração do surreal aplicada à construção do espéculo, mas desta vez utilizando a desconstrução do normal e espectável por parte do público, contrariando o que este assumia como real.

«São os contrastes normais da vida: ter medo e enfrentar... é o símbolo da vontade de viver.»
(Ricardo Neves-Neves)

2.1.1 Compreender a peça



Figura 3 – *Banda Sonora*. Fotografia © Alípio Padilha

«Nas seis mulheres em palco está espelhada a humanidade. E a música está lá desde do início, a peça começa com um instrumento de percussão e esse primeiro gesto inicial celebra o nascimento da humanidade, é o momento em que a humanidade ganha consciência dela própria.»¹³ (Filipe Raposo)

Banda Sonora gira em torno das histórias de vida de três meninas órfãs, que de forma fantasiosa e onírica nos contam como os pais perderam a vida, tentando num jogo de egos realçar o valor e altruísmo dos seus progenitores. As três personagens que controlam este mundo da fantasia são: uma criança de oito anos, apaixonada pela ciência por influência da sua mãe que a ensinara ainda em pequena a dissecar sapos - esta paixão cresceu para uma fervorosa vontade de realizar a mesma operação nos seres humanos; uma pré-adolescente de doze anos que inserida num contexto social burguês descobre que a mãe que tanto amava

¹³Anexo D: Folha de sala *Banda Sonora* resposta de Filipe Raposo

perdeu a vida pelas mãos da sua própria avó, sentindo-se na obrigação de pagar do mesmo modo o ato vil; e uma adolescente de quinze anos que por amor ao pai se vê forçada a crescer demasiado depressa tentando ocupar o lugar da mãe, como dona de casa e tomando conta do pai, por sentir-se culpada pelo facto desta ter morrido ao dá-la à luz.

«Encontrámos um funcionamento destas personagens que tem muito a ver com a infância, mas também a relação com o adulto, com aquilo que se aprende, o que se aplica ao longo da vida, as consequências que isso traz, o que é isto de os lançarmos para o mundo. Tem a ver também com a nossa solidão e com o facto de, às vezes, não termos unhas para a vida.»
(Ricardo Neves-Neves)

Cada uma destas personagens conta a sua história de vida cruzando-se num choque de personalidades. A órfã do meio é ridicularizada pelas outras duas que constantemente a apelidam de parvalhona e burra, mas esta parece não se preocupar, estando focada no seu suposto relacionamento amoroso. A criança mais nova, irrequieta e brincalhona, vive presa aos ensinamentos da mãe tentando repetidamente lembrar-se que não pode dissecar outro ser humano por muito que o queira fazer. A mais velha do grupo, assumindo ainda o seu papel de mãe tenta controlar as outras duas para que estas não façam nada de errado, no entanto ensina-as a fumar para se tornarem também mulheres.

Com o desenrolar da narrativa todas as personagens acabam por morrer, após a órfã mais nova não conseguir resistir em ver o que existe dentro de um ser humano. Quando o grupo se prepara para ir dormir, a mais nova vê a órfã do meio a dançar durante o sono e não acreditando que esta é um ser humano tenta descobrir que espécie de ser é na realidade. Não resistindo à curiosidade, a mais nova, tentando dissecar a órfã do meio, como a mãe fizera com os sapos, cometendo um erro acaba por colocar termo à vida desta. A adolescente ao ser morta acaba por se transformar num fantasma vingativo procurando restituir à Natureza o que dela fora roubado. Ao ver o perigo que a criança mais pequena corria, a rapariga mais velha tenta protegê-la num ato final de maternidade acabando esta por morrer nas mãos do fantasma. Sem ninguém para a proteger, a pequena assassina é estrangulada pelo fantasma da órfã do meio. No final, todas as meninas são devolvidas à Natureza renascendo como árvores floridas. Estando a narrativa estruturada de forma a que a peça pareça decorrer em apenas um dia, esta pode também ser interpretada como um possível olhar retrospectivo sobre as vidas de cada uma das personagens.

Durante a conversa com o público, na última sessão da *Banda Sonora*, Ricardo Neves-Neves referiu que o conceito de espaço e tempo de Aristóteles não se adequa à criação das suas peças, um elemento que se encontra de acordo como o já referido teatro do absurdo. Seguindo este pensamento o dramaturgo explica ainda como esses conceitos ditos

aristotélicos não existem sequer no seu formato usual nas personagens das suas peças. No caso da *Banda Sonora* podemos perceber este pensamento criativo e conceptual pelo facto de as três personagens mesmo existindo naquela floresta ao mesmo tempo, vêm todas de diferentes épocas sociais. As mais pequenas, vivendo numa espécie de período jurássico, não sendo ainda sequer seres humanos, nascem de ovos e tem uma mãe com asas; as médias vivem numa família abastada na época medieval; e por fim as mais velhas vivem na década de 50 nos subúrbios de uma grande cidade nos Estados Unidos.

«Temos três grupos de duas meninas e três grupos na própria cena. A orquestra funciona como uma massa e tem uma presença visual e sonora. Entre a orquestra e as meninas está o cenário que é a floresta e que funciona como símbolo. As atrizes estão à frente da floresta, porque não queria deslocar a ideia de recital, da cantora à boca de cena, queria mesmo trabalhar o cliché da ópera. E, por isso, elas fazem uma vénia depois de qualquer coisa mais elaborada.» (Ricardo Neves-Neves)

Em entrevista à revista *Máxima*, Ricardo Neves-Neves refere que esta é a principal mensagem da peça *Banda Sonora*:

«Tem tudo a ver com a efemeridade da vida. O espetáculo tem a ver com duas coisas: saudade e amor. A saudade do passado, o amor do presente com projeção do futuro. Tem tudo a ver com a vontade de viver. A última frase do espetáculo é: "Eu quero viver."»¹⁴ (Revista *Máxima* Ricardo Neves-Neves)

2.1.2. Os ensaios

«São três pares de meninas, mas nunca sabemos se são duas pessoas ou apenas uma e se a voz que ouvimos é apenas um reflexo, um eco.» (Filipe Raposo)

Como foi referido anteriormente, o texto foi um processo demorado para o dramaturgo e consequentemente, tendo já sido as músicas concluídas, os ensaios começaram pelo trabalho de canto. Estes ensaios eram dirigidos por João Henriques¹⁵, na sala de ensaio no Pólo Cultural das Gaivotas, e tendo em conta o facto de ser necessário trabalhar a pares e, por vezes, a trios foi fulcral desenvolver um plano de ensaios que se focasse no equilíbrio e sincronia vocal. Este período prático foi fundamental para conseguir encontrar uma coerência e fluidez sonora, essencial para o trabalho de representação em uníssono.

¹⁴ Anexo C: Revista *Máxima*

¹⁵ João Henriques – Biografia no Anexo M.

Para explicar um pouco o processo destes ensaios de canto, podemos começar com a canção *A Arte do Tabagismo*¹⁶; esta teria de apresentar um registo picado, com um ritmo de semicolcheias e colcheias, algo que levou ao surgimento de várias dificuldades, principalmente devidas ao rápido ritmo. Com estas premissas de composição tornou-se claro que o elenco iria ter que trabalhar as respirações e o controlo do diafragma para que fosse perceptível vocalmente as palavras cantadas num ritmo tão marcado. A canção *Sapo Sapiens*¹⁷, demonstrava alguma loucura e traição. Foi preciso ter cuidado com os automatismos tendo em conta as repetições da melodia, existindo a possibilidade de uma música tornar-se aborrecida era necessário diversificar a expressão nas frases melódicas. Na canção *ao Pai no Céu*¹⁸, temos um texto que fala do relacionamento da filha com o pai, tocando em elemento de teor sexual, onde nos foi esclarecido que se poderia explorar subtilmente o complexo de Édipo. Por sua vez, nas restantes músicas foi facilmente perceptível que era apenas necessário aumentar o *twang* vocal, sem exagero, preservando a expressão infantil das personagens, não esquecendo de reforçar o sarcasmo e pensamento perverso no próprio trabalho da voz.

Posteriormente e em simultâneo com os ensaios de voz, iniciaram-se os ensaios de dramaturgia entre o Pólo das Gaivotas e o Fórum Dança. Esta fase de trabalho entre o encenador e as duplas de atrizes teve como foco encontrar a melhor linguagem representativa de cada personagem. Durante este período fora analisado e aperfeiçoado o texto de modo a encontrar o tom certo e as movimentações adequadas às ações das personagens, considerando o próprio *feedback* interpretativo do elenco. Após completar o processo preparação das duplas, foram realizados exercícios entre os três pares de forma a tornar a representação coerente.

«Há aqui uma menina que tem uma avó com um problema na anca e por isso as suas pernas andam como os ponteiros do relógio. Ela percebe que, ao empurrar a avó, consegue manipular o tempo para andar para trás. Isso é um controlo da vida que não conseguimos ter, mas que é sempre uma grande ansiedade para qualquer pessoa. E vemos estas crianças sozinhas numa floresta e pensamos como é que há pessoas que têm forças para andar. Essa melancolia está no espetáculo.» (Ricardo Neves-Neves)

Para tornar mais dinâmico o desenrolar da peça, existiu a carência de criar um separador de texto que desse uma respiração entre monólogos; por tal foi introduzida uma nova música, a *Canção do Relógio*¹⁹, que interpretada pelas órfãs do meio, falava sobre o desejo de pôr

¹⁶ Anexo E: Versão final de texto da *Banda Sonora* (p.9-10)

¹⁷ Anexo E: Versão final de texto da *Banda Sonora* (p.17-18)

¹⁸ Anexo E: Versão final de texto da *Banda Sonora* (p.45)

¹⁹ Anexo E: Versão final de texto da *Banda Sonora* (p.35)

termo à vida da avó. Por sua vez, esta música impunha um tom mais agudo e foi fundamental adaptar as vozes das respetivas atrizes ao tom da melodia. Foram ensaiados diferentes timbres de modo a criar acordes harmoniosos que em parceria com a divisão métrica das frases pelas vozes, foi possível produzir uma agradável sonoridade e sensação de grandiosidade dada pelo coro das seis personagens.

Quando já se encontrava próxima a finalização de todos estes processos, ficou a cargo da coreógrafa, Sónia Baptista, criar e ensaiar as coreografias do espetáculo, assim como os pequenos gestos e movimentos das personagens nas suas ações em cena. Estes ensaios de movimento detinham uma complexidade elevada algo que requereu muitas horas de trabalho para que fossem acertados todos os detalhes do movimento corporal.

Ao chegar perto da reta final, foram sentidas e demonstradas algumas frustrações por parte equipa: o tempo, as exigências, os problemas pessoais e o cansaço foram alguns dos motivos que deixaram as atrizes em descontentamento devido à grande exigência do espetáculo, que requeria claramente mais tempo de preparação.

2.1.3. A estreia no Teatro Municipal São Luiz

Fomos recebidos pelo Teatro Municipal São Luiz, em Lisboa, duas semanas antes da estreia da *Banda Sonora*. Estes dias de preparação foram intensos, prolongando-se repetidamente até tarde. Estas duas semanas serviram, em simultâneo, para a montagem do cenário, para a finalização dos ensaios de texto e movimento, tal como testes técnicos e de imprensa. Durante esta fase foram ainda efetuados os últimos testes de caracterização e figurinos. Enquanto eram desempenhadas essas atividades, as assistentes de encenação finalizavam a distribuição de cartazes²⁰ e *flyers*²¹ pela cidade de Lisboa ao mesmo tempo que faziam qualquer compra de materiais que iam sendo necessitados à última hora. A apenas três dias da estreia a Orquestra Metropolitana de Lisboa dirigida pelo maestro Cesário Costa ensaiou pela primeira vez com o elenco, tendo sido realizados ensaios corridos no palco do Teatro Municipal São Luiz.

O dia de estreia começou cedo para a equipa técnica que fazia os últimos preparativos para a apresentação. Não havendo ensaio de manhã, para o descanso do elenco, foi apenas pelas quinze horas que se deu o início às caracterizações, sendo necessária pelo menos uma hora de preparação para cada atriz. O palco foi preparado com a colocação dos adereços das

²⁰ Anexo F: Cartazes de divulgação do espetáculo *Banda Sonora*

²¹ Anexo G: *Flyers* do espetáculo de *Banda Sonora*

personagens nos devidos locais e verificando se estava tudo o que era necessário em cena. As seis atrizes juntamente com o professor de João Henriques, fizeram os últimos aquecimentos de voz e de seguida prepararam-se para a entrada em palco. A ansiedade e o nervosismo eram notórios em toda a equipa que desejava que tudo corresse bem e que a peça tivesse uma boa receção por parte do público. Era sentido o êxtase da equipa no *backstage* ao perceber durante o espetáculo que o público compreendia as metáforas cómicas que eram utilizadas.

A sessão termina oitenta minutos depois com o público aplaudindo entusiasticamente, toda a equipa sobe ao palco agradecendo a presença dos espectadores. Mesmo a estreia tendo sido apenas para um público de convidados é possível dizer confiantemente que foi um sucesso em todos os seus elementos. Neste dia de estreia, foi também preparado um beberete para os convidados e equipa, este pequeno evento teve como intuito permitir um convívio aberto e um momento de descontração para a equipa. Durante este espaço de tempo foi possível partilhar ideias e opiniões sobre a peça entre a equipa e o público, algo que é fulcral para a divulgação da peça através do boca-à-boca.

Após a estreia seguiram-se mais dez sessões na sala Luís Miguel Cintra. A cada nova sessão, o cansaço físico e psicológico tornava-se cada vez mais notório, levando a que surgissem algumas falhas tanto na parte técnica como na interpretativa. No último dia de apresentação, o espetáculo foi realizado à tarde e teve como foco permitir a um público com necessidades especiais apreciar a obra. Para tal contou-se com a participação de duas interpretes de língua gestual tal como a áudiodescrição. Previamente foi dada a conhecer aos espectadores invisuais a narrativa da peça e as suas personagens, onde foi possível os mesmos presenciarem e sentirem o cenário, as caracterizações e os figurinos. Esta última sessão foi a que teve maior afluência por parte do público, tendo sido também o dia de conversa entre a equipa e os espectadores presentes. Nesta conversa foram esclarecidas e discutidas várias dúvidas e ideias sobre a peça. Este curto diálogo foi fundamental para o desenvolvimento deste relatório, pois permitiu-me registar um conjunto de apontamentos e relatos que me esclareceram várias questões conceptuais, importantes para a construção destes textos.

Em suma, a peça *Banda Sonora* serviu como ponto de entrada na companhia e deu ao meu estágio um arranque mais acelerado do que estava à espera. O facto de ser um espetáculo construída em tão pouco tempo retirou a possibilidade de uma ambientação lenta à equipa e à obra, algo que funcionou a meu favor, pois facilitou a criação de laços profissionais entre mim e os membros da equipa. Mesmo tendo sido uma produção intensa, senti que cresci bastante, pois fui forçada pelas condições a ser pragmática e eficaz na resolução das minhas

tarefas, não podendo nem querendo que a minha inexperiência atrasasse o trabalho da equipa. Apesar de ter sido uma adaptação difícil em termos de ritmo, a possibilidade de trabalhar numa produção cénica com características tão marcantes deu-me maior alento para me sobrepôr ao cansaço e desmotivação. A peça cativou-me profundamente pela sua criatividade e inteligente adaptação de inspirações, como por exemplo o cenário deslumbrante e mágico, mas ao mesmo tempo sobrenatural e macabro, que representa a floresta perigosa nos contos infantis, mas agora habitada por três estranhas crianças. Foi um prazer poder acompanhar desde o seu início, ao som dos trinta e cinco elementos da Orquestra Metropolitana de Lisboa, no dia 9 de março até ao fecho das cortinas no dia 18 de março no Teatro Municipal São Luiz.

2.2. *Catamarã, Nas Ilhas Salomão ninguém se preocupa com os Erros Ortográficos!*



Figura 4 – Fotografia promocional de Alípio Padilha, cedida pelo Teatro do Eléctrico para divulgação

O meu percurso como estagiária no Teatro do Eléctrico termina com uma produção cénica de teor infantil, *Catamarã, Nas Ilhas Salomão ninguém se preocupa com os Erros Ortográficos!*,²² uma criação da dramaturga Ana Lázaro e do encenador Ricardo Neves-Neves. Este espetáculo, dedicado às crianças, conta com o apoio da Culturgest, do Cineteatro Louletano e do Teatro do Eléctrico, tendo sido criado com o intuito de ser levado a vários pontos do país, de forma a ser apresentado ao maior número possível de agrupamentos de escolares.

Catamarã, Nas Ilhas Salomão ninguém se preocupa com os Erros Ortográficos! é uma peça infantil dividida em apenas duas cenas. Esta produção cénica, tal como no caso da *Banda Sonora*, contou com pouco tempo de desenvolvimento, tendo passado apenas um mês de trabalho entre a sua criação e a antestreia em julho de 2018, nos Recreios da Amadora.

²² Anexo I: Versão final do texto para antestreia de *Catamarã, Nas Ilhas Salomão ninguém se preocupa com os Erros Ortográficos!*

Mesmo não estando de momento a trabalhar com o Teatro do Eléctrico, sei que tendo em conta o *feedback* da antestreia e o hiato no desenvolvimento da peça, novos elementos irão ser adicionados para a estreia efetiva do espetáculo, sendo introduzidos novas características, como o coro. Os ensaios têm decorrido, de forma esporádica, na Culturgest, onde se irá realizar também a estreia do espetáculo, marcada para finais de novembro do presente ano, altura mais adequada ao público infantil que estando em período escolar, poderá assistir ao espetáculo com o acompanhamento das escolas.

O elenco desta produção cénica é formado apenas por dois atores, Susana Madeira²³ e Vítor Oliveira²⁴, que dão vida às duas personagens imaginados por Ana Lázaro, sendo estas Catamarã e um Rapaz, a quem Catamarã intitula de “peixe-bolha”. Esta peça conta-nos a história de duas personagens, que se conheceram no pátio onde moravam - um rapaz com uma grande capacidade para fazer cálculos matemáticos, mas que tem dificuldades em pronunciar as palavras corretamente e decide criar um plano para que não tenha de lidar com esse problema no futuro; e uma rapariga, que deseja ser capitã de um barco para navegar pelas ilhas do oceano Pacífico e caçar insetos exóticos para a sua coleção. Esta narrativa retrata um paralelo entre a idade infantil e adulta desde as diferenças físicas e psicológicas à verdadeira realidade, que todo o ser humano enfrenta no seu percurso de vida.

Para que esta produção cénica fosse realizada da melhor forma, foi essencial uma afeição, principalmente por parte dos atores, pela peça dramatúrgica, para que o trabalho de representação fosse mais natural. Assim, a dramaturga Ana Lázaro propôs a toda a equipa, presente no ensaio, o visionamento de dois filmes de animação - *Divertida-Mente (Inside Out)* e *Gru: O Maldispósito (Despicable Me)*. O primeiro filme conta-nos a história de Riley Andersen, uma rapariga de onze anos que enfrenta diversas mudanças na sua vida, mas a principal foi a ter de mudar-se da cidade onde nasceu, no estado de Minnesota nos Estados Unidos da América, para a longínqua cidade de São Francisco. O enredo desenrola-se dentro da mente da rapariga onde as cinco emoções – Alegria, Tristeza, Medo, Raiva e Repulsa - tentam conduzir a sua vida, sendo estes responsáveis pelo processamento de informações e armazenamento de memórias tal como as emoções que a mesma exprime. O segundo filme, de tom mais cómico e ligeiro, foca-se mais na ligação familiar, pensando sobre questões de amizade, dedicação, carinho e segurança, sendo que todos estes elementos estão filtrados por cenas de grande humor e ação. Tendo início com a apresentação da personagem

²³ **Susana Madeira** (1980, Porto) - Licenciou-se em Estudos Teatrais na Escola Superior de Música Artes e Espetáculo. É atriz com experiência em teatro, televisão e cinema. Fez várias assistências de encenação e locuções. Colabora em diversos projetos com a Associação PELE. É membro do NTO – Porto, onde colabora em diferentes projetos de Teatro-fórum e onde dá formação de Expressão Dramática.

²⁴ **Vítor Oliveira** (1981, Lisboa) – É ator formado pela Escola Superior de Teatro e Cinema e pela Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo. Colabora em diversos projetos com o Teatro do Eléctrico e com a King of Black Box A.C.

principal, Gru sonha ser o maior vilão da história e para tal planeia roubar a lua. Gru mostra-se como uma pessoa malévola e antissocial, mas o desenrolar da narrativa desconstrói a personalidade do mesmo, revelando os seus verdadeiros sentimentos, passando a ser reconhecido pelo espectador como um pai carinhoso e preocupado.

Estes filmes de animação ajudaram a compreender o comportamento dos jovens na pré-adolescência, mas também características fundamentais para a criação de uma peça infantil, percebendo questões como o tipo de discurso adequado e o modo de captar a atenção juvenil. Por sua vez, o encenador sentiu também que esta inspiração o iria auxiliar a criar uma atmosfera cénica que conseguisse conquistar o público infantil.

O estudo destes filmes permitiu uma análise atenta dos temas presentes nos mesmos, dissecando-os e adaptando-os à escrita da peça, sendo algumas das ligações mais óbvias do que outras.

As estruturas criativas e inovadoras dos dois filmes de animação deram acesso, de forma criativa, às emoções e relacionamentos humanos, e sobre os quais nos inspirámos para estruturar nesta peça vários elementos narrativos e de desenvolvimento das personagens, sendo alguns dos exemplos mais interessantes os seguintes:

- O Rapaz inicia o seu monólogo com memórias de quando era criança, sobre o facto de os adultos não o terem avisado das mudanças que acompanham o crescimento. A personagem percebe, ao crescer, que existem ligações emocionais que se perdem, não apreciando o que certas coisas representavam, quando erámos ainda crianças, no entanto quando crescemos também ganhamos coisas. Este tema, da memória e do crescimento, é um dos focos do filme *Divertida-Mente*, que explora a forma como as lembranças estão diretamente ligadas aos sentimentos, e como a idade altera a forma como olhamos para essas mesmas lembranças, exatamente o que o Rapaz, na narrativa da peça, percebe.

- Na peça dramática, a monoparentalidade é uma característica comum às duas personagens principais, sendo que o Rapaz vive apenas com a mãe e a Catamarã, apenas com o pai. Tal como no filme do *Gru: O Maldisposto*, é possível perceber que a utilização desta estrutura familiar realça questões sobre o amor parental e a própria forma das crianças verem o mundo à sua volta.

- Um momento marcante, na peça dramática, para a personagem do Rapaz, acontece quando este, no dia do seu aniversário, se vê de castigo por ter tido negativa no teste de Português. Ao sentir, que aquele era o pior aniversário da sua vida, cresceu em raiva e discutiu com a sua mãe, não ponderando nas consequências. Sentindo uma profunda frustração, o Rapaz fugiu para o pátio no último andar do seu prédio, onde podia apreciar o

céu estrelado e planejar uma forma de não voltar a ter problemas com o português. Novamente, podemos encontrar no filme *Divertida-Mente* um olhar cativante sobre as mesmas questões, pois ao separar e tornar em figuras - a raiva e a tristeza - é possível perceber os seus efeitos na mente de uma criança. Enquanto a raiva impede injustiças e estimula as pessoas a defender-se, como no caso do Rapaz perante a decisão da sua mãe, esta pode crescer e tornar-se destrutiva. No caso da tristeza, tanto no filme como na narrativa da peça, é um elemento que se torna essencial, para encarar e lidar com os momentos difíceis da vida, obrigando quem a sente a ponderar sobre a suas escolhas e ideias.

- Nesta obra cénica, tal como no filme sobre o vilão que procura roubar a lua, são apresentadas duas personagens que conseguem apenas ver um objetivo na sua vida, não tendo qualquer interesse em outras emoções e relacionamentos. Na peça dramatúrgica, temos a personagem Catamarã, que vive, eletricamente, à procura de uma possibilidade de navegar pelas ilhas do oceano Pacífico em busca de insetos exóticos para a sua coleção; e no caso do filme, temos a personagem Gru, que viveu, toda a sua vida, a tentar tornar-se o maior vilão de sempre, construindo toda a sua existência em volta desse mesmo objetivo. Mesmo parecendo que esta dedicação, das personagens, é favorável para as suas vidas, são óbvios os problemas que a mesma trás, algo que o Rapaz na narrativa refere, avisando Catamarã que essa postura só lhe trará problemas no futuro, que esta nem está a ponderar.

Após um processo de pesquisa e discussão, tornou-se, para ambos os atores, extremamente mais simples interpretar o texto, compreendendo melhor as intenções da dramaturga. Foram apenas necessárias, duas semanas de ensaios de texto para que fosse possível ao elenco trabalhar em palco os aspetos interpretativos, já sem qualquer apoio do texto em papel. Para garantir a correta interpretação do texto dentro da linha de fluidez definida na peça, os ensaios foram acompanhados por um ponto, que era responsável por acompanhar a leitura do texto em voz baixa, que por sua vez, era repetido em voz alta pelos atores.

Era extremamente importante, a existência de um discurso direto e, ao mesmo tempo, natural para que o próprio teor da peça não se apresentasse apenas como um utensílio pedagógico, sem interesse inerente para as crianças. Estas indicações foram as mais precisas e úteis para que os ensaios e a representação das personagens tenham sido corretamente executados.

Relativamente à peça dramatúrgica, um dos elementos mais trabalhados durante os ensaios, foram indiscutivelmente as interjeições realizadas pelos atores, durante os seus monólogos à boca de cena, onde estes teriam de quebrar a quarta parede e interagir diretamente com as crianças no público, como se de uma conversa se tratasse. O intuito deste modelo de

encenação e representação era tornar o espetáculo mais próximo e mais dinâmico, deixando as crianças com a tentação de responder às personagens, algo que os deixa inerentemente mais absorvidos pela experiência do espetáculo.

Se a produção cénica de *Banda Sonora* foi um exercício complexo com grandiosidade técnica, este projeto encontra-se no polo oposto, procurando mais do que tudo simplicidade. Em termos práticos, a produção deste espetáculo foi infinitamente mais simples, pois existiam muito menos elementos a serem tomados em conta para a sua preparação, principalmente no que diz respeito ao elenco e ao cenário. Mesmo sendo um espetáculo mais simplificado, sinto bastante interesse pelo mesmo, pois o próprio texto dramático sustenta a experiência do espetáculo, trabalhando e refletindo sobre temas importantes e profundos, mesmo que neste caso os mesmos sejam explicados de forma acessível. Ao contrário da produção cénica que é a *Banda Sonora*, cheia de características extremamente apelativas, mas que a definem como um espetáculo cativante, na *Catamarã* aproxima-se do público, pequeno ou grande, de uma forma mais elemental, mas emocional.

A cenógrafa, Ângela Rocha, desenvolveu e construiu, a partir das indicações da dramaturga e do encenador, um cenário dinâmico e interativo, trabalhando com a bidimensionalidade do próprio palco de teatro, para dar o efeito de as personagens caminharem sobre uma pequena cidade. Utilizando, como plataforma, o recorte irregular de uma cidade, os dois atores caminham pelos telhados de pequenos arranha-céus, saltando de janela em janela e interagindo diretamente com as próprias formas da cidade. A interatividade e ligação ao público foi decididamente um foco especial deste espetáculo, principalmente para conseguir criar uma ligação mais forte com as crianças, facilitando o modo de elas acederem à experiência de teatro. Foram utilizados, para cativar o público juvenil, efeitos cénicos que permitiam aproximar os espectadores do universo do próprio espetáculo, tendo como melhor exemplo o facto das personagens abrirem janelas invisíveis, que permitiam-lhes entrar no mundo dos espectadores e comunicar abertamente com estes. Estes momentos interativos de quebra na narrativa têm também o objetivo de serem ligeiramente mais explicativos, dando um olhar adulto sobre as ações das personagens, deixando o público a refletir sobre o que representa crescer.

Como complemento artístico e plástico o sonoplasta, Sérgio Delgado, construiu uma linguagem sonora em torno das ações banais, realizadas pelas personagens durante o espetáculo, mas aplicando o som real das mesmas, de uma forma hiperbólica. Controlando a expressão auditiva, dos vários sons, o sonoplasta tornou exagerados todos os movimentos e ações do elenco em cena, mesmo que estes não o fossem na realidade. Mais uma vez, e tal como os elementos referidos a cima, esse espetáculo foi completamente contrário à

realidade da produção de *Banda Sonora*, não tendo existido a necessidade de um trabalho exaustivo no guarda-roupa e na caracterização, principalmente por as personagens serem contemporâneos, tendo um aspeto visual extremamente banal.

2.2.1. Compreender a peça



Figura 5 – *Catamarã*. Fotografia Tv Amadora

«Crescer pode ser complicado! Sobretudo quando o mundo parece girar tão rápido que as coisas à nossa volta começam a encolher de repente e a ficar muito pequeninas enquanto o nosso corpo fica muito grande, e as pessoas começam todas a ficar muito velhas e muito gordas. Pior ainda quando passamos a vida a tropeçar nas palavras e a nossa cabeça tem a mania de nos pregar partidas e trocar as sílabas de lugar ou mexer as letras de um lado para o outro e passamos a vida a dar erros ortográficos! É que quando trocamos as letras de sítio, as palavras podem querer dizer uma coisa completamente diferente. E se dissermos palavras no sítio errado... então é que o caldo está mesmo entornado e podemos chatear alguém a sério! Até podemos dizer uma coisa que não queríamos dizer e ficar com uma palavra entalada na garganta a picar como a espinha do peixe. Um peixe como o Salmão. Salmão que por acaso também é uma cor. E que é uma palavra parecida com Salomão – que são umas ilhas incríveis no meio do Oceano Pacífico, onde o mar é brilhante e transparente, há insetos exóticos gigantes, e provavelmente ninguém se preocupa com os erros ortográficos!»²⁵ (Ana Lázaro - Sinopse da peça: *Catamarã, Nas Ilhas Salomão ninguém se preocupa com os Erros Ortográficos!*,)

Catamarã, Nas Ilhas Salomão ninguém se preocupa com os Erros Ortográficos!, é uma peça infantil que pretende dar a conhecer às crianças o desenvolvimento do ser humano, desde

²⁵ Anexo J: Folha de sala, flyers e cartaz *Catamarã, Nas Ilhas Salomão ninguém se preocupa com os Erros Ortográficos!*

que são crianças até se tornarem adultos, refletindo sobre todas as transformações pelas quais qualquer pessoa tem de passar nessa viagem.

A narrativa da peça gira em torno das histórias de um rapaz, de doze anos, que tem dificuldades em pronunciar palavras, mas por outro lado tem uma grande capacidade para fazer cálculos matemáticos; e de uma rapariga, extremamente energética que tem o grande desejo de navegar para o oceano Pacífico e caçar insetos exóticos. As personagens conheceram-se, numa noite, no pátio do prédio onde vivem, «o melhor lugar do Mundo para ver estrelas em queda»²⁶, tornando-se esse mesmo local a base de partilha e elaboração para os seus planos futuros. Catamarã quer ser a capitã de um barco, embarcando numa exploração marítima às ilhas do oceano Pacífico, de forma a caçar os seus próprios insetos exóticos; o Rapaz pretende, menos ambicioso, tentar elaborar um plano para fazer desaparecer os seus problemas de gramática e erros ortográficos.

Catamarã decidida a ajudar o Rapaz, partilha com o ele as canções que o seu pai lhe ensinara, tentando dessa forma que o amigo conseguisse, mais facilmente, arrumar as letras nas palavras, aprendendo assim a pronunciar e a escrevê-las corretamente. Em paralelo, ao desenvolvimento da narrativa das duas personagens principais, existe a presença de astronautas que vão comentando sobre o que se passa no planeta Terra, durante a passagem do tempo na produção cénica.

Após uma elipse temporal, a Catamarã e o Rapaz voltam, novamente, a encontrar-se no pátio, onde se conheceram. Mas agora Catamarã veio reaver a sua antiga coleção de insetos exóticos, que tinha deixado ao cuidado do Rapaz durante o tempo em que esta esteve ausente a explorar as ilhas do oceano Pacífico; Catamarã agora é tradutora, enquanto o Rapaz se tornou maestro e compositor de música para a orquestra de insetos exóticos de Catamarã.

Esta produção cénica termina com uma canção cantada a várias vozes, que resume toda a narrativa que ali foi contada durante o espetáculo, de forma a que também para as crianças seja mais perceptível, não só a progressão das personagens, mas também vários elementos do subtexto.

²⁶ Anexo I - Versão final do texto para a antestreia de *Catamarã, Nas Ilhas Salomão ninguém se preocupa com os Erros Ortográficos!*

2.2.2. Os ensaios

Os primeiros ensaios começaram no final de maio prolongando-se até ao mês de junho, numa sala cedida pela Culturgest. Este período não foi apenas de treino prático, pois existiu ainda um trabalho de desenvolvimento do texto, principalmente através de comparações entre o quotidiano e a narrativa da peça, procurando relacionar com o texto uma reflexão honesta sobre o mundo que nos rodeia. Os ensaios foram seguindo neste formato até que o texto cénico ficou fechado, momento em que se passou a trabalhar apenas a encenação.

Seguindo um processo fluido e normal de trabalho, a primeira semana de julho, que englobava a data de estreia, foi marcada por momentos mais atarefados, tendo a equipa que finalizar um conjunto de tarefas. Enquanto o encenador acertava pormenores com os atores nos últimos ensaios, no atelier da cenógrafa davam-se os últimos retoques ao cenário. Tal como aconteceu na produção cénica de *Banda Sonora*, o trabalho de finalização deste cenário implicou não só a construção do mesmo por parte da cenógrafa, mas também um apoio por parte das assistentes de encenação que eram encarregues de conseguir os vários materiais necessários, para a pintura e colagem do mesmo.

Com o cenário já montado no palco dos Recreios da Amadora, foram feitos os primeiros testes de luz, que envolviam o uso de *leds* incorporados no próprio cenário. Com a iluminação preparada, foi possível complementar o cenário com pequenos adereços fundamentais para o espetáculo, tais como insetos que “andavam” pelos prédios e uma tela de projeção, onde seria projetado os astronautas no espaço. No decorrer da montagem, deparámos-mos que os *leds* que tínhamos para a iluminação do cenário não seriam suficientes, sendo necessário adquirir mais, mas constou-nos que os mesmos estavam esgotados e não iriam chegar a tempo da antestreia. Deste modo, resolveu-se não utilizar parte do cenário, o que por sua vez teria acrescentado uma nova e mais impactante dramaturgia ao espetáculo. Assim, para que corresse tudo como fora idealizado nos próximos espetáculos, as luzes *led* foram encomendadas, de forma a chegarem a tempo e a serem testadas para as futuras apresentações, tendo sido este o único problema no desenrolar da preparação do espetáculo.

Com toda a estrutura do espetáculo montada, a equipa avançou para o primeiro ensaio, no palco dos Recreios da Amadora, tendo sido focado apenas na adaptação do elenco ao mesmo. Em termos processuais, primeiramente, foi dada a devida importância aos movimentos e ações das personagens no cenário, passando de seguida para o texto, que por sua vez, já estava ensaiado. Nos ensaios subsequentes, que decorrem nos três dias antes da antestreia, foram realizados ensaios corridos de texto e de movimento, sempre com o acompanhamento da parte técnica, como a projeção na tela, a iluminação e a sonoplastia.

2.2.3. A antestreia nos Recreios da Amadora

Depois de um mês e alguns dias, desde o início do processo de criação, chegou finalmente o dia da antestreia. À medida que se aproximava a hora de começar a sessão, as pessoas dirigiram-se à bilheteira, para levantar e/ou comprar os seus bilhetes. Contando com uma duração de sessenta minutos, foi recomendado às crianças a partir dos oito anos que fossem acompanhadas pelos respetivos pais e/ou familiares.

Para a divulgação do espetáculo alguns meios de comunicação, como a Televisão Amadora, realizaram entrevistas à dramaturga, ao encenador e a alguns membros da equipa de forma a ajudar a realçar a importância do espetáculo para o público juvenil.

Após terminar a sessão de antestreia, esta produção cénica foi apresentada, novamente, no dia seguinte, desta vez na parte da manhã, tendo sido, tal como na anterior, bem-recebida pelo público. Com o encerramento desta sessão, finalizou-se o processo de antestreia, dando-se início à desmontagem de todos os elementos do espetáculo, que tal como no fim da última apresentação da produção cénica de *Banda Sonora* foram guardados, novamente, no escritório da companhia. Com o desfecho desta antestreia, chegou o dia das despedidas, sucedendo-se aqui o término do meu estágio, que curiosamente coincidiu com o último dia de outra estagiária da companhia, que também acompanhou ambas as produções.

No entanto, *Catamarã, Nas Ilhas Salomão ninguém se preocupa com os Erros Ortográficos!*, não termina aqui, está agendada a sua estreia, em novembro do ano corrente, no pequeno auditório da Culturgest com novas propostas e mais potencial. Este espetáculo estará em cena entre o dia 21 e 23 de novembro, especificamente para as escolas, e nos dias 24 e 25 para o público em geral, onde todos vão poder aprender a ser adultos de forma divertida e descontraída.



Figura 6 - *Catamarã*. Fotografia © Alípio Padilha

2.3. Produção no Teatro do Eléctrico

«O inglês *production* tomado como *encenação, realização cénica*, sugere bem o carácter construído e concreto do *trabalho teatral* que precede a realização de todo o espetáculo. No Brasil, o termo *produção teatral* engloba os procedimentos adotados para o levantamento do material do espetáculo, abrangendo custos (a produção propriamente dita) e a operacionalização da encenação (contratação e administração de pessoal artístico e técnico, aquisição de materiais, etc).» (Pavis, P., 2008:307)

O produtor de teatro é aquele que tem como responsabilidade gerir todos os processos organizacionais dentro de uma companhia de teatro. As suas funções passam por estruturar, coordenar e concretizar todos os projetos da companhia, gerindo o seu orçamento, contratando a equipa artística e técnica, assegurando os contactos de venda de espetáculos assim como da digressão, elaborando parcerias para o aluguer de espaços e materiais, desenvolvendo o plano de divulgação e todas as outras tarefas que sejam fundamentais para o funcionamento do espetáculo.

Apesar de o meu cargo ser oficialmente segunda assistente de encenação, no período de pausa entre os dois projetos desenvolvi trabalho de produção orientado pela diretora de produção e comunicação, Mafalda Simões. Utilizando esta fase de hiato entre produções trabalhei diretamente com a Mafalda, com o propósito de aprender como funciona a produção e gestão de uma companhia de teatro, fora do período de criação. A principal tarefa que me foi incumbida durante este intervalo focava-se no desenvolvimento de ideias que melhorassem o rendimento e o estado orçamental da companhia, com especial aplicação na produção de projetos futuros.

Este processo implicou a pesquisa de novas parcerias e protocolos, uma estrutura de apoio financeiro que é cada vez mais necessária para o funcionamento das companhias de teatro em Portugal. Tendo em conta o panorama político e cultural do país é cada vez mais difícil garantir fundos cedidos pelo estado, sendo os processos de financiamento progressivamente mais incompreensíveis tem-se provado impossível as estruturas subsistirem, acabando muitas vezes por encerrar.

O Teatro do Eléctrico teve a regalia de ser apoiado para o desenvolvimento dos seus projetos, no entanto com um grande corte orçamental, ficando aquém do que seria necessário para o bom funcionamento da companhia. Atendendo a estas premissas, tornou-se fundamental a equipa focar-se na procura de novos apoios que suportem outros custos. Após um estudo de necessidades prioritárias, avançámos para a pesquisa de empresas que nos pudessem facilitar os materiais e estruturas necessárias para corrigir as lacunas existentes, tentando

encontrar possíveis parcerias que valorizassem as duas entidades. Para conseguir, com maior impacto, realizar esta tarefa, redigimos cartas²⁷ com propostas de parcerias com o intuito de captar maior atenção das entidades, acreditando que este modelo traria melhores resultados que os saturados *emails*.

Considerando a época em causa, foi também realizado, durante este período, o *clipping*²⁸ de todos os espetáculos do ano de 2017 onde foi armazenado num só documento, todas as redações dos meios de comunicação com a data de divulgação, o nome correspondente ao espetáculo e do redator. Todos os materiais recolhidos são arquivados para que posteriormente possam ser utilizados na divulgação e venda dos espetáculos. Por exemplo, alguns destes materiais são usados em *press release*²⁹ na revista de espetáculos disponíveis para digressão.

²⁷ Anexo **K**: Exemplo da redação de uma carta de pedido de parceria

²⁸ Anexo **L**: *Clipping* (ex. *Banda Sonora*)

²⁹ Anexo **M**: *Press release* (ex. *Banda Sonora*)

3. Breve descrição das atividades realizadas no estágio

<i>Projeto</i>	<i>Função</i>
1. <i>Peça: Banda Sonora</i>	Segunda assistente de Encenação
	Assistente de Produção e Comunicação
	Assistente de Montagem/Desmontagem
	Assistente de Cenografia e Figurinos
	Acolhimento e Receção
	Espectadora e Observadora
2. <i>Produção e Comunicação no Teatro do Eléctrico</i>	Escrita e envio de pedidos de apoios
	Organização de contatos de parcerias e apoios
	Pesquisa de apoios e parcerias
3. <i>Peça: Catamarã, Nas Ilhas Salomão ninguém se preocupa com os Erros Ortográficos!</i>	Segunda assistente de Encenação
	Assistente de Produção e Comunicação
	Bilheteira
	Acolhimento e Receção
	Espectadora e Observadora

Tabela 1 - Tabela de projetos e funções desempenhadas

Na produção do espetáculo *Banda Sonora*, o meu trabalho como segunda assistente de encenação centrou-se no auxílio técnico ao assistente de encenação. Este último, tem como função principal dar assistência ao encenador, em todas as tarefas que o mesmo sentisse que retirariam o foco do seu processo criativo, tendo em conta obviamente a possibilidade de as mesmas serem delegadas. Simultaneamente, o assistente de encenação funcionava como o elo de ligação entre a equipa de produção, a equipa artística e a equipa técnica, nunca deixando de lado as suas tarefas principais de organização, que passavam por questões como preparar regularmente tabelas de ensaios e zelar pela disciplina e bom funcionamento dos ensaios. Na ausência do encenador era também o assistente que se encarregava de gerir a equipa artística e o desenrolar dos ensaios sempre seguindo as linhas pré-definidas pelo encenador.

Tendo em conta a distribuição de encargos, acima referida, o meu trabalho como segunda assistente focou-se em aliviar o trabalho do primeiro assistente, assumindo qualquer tarefa que o obrigasse a afastar-se do seu trabalho de gestão de ensaios e equipa. Durante este período de preparação, fui respondendo a diversos pedidos, que iam desde a procura e compra de adereços para o espetáculo até à coordenação dos ensaios de uma das duplas. Neste caso específico, ensaiava o texto com as atrizes e ajudava-as na interpretação das

personagens, dando-lhes indicações que tinham sido previamente discutidas e pensadas com o encenador.

Uma das funções que me foram incumbidas, e que senti alguma dificuldade e desalento em realizar, envolveu percorrer a cidade de Lisboa, distribuindo cartazes e *flyers*, por teatros, lojas, cafés e qualquer outro estabelecimento que assim o permitisse. Parecendo simples, esta tarefa mostrou-se mais exaustiva do que esperava, não só pelo facto de ter de percorrer grandes distâncias, mas também por ver repetidamente gerentes e/ou funcionários rejeitarem a partilha dos nossos materiais de divulgação. Estas situações aconteciam, por vezes sem qualquer razão aparente e noutras por os representantes do estabelecimento sentirem que a disposição dos cartazes e *flyers* não funcionava esteticamente com o espaço, rejeitando-os. No entanto, o que me deixou ainda mais triste e desanimada foi o facto de muitas destas rejeições terem sido praticadas pelos próprios teatros situados na cidade de Lisboa, que não permitia a divulgação de outros espetáculos que não fossem os seus.

Ao sentirmos que o processo de montagem do cenário estava a ter um atraso impactante na produção do espetáculo, principalmente pela envergadura de alguns dos seus elementos e as minuciosidades de outros, foi-me delegado dar apoio ao cenógrafo, trabalhando juntamente com os seus assistentes no processo de montagem do cenário. Durante este processo, acabei por realizar tarefas específicas, das quais não estava habituada, tais como colocar adereços no cenário e medir ramos para colocar nos troncos das árvores, sendo que estes teriam de ter uma medida certa, para não tocar nos projetores do palco.

Nos dias em que decorriam as sessões do espetáculo, por contarmos com uma equipa reduzida de guarda-roupa, fiquei encarregue de, após a caracterização estar terminada, ajudar as atrizes a colocarem os seus figurinos, sendo estes extremamente delicados para as elas o conseguirem fazer de forma autónoma.

O dia de estreia foi notoriamente intenso para toda a equipa, especialmente pela grande quantidade de trabalho que tinha de ser realizado sem espaço para erros. Durante este dia, tive como funções verificar todos os adereços do palco, confirmando que tudo o que fosse ser utilizado pelas atrizes durante o espetáculo estava devidamente posicionado. Momentos antes da abertura das portas, acompanhei as finalizações de preparação do elenco, garantindo que todas as atrizes estavam a postos e com todos os adereços iniciais na sua posse. Com o encenador e o assistente a prepararem todos os elementos finais na sala de espetáculo, eu ajudei na frente de sala, recebendo os convidados e entregando os respetivos convites.

No decorrer das apresentações seguintes, as tarefas mantiveram-se praticamente as mesmas, mas agora realizadas de forma mais ágil, pois toda a equipa estava mais segura e

a estrutura de preparação mais oleada, começando a ser visível um à-vontade com a rotina. Terminada a última sessão do espetáculo, no dia 24 de março, chegámos ao momento da desmontagem, sendo necessário realizar a árdua tarefa de retirar do palco todo o cenário e consequentemente limpar e organizar o mesmo. Finalizando esta fase com o transporte e organização dos adereços para o escritório, foram ainda levados todos os figurinos para a lavandaria para depois serem também guardados. Posto isto, toda a equipa, que deu o seu melhor para a realização deste espetáculo, reuniu-se, num jantar para festejar o grande sucesso desta produção cénica.

Na preparação da produção cénica de *Catamarã, Nas Ilhas Salomão ninguém se preocupa com os Erros Ortográficos!*, uma vez mais o meu cargo foi ser segunda assistente de encenação, onde me deparei com tarefas bastante semelhantes às do projeto anterior, mas agora num formato mais pequeno e simplificado, tendo em conta que esta era uma obra infantil. A grande diferença que senti neste projeto foi o facto de ser direcionado a um público mais específico e por essa razão, o trabalho foi mais focado no desenvolvimento de uma melhor abordagem publicitária, que conseguisse cativar as crianças a quererem ir ao teatro. Neste caso, com poucos recursos, o que optámos por fazer foi adicionar à distribuição normal de cartazes e *flyers* alguma animação de rua, partilhando com as crianças da zona da Amadora vários brindes. Ao contrário da produção cénica de *Banda Sonora*, este espetáculo também teve a particularidade de a venda dos seus bilhetes ficar a cargo da diretora de produção e comunicação e paralelamente das assistentes de encenação, sendo que nos Recreios da Amadora, onde foi apresentada a antestreia do espetáculo, não existia uma equipa de bilheteira fixa.

No geral, apesar de algumas atividades terem sido mais entusiasmantes do que outras, coloquei toda a minha energia e curiosidade neste estágio, pois como referi anteriormente sabia que me traria importantes experiências profissionais, algo que se provou verdadeiro mesmo nos momentos mais fastidiosos. Estas duas produções cénicas permitiram-me ver na prática que todas as pequenas tarefas são fulcrais para a criação e produção cénica, uma realidade que não é garantidamente o que qualquer pessoa idealiza ao pensar na criação de um espetáculo de teatro. Mas agora sei que é fundamental ter esta noção, de que são as pequenas coisas que tornam algo grandioso, sentindo que o meu *mindset* nos próximos projetos profissionais será mais adequado à realidade.

De todas estas experiências, que tive o privilégio de vivenciar, a que mais me marcou foi indiscutivelmente o dia de estreia do espetáculo *Banda Sonora*, pois foi um momento em que estávamos todos ansiosos e nervosos, lutando para que nada falhasse, de forma a conseguirmos mostrar o resultado final daqueles meses de árduo, mas prazeroso, trabalho.

O momento em que assistimos pela primeira vez à apresentação desta produção cénica com a presença do público foi muito emocionante, mas também interessante num sentido de produção e encenação, pois pudemos sentir diretamente a reação do público ao espetáculo. Esta sensação de ânsia que enchia o coração de todos prolongou-se mesmo até ao fim, desaparecendo por completo ao sentirmos os aplausos e a comoção do público, o que nos deixou num estado de alívio e felicidade.

Em suma, estas foram as principais atividades que realizei durante o período de estágio, onde tive a oportunidade de trabalhar com inúmeros profissionais, em várias áreas no processo de preparação de um espetáculo de teatro. Pude acompanhar duas produções cénicas, inerentemente diferentes, com dimensões e públicos completamente opostos, sentindo na pele o que representa ver algo desenvolver-se e no final ser recebido de braços abertos pelo público.

Conclusão

Este estágio mostrou em grande parte ser exatamente o que eu estava à procura com a finalização do meu percurso académico, tendo sido uma ótima oportunidade para trabalhar de perto com profissionais de variadas áreas e desenvolver-me como profissional. Mas não só nos elementos profissionais vi brotar os frutos do meu trabalho, pois sinto que foi fundamentalmente a um nível pessoal que esta última etapa do mestrado me marcou.

Toda esta experiência ajudou-me significativamente a desenvolver as minhas capacidades de integração e comunicação, pois sendo eu, uma pessoa mais reservada, vi-me inserida numa companhia de teatro em que não conhecia verdadeiramente ninguém, acabando por ser forçada pelas condicionantes a libertar-me de qualquer receio e aproximar-me das pessoas, para poder realizar o meu trabalho da melhor forma possível. Não sabendo qual era o formato de trabalho da equipa do Teatro do Eléctrico, nem que tipo de ambiente existia entre os seus membros, senti-me pouco recetiva ao início, mas ao comunicar, cada vez mais, com os desconhecidos ao meu redor, sendo eles parte da própria companhia ou mesmo do Teatro Municipal São Luiz, percebi que estava a ganhar confiança, tornando-se algo cada vez mais prazeroso de fazer.

A nível prático, todo o progresso do estágio permitiu-me desenvolver bastante as capacidades técnicas que fui cultivando ao longo do meu percurso escolar, mas que até agora não tinha tido a possibilidade de pôr em prática numa situação profissional. Ainda em ligação ao que assumo como crescimento pessoal, senti que a nível artístico, estas duas produções cénicas enriqueceram, indiscutivelmente, a minha visão sobre o que o teatro representa como objeto de arte, algo que foi apenas possível através de um diálogo motivante e cativante com os atores, músicos, cenógrafos, encenadores, assistentes e todos os outros, com quem pude trabalhar e criar laços. Ao estar em contacto diário com profissionais que vivem o teatro há vários anos, pude aceder às múltiplas visões e crenças sobre a arte teatral, algo que me afetou profundamente, principalmente no que respeita ao meu pensamento como atriz. Comecei a ver o teatro e o mundo à minha volta, de uma forma mais interligada e com uma emoção completamente diferente da que tinha quando entrei no grupo do Teatro do Eléctrico. Sinto que absorvi imenso conhecimento desta ligação profissional e amigável que se criou durante os últimos meses, não sendo este apenas teórico, mas também prático.

Todavia, mesmo tendo sido, uma experiência gratificante e rica em conhecimento, sinto que existirá sempre um elemento em que me senti menos concretizada, um pequeno insucesso se quisermos assim o definir. Sendo o meu objetivo final no mundo do teatro, e progressivamente do cinema e da televisão, representar, sentia antes de ingressar no estágio

que esta seria uma grande possibilidade para trabalhar, mesmo que por um breve momento, como atriz. Mesmo não sendo o objetivo delineado com a companhia, sempre acreditei que poderia vir a representar numa produção cénica na companhia, principalmente por saber de antemão que existiam casos de estagiários que tinham trabalhado no Teatro do Eléctrico antes de mim, e que tinham conseguido fazer pequenas participações nos espetáculos. Porém, mesmo sendo uma experiência que o diretor artístico da companhia, Ricardo Neves-Neves, já tinha realizado, nos últimos anos, este não tem se mostrado interessado em voltar a fazê-lo, querendo apenas trabalhar com o elenco que tem feito parte das suas peças. Foi com bastante pena minha que este objetivo do estágio não se realizou, deixando-me até com um sentimento de ligeira frustração, pois acho que a companhia, e especificamente o encenador, poderia dar essa oportunidade a jovens atores, que saindo do meio escolar nem sempre conseguem de imediato obter experiência profissional.

Após terminar o período de estágio, com um sentimento de felicidade e concretização e tendo gostado da experiência de trabalhar com a equipa do Teatro do Eléctrico, decidi tentar a minha sorte e propor um estágio profissional através do Instituto do Emprego e Formação Profissional. Sentia que um possível estágio profissional seria uma mais valia para as duas partes, principalmente estando eu já ambientada ao grupo de trabalho, por sua vez com a proposta veio também uma resposta, e neste caso negativa. Considerando a falta de financiamentos por parte do Estado Português à cultura, neste momento, o Teatro do Eléctrico não possui a capacidade financeira para apoiar estes estágios, tendo que optar por trabalhar apenas com estagiários em fim de curso.

Do mesmo modo que este percurso foi, por vezes, cansativo e atribulado, com indiscutíveis altos e baixos, foi extremamente gratificante trabalhar com esta companhia de teatro e viver novas experiências, principalmente agora que se aproxima uma nova fase de crescimento pessoal e profissional.

Não só o estágio que este relatório descreve, mas todo o mestrado foi um caminho que fico feliz ter trilhado e que me tornou uma pessoa mais confiante em múltiplos aspetos. Porém, mais do que qualquer outro sentimento, a finalização desta fase de crescimento levou-me a acreditar mais em mim e a querer continuar a lutar para me tornar uma atriz profissional, sentindo-me agora mais focada e revitalizada para prosseguir neste percurso. Avanço agora para uma nova etapa, mais dura, mas também mais emocionante, com a mente cheia de novas ideias e vontades.

Bibliografia

- ESSLIN, Martin (1961) *The Theatre of the Absurd* (1st edition) New York: Anchor Books
- LÁZARO, Ana (2018) *Catamarã, Nas Ilhas Salomão, ninguém se preocupa com os Erros Ortográficos!*, Lisboa: datiloscrito inédito
- LÁZARO, ANA (2018), Folha de sala do espetáculo *Catamarã, Nas Ilhas Salomão, ninguém se preocupa com os Erros Ortográficos!*, Lisboa: Teatro do Eléctrico/Recreios da Amadora
- LÁZARPO, ANA, FIRMINO, Bernardo (2017), *A dança das raias voadoras/Requests ou permissão para respirar*, Lajes do Pico: Companhia das Ilhas
- LÁZARO, ANA, Fonseca, Rita (2018) *O estranho apetite de Belemundo*, Lisboa: Porto Editora
- NEVES-NEVES, Ricardo (2013) *A porta fechou-se e a casa era pequena*, Lajes do Pico: Livros Companhia das Ilhas
- NEVES-NEVES, Ricardo (2014) *Mary Poppins, A mulher que salvou o mundo, e outras peças*, Lisboa: Livros Cotovia
- NEVES-NEVES, Ricardo (2015) *Entraria nesta sala...*, Lisboa: Bicho do Mato
- NEVES-NEVES, Ricardo (2018) *Banda Sonora*, Lisboa: datiloscrito inédito
- NEVES-NEVES, Ricardo, RAPOSO, Filipe, et al. (2018), Folha de sala do espetáculo *Banda Sonora*, Lisboa: Teatro do Eléctrico/Teatro Municipal São Luiz
- PAVIS, Patrice (2008). *Dicionário de Teatro* (3^a edição). (J. Guinsburg, & M. L. Pereira, Tradução.) São Paulo: Editora Perspetiva S.A.

Webgrafia

- AVELAR, Rita (08.03.2018) *Ricardo Neves-Neves: “temos esta necessidade de contar histórias, verdadeiras ou não, faz parte da nossa vida”*. [Revista Máxima]. Consultado a 11 de outubro de 2018 em <https://www.maxima.pt/mundo/cultura/artes/detalhe/ricardo-neves-neves-temos-esta-necessidade-de-contar-historias-verdadeiras-ou-nao-faz-parte-da-nossa-vida>
- BARRETO, Diogo (01.03.2018) *Demos boleia ao autor de Banda Sonora*. [Revista Sábado]. Consultado a 17 de setembro de 2018 em https://www.sabado.pt/gps/smart-talks/detalhe/episodio-5-da-smart-talks?ref=DET_noticiasequinte_smart-talks

FROTA, Gonçalo (09.03.2018) *Lições de Neves-Neves: como fumar e dissecar sapos*. [Jornal Público]- Consultado a 26 de setembro de 2018 em <https://www.publico.pt/2018/03/09/culturaipsilon/noticia/licoes-de-nevesneves-como-fumar-e-dissecar-sapos-1805556>

LÁZARO, Ana (s/data) *Direcção Artística e Dramaturgia* [Dobrar]. Consultado a 17 de setembro de 2018 em <http://www.dobrar.com/lazaro.html>

MELO, Jorge Silva (s/data) *A Batalha de não sei quê de Ricardo Neves-Neves* [Artistas Unidos]. Consultado a 22 de setembro de 2018 em <http://www.artistasunidos.pt/programacao/61-pecas/no-teatro-da-politecnica/1076-a-batalha-de-nao-sei-que-de-ricardo-neves-neves>

MOUCO, Humberto (15.02.2017) *Ricardo Neves-Neves - Entrevista* [Coffeepaste]. Consultado a 17 de setembro de 2018 em <http://coffeepaste.com/ricardo-neves-neves-entrevista/>

RAPOSO, Filipe (s/data) *About* [Filipe Raposo]. Consultado a 17 de setembro de 2018 em <https://filiperaposo.com/about/>

S/autor (19.01.2016) *Ricardo Neves Neves – Herói Gerador* [Gerador]. Consultado a 22 de setembro de 2018 em <https://gerador.eu/autor/heroi-gerador-ricardo-neves-neves/>

S/autor, 'Banda Sonora' (notícia da Agência Lusa) (06.03.2018) *"Banda sonora" expõe fragilidade humana no palco do Teatro S. Luiz* [Diário de Notícias]. Consultado a 17 de setembro de 2018 em <https://www.dn.pt/lusa/interior/banda-sonora-expoe-fragilidade-humana-no-palco-do-teatro-s-luiz-9166541.html>

S/ autor (s/data) *Jaime Salazar Sampaio* [Wikipédia]. Consultado a 17 de setembro de 2018 em https://pt.wikipedia.org/wiki/Jaime_Salazar_Sampaio

S/autor (s/data) *Susana Madeira* [Agência a Norte]. Consultado a 17 de setembro de 2018 em <http://agenteanorte.com/agencia/susana-madeira/>

S/autor, Jaime Salazar Sampaio in *Artigos de apoio Infopédia* [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2018. Consultado a 17 de setembro de 2018 em [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$jaime-salazar-sampaio](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$jaime-salazar-sampaio)

ANEXOS

Anexo A - Revista SÁBADO

S // SMART TALKS Impresso digital da Revista SÁBADO, em www.sabado.pt

Demos boleia ao autor de Banda Sonora

01.03.2018 07:00 | por Diogo Barreto

Enquanto o conduzámos por Lisboa, o dramaturgo algarvio falou-nos do musical que escreveu, e estreia dia 9, e do trabalho que se segue: uma ópera. (conteúdo patrocinado)



Num dia frio, mas com bastante sol, Ricardo Neves-Neves ia ensaiar a próxima peça que vai ter em palco, *Banda Sonora* - um musical -, a estrear a 9 de Março, no São Luiz, em Lisboa. Aproveitando a boleia, desde a Estufa Fria até ao local de ensaio, perto da Assembleia, falou sobre esse espectáculo, os 10 anos da sua companhia (o Teatro do Eléctrico) e ópera.

"Esta *Banda Sonora* continua aquilo que tenho estado a fazer, que é trabalhar muito a partir da música, mas desta vez acho que estamos a dar um passo um

bocadinho maior", acredita o dramaturgo algarvio, confessando-se ansioso por ver o resultado final deste trabalho, feito em parceria com o compositor e pianista Filipe Raposo e que integra a Orquestra Metropolitana de Lisboa, dirigida por Cesário Costa: "Gosto muito de música e poder incluí-la nos espectáculos é uma grande paixão minha."

A música vai continuar presente no trabalho deste artista que já em 2015 encenou a ópera *Bastien und Bastienne*, que Mozart compôs aos 12 anos. Este ano, "em Novembro" voltará a dirigir ópera, numa colaboração entre o Teatro Nacional de São Carlos e o Trindade. "O libreto é de Pedro Mexia", adianta. Já o texto de *Banda Sonora* é de Neves-Neves, que diz que tem "muita dificuldade em escrever", mas nos últimos 10 anos assinou várias peças para a sua companhia e até para outros encenadores, como Mónica Garnel (*The Swimming Pool Party*, já estreada em 2018). "O que muitas vezes me faz querer continuar a escrever os textos é pensar que o que estou a fazer é um jogo. Que a cena seguinte é a continuação e consequência de um jogo", diz.

A celebrar 10 anos desde que fundou o seu Teatro do Eléctrico, o dramaturgo, encenador e actor faz um balanço positivo da década, referindo que o melhor tem sido "poder fazer digressões pelo país inteiro", apresentando o seu trabalho a vários públicos, não só das grandes cidades. "E há ainda uma evolução por parte da equipa, porque continuamos a experimentar coisas novas quando estamos em cena e é incrível", acrescenta.

Neves-Neves conclui dizendo que, de momento, as estruturas para encenar uma peça em Portugal não são as melhores e que este ano já marcou espectáculos sem saber se terá verbas para os realizar. "Há vezes em que ficamos fora de pé e, se não soubermos nadar (Yo!), as coisas não acabam bem", sublinha, citando o histórico rap dos Black Company para terminar a viagem.

Anexo B - Revista GERADOR




Ricardo Neves Neves

Desde que começou a encenar, nunca mais parou. Escreve, cria, encena, questiona e projecta um novo braço do teatro português, misturando no seu percurso originais seus com apropriações de obras alheias. É infantil e ao mesmo tempo altamente profissional. É absurdo e desconcertante. É estranho, e por isso mesmo, é bom.



MANUEL JOÃO VIEIRA



ANTÓNIO BRITO GUTERRES



FILOMENA CAUTELA

Anexo C - Revista MÁXIMA

Ricardo Neves-Neves: “Temos esta necessidade de contar histórias, verdadeiras ou não. Faz parte da nossa... Page 1 of 2

Ricardo Neves-Neves: “Temos esta necessidade de contar histórias, verdadeiras ou não. Faz parte da nossa vida”

Artes

Ricardo Neves-Neves: “Temos esta necessidade de contar histórias, verdadeiras ou não. Faz parte da nossa vida”

Conversámos com o encenador e dramaturgo Ricardo Neves-Neves, prestes a estrear a peça *Banda Sonora* no Teatro São Luiz, sobre a sua forma de criar.

 Ricardo Neves-Neves

Nascido no Algarve em 1985, Ricardo Neves-Neves sempre andou de mãos dadas com a encenação e com a música, duas variantes que o definem como artista de forma inusitada e infungível. Depois de em 2008 fundar o Teatro do Eléctrico, do qual é atualmente diretor, escreve e encena, seguiram-se vários textos originais que culminaram nos melhores espetáculos da última década. *Banda Sonora*, da qual é autor e encenador, tem a composição musical do pianista, compositor e orquestrador Filipe Raposo e trabalho vocal de João Henriques, e estreia a 9 de março no Teatro São Luiz, em Lisboa. Com um cenário que tem tanto de místico e macabro como de fascinante e encantado, uma floresta com seis mulheres, *Banda Sonora* fala-nos, acima de tudo, da vulnerabilidade e do amor com sátira aguçada ao nosso quotidiano, tão feito de histórias hilariantes. Três dias antes da estreia, sentados nas primeiras cadeiras do interior do São Luiz, conversámos com Neves-Neves sobre esta que é a sua primeira peça com música original.

Como é que se resgata tanto do imaginário como da crueldade de que tantas vezes é feito o nosso quotidiano, numa peça como esta?

O poder de fantasiar e de criar ficção está presente diariamente na nossa vida, quanto mais não seja nas pequenas mentiras que contamos. Mas temos esta necessidade de contar histórias, sejam elas verdadeiras ou não, é algo que faz parte da nossa vida, desde a infância à escola, tem tudo a ver com a História e as histórias que se contam, com literatura. Isto faz sempre parte da nossa vida? a arte é algo que pode não servir para nada, mas precisamos dela. Quanto mais não seja como um estímulo visual que encontramos no design ou como quando temos em casa um objeto que não sabemos porque precisamos, mas o queremos e nos toca de alguma maneira. Isso tem tudo a ver com a fantasia. A palavra adulta para fantasia é ficção, as pessoas gostam mais da segunda, mas eu gosto mais da segunda porque me dá a sensação de liberdade para avançar para um sítio mais brincado com que gosto mais de trabalhar.

De que forma é que essa fantasia se reflete nas personagens?

Nesta peça, tomei a liberdade de pegar numa personagem da peça *The Streaming Pool Party* – que esteve em cena no São Luiz até há duas semanas – que era órfã, e eu não a desenvolvi nessa peça e agora vim fazê-lo na *Banda Sonora*. Há uma certa ligação com o cinema. Escrever a peça levou-me para os filmes de terror, para escrever pequenas histórias que começam de uma forma leve e brincada e que terminam sempre de uma forma ou trágica ou ligada à maldade infantil. Li vários contos infantis tradicionais portugueses e descobri que são de uma crueldade imensa (já a Paula Rego fala dessa questão nas suas pinturas) e comecei a perceber que a violência e a crueldade psicológica e física fazem parte do quotidiano. Encontrei este lado trágico como um lado inevitável da vida, a par de um lado colorido e leve – que também gosto de trabalhar. Dá uma certa cor ao espetáculo. Explorei o facto de as pessoas terem uma certa vergonha da alergia, de rir e, afinal, prescindir da alegria é prescindir de uma parte fundamental da vida. Apesar do lado negro do espetáculo, quis trabalhar a alegria das personagens.

É esse o grande enigma da nossa vida?

Sim. Como é que nós vivemos a perder mil e uma coisas na nossa vida – perdemos pessoas, tempo, capacidades, vitalidade, energia, saúde – e encontramos a alegria nas nossas vidas? Por isso, não quis prescindir da alegria, mas sim trabalhar sobre isso. Daí o sentido de humor e as brincadeiras em palco.

<https://www.maxima.pt/mundo/detalhe/ricardo-neves-neves-temos-esta-necessidade-de-contar-historias-ver...> 11/10/2018

Ricardo Neves-Neves: “Temos esta necessidade de contar histórias, verdadeiras ou não. Faz parte da nossa...” Page 2 of 2

A peça tem várias repetições nas falas que dão uma intensidade particular ao espetáculo. Como é que isto acontece sem monotonia?

Foi algo que fui buscar ao conto tradicional, a forma como temos de contar enquanto contadores de histórias. A minha forma de escrita tem a ver com improviso. Da primeira vez que estamos a falar do que quer que seja, o nosso discurso é repetitivo, incoerente, estranho, traduzido por escrito não se percebe, esse é o nosso lado nervoso e ansioso, mesmo em situações banais. Depois, também foi uma questão estilística, fortemente relacionada com a música, nesta peça. Há aqui qualquer coisa ligada à música que também está no texto e as repetições fazem parte disso.

Houve uma inversão na criação do espetáculo: primeiro surgiu a música, depois a escrita. Como é que isto aconteceu?

Na verdade, relaciona-se com um estudo que estou a fazer desde que terminei o Conservatório em 2006. Foi a tese da minha licenciatura e tema da minha pós-graduação – a forma como a música influencia as emoções. Há um conjunto de estímulos nervosos que a música causa no cérebro que depois origina determinadas emoções. A partir do momento em que tenho uma ideia, como criar um espetáculo em que há uma família à mesa. A partir do momento em que descubro a música dessa cena, é mais fácil de escrever, porque a música tem uma curvatura emocional, pausas... Conseguimos imaginar várias pessoas a falar, as dinâmicas e atribuições da conversa, através da música. Há aqui uma ligação especial com música e esta vez foi a primeira em que trabalhei com música original e não com algo que já existia – falei com o compositor primeiro. É como um jogo: a partir daquela música é a minha vez de jogar e, sendo a minha vez de jogar, é a minha vez de escrever.

Qual é a mensagem das mensagens da peça?

Tem tudo a ver com a efemeridade da vida. O espetáculo tem a ver com duas coisas: saudade e amor. A saudade do passado, o amor do presente com projeção do futuro. Tem tudo a ver com a vontade de viver. A última frase do espetáculo é: "Eu quero viver."

Desde 2015, com *A Batalha de Não Sei Quê*, que Ricardo Neves-Neves não encenava um texto seu. *Banda Sonora* está em cena no Teatro São Luiz, de 9 a 18 de março, os bilhetes custam entre €12 e €15 e podem ser adquiridos [aqui](#).

<https://www.maxima.pt/mundo/detalhe/ricardo-neves-neves-temos-esta-necessidade-de-contar-historias-ver...> 11/10/2018

Anexo D - Folha de sala do espetáculo *Banda Sonora*

Entrem, sem medos, nesta floresta
A conversa com Ricardo Neves-Neves e Filipe Raposo, a propósito de Banda Sonora

Este espetáculo surge de um desafio do São Luiz para que trabalhassem os dois juntos. Já se conheciam?
Ricardo Neves-Neves: Só nos conhecemos no Chantiers d'Europe, em 2017, no dia do aniversário do Filipe. Descobrimos que fazemos anos um dia a seguir ao outro. Houve logo uma empatia e um conjunto de graças. A Aida Tavares [diretora artística do Teatro São Luiz] sabe que gosto de trabalhar com música e propôs-nos trabalharmos juntos. Foi um namoro arranjado e está a funcionar de forma muito feliz.

Entenderam-se de imediato sobre o que gostavam de fazer?
RNN: A criação foi muito partilhada, fomos percebendo o caminho, passo a passo, em vários encontros. Lancei algumas premissas, como a de termos seis atrizes, divididas em três pares com semelhanças físicas e vocais.
Filipe Raposo: O Ricardo trabalha os textos de uma forma muito rítmica e melódica. No nosso primeiro encontro, falámos da música da *ars nova* do Renascimento e uma das suas características é ter três vozes com independência temática, em termos

de escrita e também musical. A peça de abertura trabalha precisamente três textos independentes e três melodias independentes.
RNN: Foi quase como aqueles jogos de palavra-puxa-palavra. Ideia puxou ideia. A determinada altura, o Filipe fez uma relação com a banda sonora do cinema e pensei em cinema de horror. Tinha acabado de escrever a peça para a Mónica Garnel [*The Swimming Pool Party*], estreada no São Luiz em fevereiro] e fiquei com vontade de desenvolver a personagem que cresceu num orfanato. E começámos a ter ideia do ambiente de texto, do ambiente musical e do ambiente cénico. Já sabia que queria tratar alguns assuntos e outros foram suscitados quando ouvi a música que o Filipe ia compor.
FR: Uma das premissas era que a música composta por mim pudesse influenciar a escrita do Ricardo. Encontrada a ponta da meada, foi puxar e puxar, com muita tranquilidade.
RNN: Somos profundamente diferentes um do outro, aquilo que procuro num espetáculo é diferente do que o Filipe procura, mas há um entendimento.

Essas diferenças também serão uma riqueza.
FR: É uma experiência altamente enriquecedora poder entrar noutra universo artístico e perceber a engrenagem. É isso que enriquece a humanidade: a diferença. Se tivéssemos vivido sempre na mesma tribo, se não tivesse havido


TEATRO MUNICIPAL
TEATROSÃO LUIZ.PT

SÃO LUIZ

UMA CRIAÇÃO DE
RICARDO NEVES-NEVES
FILIPE RAPOSO

SONORA

TEATRO
9-18
MAR 2018
ESTREIA



curiosidade de transgredir e entrar em território alheio, de roubar o fogo à outra tribo, não tínhamos evoluído... sem o Ricardo saber, já roubei algum fogo dele e isso ninguém me tira.

Descoberto o ambiente da peça, o que se seguiu no processo de criação?

RNN: Perceber por onde a música iria avançar começou a mexer com o meu gosto pela maldade e evoquei para aqui coisas da minha infância... de quando levava os meus amigos para debaixo das laranjeiras para lhes bater... das maldades psicológicas que fazia quando saía da casa de banho mascarado e dizia “eu sou o não sei quantos, matei o Ricardo e agora vou-te matar a ti”... Trouxe esse universo negro de maldade infantil, com uma certa ingenuidade... Estas meninas são órfãs e o desaparecimento dos pais é encantado mas também tenebroso e de sofrimento. O Filipe deu a uma das canções o título *Como e lembrei-me de escrever isto* como se fosse um conto tradicional português ou as Fábulas de la Fontaine. Como um conjunto de metáforas que depois querem dizer outra coisa. Pela primeira vez, vi-me a escrever dessa maneira.

FR: Neste texto está a simbologia do crescimento. Tudo isto é um espelho daquilo que somos. É muito importante percebermos este texto simbolicamente, está cheio de metáforas riquíssimas.

Que metáforas, por exemplo?

RNN: Encontrámos um funcionamento destas personagens que tem muito a ver com a infância mas também com a relação com o adulto, com aquilo que se aprende, o que se aplica ao longo da vida, as consequências que isso traz, o que é isto de nos lançarmos para o mundo. Tem também a ver com a nossa solidão e com o facto de, às vezes, não termos unhas para a vida. Há aqui uma menina que tem uma avó com um problema na anca e por isso as suas pernas andam como os ponteiros do relógio. Ela percebe que, ao empurrar a avó, consegue manipular o tempo para andar para trás. Isso é um controlo da vida que não conseguimos ter, mas que é sempre uma grande ansiedade para qualquer pessoa. E vemos estas crianças sozinhas numa floresta e pensamos como é que há pessoas que têm força para andar. Essa melancolia está no espetáculo.

FR: São três pares de meninas, mas nunca sabemos se são duas pessoas ou apenas uma e se a voz que ouvimos simultaneamente é apenas um reflexo, um eco. Quando descobri a forma de trabalhar do Ricardo, pensei: “isto é música”. Ele trabalha a compor também. Numa banda sonora para cinema há texturas e elas podem influenciar o estado emocional e a forma como a cena é entendida por quem está na plateia. Aqui temos contrastes entre o que é o cheiro orquestral e uma textura simples que faz um contraponto maravilhoso com o movimento de uma atriz.

Em que sentido diz que aqui escreveu de forma diferente, Ricardo?

RNN: Tenho sempre muito pudor em escrever a sério. Aqui tentei ocupar-me do género de escrita dos contos e das lendas. Vi-me com outra canção dentro da cabeça, outra voz, vi-me autor de um outro estilo, não “tu-cá-tu-lá” como habitualmente. É um género de fantasia mais calorosa, a querer abraçar estas crianças. Normalmente tenho uma forma de escrever mais “patega”. Uma vez o Jorge Silva Melo disse que escrevo “grotesco meigo” e fiquei mesmo feliz com essa expressão. É assim uma espécie de escrita para monstros simpáticos. E estas crianças são uns monstros simpáticos, fui mais fundo nessa questão do “grotesco meigo”.

Em termos de composição, também há novidades na sua música, Filipe?

FR: Há pouco tempo li um livro que falava sobre a importância de começar um trabalho, não com uma página em branco, mas com uma página escrita. A ideia foi partir das minhas referências, daquilo que são as grandes partituras de cinema, como as de John Williams, Hans Zimmer ou Bernard Herrmann. Estudei as bandas sonoras que escreveram, para perceber quando escreviam para a cena e quando a cena existia para a música. Há sempre uma irmandade entre imagem e música. Não é por acaso que Hitchcock

trabalhou sempre com Herrmann, até para *Os Pássaros*, que não tinha música, o chamou, para que fosse conselheiro de som, porque é alguém que escuta o mundo de outra forma. Esta peça não são só três duplas, há uma quarta dupla que somos nós os dois, atentos a coisas muito diferentes. É isso que as grandes parcerias têm de melhor: exponenciar o trabalho um do outro, sempre numa lógica coletiva.

No São Luiz terão um segundo projeto juntos.

RNN: Sim, também com a Orquestra Metropolitana. O Teatro do Eléctrico está a fazer 10 anos, quer dizer que enceno há 10 anos e já sei que um projeto com a duração de três meses não é suficiente para aprofundar relações artísticas. Faz sentido uma evolução em conjunto para daí tirar frutos. Aqui temos-nos entendido, mas ainda não tivemos a grande conversa e se calhar é no próximo espetáculo que vai haver uma reflexão indireta sobre este.

No palco, como funciona a dinâmica com os três grupos de meninas e a orquestra?

RNN: Temos três grupos de duas meninas e três grupos na própria cena. A orquestra funciona como uma massa e tem uma presença visual e sonora. Entre a orquestra e as meninas está o cenário que é a floresta e que funciona como símbolo. As atrizes estão à frente da floresta, porque não queria descolar da ideia de recital, da cantora

à boca de cena, queria muito trabalhar o cliché da ópera. E, por isso, elas fazem uma vénia depois de qualquer coisa mais elaborada.

FR: O texto, para as atrizes, é uma partitura. Para a orquestra uma partitura é um texto com indicações muito precisas de movimentos. São dois guiões para uma dramaturgia e complementam-se para servir o espectáculo.

RNN: Sempre que tenho músicos nos espectáculos faço questão que estejam no palco, porque há uma experiência que se está a perder: a de ver como os instrumentos musicais funcionam e como os músicos os tocam. Antes, era muito comum ver músicos a tocar, agora temos sempre música gravada. Gosto de oferecer esta coisa rara. E vê-los ali leva mais longe a fantasia. São criaturas da floresta que produzem música. E a música, como toda a arte, é aquela coisa que não serve para nada mas é essencial. Fazer música tem qualquer coisa de mágico.

FR: Era o que perguntava Hölderlin: “Para que servem os poetas em tempos de indigência?” Não vivemos apenas dos bens consumíveis, somos muito mais do que isso. A música em palco não só influencia quem está a ouvir na plateia, mas também os atores. Há ondas sonoras quando temos ali uma orquestra que não existem se tivermos música gravada. Esta música tem muito de ritual e, para mim, esta peça é sobre o crescimento da humanidade. Nas seis mulheres em palco está espelhada

a humanidade. E a música está lá desde o início, a peça começa com um instrumento de percussão e esse primeiro gesto inicial celebra o nascimento da humanidade, é o momento em que a humanidade ganha consciência dela própria.

Este texto é sobre o crescimento da humanidade?

RNN: Não sei se é exatamente sobre a humanidade, mas é sem dúvida sobre nós, sobre a vida. Passamos muito pouco tempo cá, é insuficiente. Levamos um terço da vida a dormir e outro terço a tratar da logística da vida, se o terço que sobra não é relevante então está qualquer coisa de muito errada. Cada vez me perturba o tempo só andar para a frente e não andar para trás, de perdemos tempo e vida. É tudo tão de passagem. Comecei a pensar nisto por causa das temporadas curtas das peças, da existência do artista e do objeto artístico, do teatro ser uma arte efémera, provisória. Perturbam-me não vivermos de forma plena sempre. E estas personagens, ao mesmo tempo que têm uma vida profundamente melancólica, são alegres. E isso é o grande mistério. Parece que hoje temos vergonha de viver com alegria. Estas personagens são tristes e traumatizadas mas vivem alegremente. O mistério é esse: como é que isso se faz? Então, se calhar, sim... no fim, é sobre humanidade, esta peça.

Entrevista realizada em fevereiro de 2018, durante os ensaios de *Banda Sonora*, por Gabriela Lourenço/Teatro São Luiz

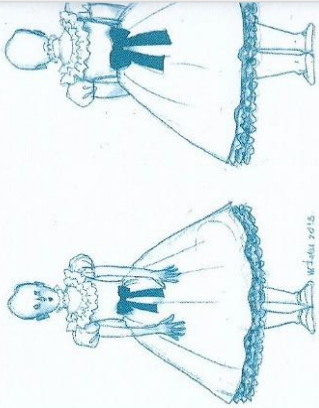
5

O desvio

A caracterização, os figurinos e o cenário de Banda Sonora

“Imagine-se que vêm à terra uns extraterrestes ver como vivem os homens. Quando voltarem e reproduzirem o que aqui viram haverá sempre um desvio. Esse desvio é estranho – é sobre esse desvio que gosto de trabalhar. Mesmo na nossa vida existem caminhos paralelos que são diferentes. Descer do Marquês para o Rossio pela Avenida da Liberdade ou pela Rua de São José são experiências completamente diferentes, apesar do ponto de partida e do ponto de chegada serem o mesmo. Procurei esse desvio também na estética do espectáculo. Na caracterização e nos figurinos, queria trabalhar ao mesmo tempo o belo e o grotesco, a alegria e a melancolia, a saúde e o decrepito; e, no cenário, o mistério, o tenebroso da floresta, do desconhecido, da florida e perfumada. São os contrastes normais da vida: ter medo e enfrentar... é o símbolo da vontade de viver.”

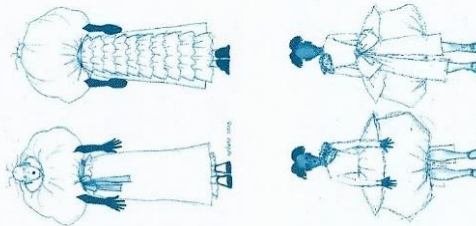
Ricardo Neves-Neves



Henrique Ralheta, responsável pela cenografia, levou para o palco um “fragmento de uma floresta romântica e tétrica”. Recorrendo a materiais naturais, como madeiras, troncos e galhos, optou por uma abordagem realista. “É um cenário naturalista, mas com características surrealistas, indo ao encontro do tom da peça”, sublinha.

6

Para os figurinos dos três pares de meninas em cena, Rafaela Mapril foi à procura de referências capazes de provocar alguma estranheza: o quadro Las Meninas, de Velázquez, a Alice de Lewis Carroll, Isabel I de Inglaterra e as suas golas. Jogou com escalas, formas e distorções, criando vestidos volumosos, acima ou abaixo da cintura. “É tudo um pouco exagerado”, explica a figurinista. As pequeninas são as Alices no País das Maravilhas, diz, “prontas para fazer a primeira comunhão”. Já as médias distinguem-se por serem “as mais românticas, ligeiramente pirosas”, enquanto as grandes são “as mais obviamente estranhas”. “Todas elegantes e preparadas para uma ocasião especial”, resume Rafaela Mapril.



São necessárias, pelo menos, três horas e meia para caracterizar as atrizes de *Banda Sonora*. Cidália Espadinha conseguiu inventar uma técnica de caracterização à base de latex que permite dar às personagens o realismo e o detalhe exigidos pelo texto – cabeças deformadas, penugens, veias e derrames visíveis no rosto, manchas de pigmentação, cabelos com peladas – e que torna possível a sua reutilização em todas as sessões do espectáculo. Um verdadeiro “trabalho de laboratório”, como define Cidália Espadinha, que juntou uma equipa de seis pessoas para fazer a caracterização nesta peça.

9 a 18 mar
BANDA SONORA
UMA CRIAÇÃO DE
RICARDO NEVES-NEVES
FILIPE RAPOSO

Quarta a sábado, 21h; domingo, 17h30
Sala Luis Miguel Cintra
€12 a €15 (com descontos €5 a €10,50)
m/14; Duração: 1h

18 março, domingo, 17h30:
conversa com a equipa artística após o espectáculo, moderada por Rui Pina Coelho (docente na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa)

18 março, 17h30

Texto e Encenação: Ricardo Neves-Neves;
Composição e Orquestração: Filipe Raposo;
Interpretação: Ana Valentim, Joana Campelo, Mária Cardoso, Rita Cruz, Sílvia Figueiredo e Tânia Alves, re Orquestra Metropolitana de Lisboa; Agnês Sarosi, Alexêl Tolpygo, Ana Cláudia Serrão, Carlos Damas, Catarina Gonçalves, César Nogueira, Daniela Radu, Diana Tzonkova, Elena Komisarova, Ercol de Conca, Fernando Llopi, Irma Skenderi, Janeite Santos, Jérôme Arnouf, Joana Dias, Joana Tavares, Joel Vaz, Jorge Camacho, Lurdes Carneiro, Marco Fernandes, Micaela Sousa, Nuno Abreu, Nuno Silva, Nuno Tiago, Rodrigo Carreira, Rafaela Oliveira, Romeu Madeira, Sally Dean, Sara Sá, Sérgio Charrinho, Sérgio Sousa, Tatiana Leonor, Valentim Petrov, Vladimir Kouznetsov; Maestro: Cesário Costa; Direção vocal: João Henriques; Sonoplastia: Sérgio Delgado; Desenho de luz: Pedro Domingos; Cenografia: Henrique Ralhet; Assistente de cenografia: Sebastião Soares; Figurinos: Rafaela Mapril; Cofeção de Guarda-Roupa: Ana Sabino Atelier e Mónica Félix; Caracterização: Cidália Espadinha.

Assistentes de caracterização: Beatriz Pessoa, Bruno Saavedra, Dennis Correia, Mária Filipe e Mariana Capinha. Coreografia e Movimento: Sónia Baptista; Fotografias: Alípio Padilha; Assistência de Encenação: Rafael Gomes; Segundos assistentes de encenação: Cristiana Simões, Diana Matias e Solange Brás; Produção/Comunicação: Mafalda Simões

Agradecimentos: Alice Barrozinha, Ana Mesquita Marques, João Almeida, Marco Costa, Pedro Pulido Valente, Sandra Figueiredo, Sara Duarte, Trindade Armando

Coprodução: Cine-Teatro Louletano, Teatro do Eléctrico e São Luiz Teatro Municipal



Teatro do Eléctrico é uma estrutura financiada pelo Governo de Portugal – Ministério da Cultura/ Direção-Geral das Artes e pela Câmara Municipal de Loulé / Cine-Teatro Louletano



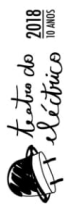
O Bilhete Suspensão nunca esgota. Saiba mais em bilheteira@teatrosauluz.pt / 213 257 650

São Luiz Teatro Municipal Direção artística: Alcida Tavares; Direção executiva: Joaquim Rêgo; Programação: Paia Neves; Susana Duarte; Adjunta direção executiva: Margarida Pacheco; Secretária de direção: Soraia Amoralinho; Direção de produção: Tiz Gonçalves (Diretora); Arrenda: Luís Bruno de Matos; Sousa Dias; António Palma; Cláudia Ramos; Paulo Niza; Vasco Ferreira; Soraia Caldeira; Gonçalo Sousa; Nuno Sá; Rui Lopes; Responsáveis de manutenção e segurança: Ricardo Joaquim; Direção de cena: Maria Pedreiro (Coordenadora); José Calixto; Maria Tereza; Ana Cristina Lucas (Assistente); Direção de comunicação: Elsa Barão (Direção); Gabriela Lourenço; Nuno Santos; Redação: com publicação: Nôas Novas; Ana Almeida; Filipa Maria; Cláudia Santos; Nuno Bicho



TEATROSAULUZ.PT

Anexo E - Versão final do texto de *Banda Sonora*



Meninas na floresta | Actrizes
Pequenina (8 anos) | Joana Campelo e Márcia Cardoso
Média (12 anos) | Ana Valentim e Rita Cruz
Grande (15 anos) | Sílvia Figueiredo e Tânia Alves
Pequenina a | Joana Campelo
Pequenina b | Márcia Cardoso
Média a | Ana Valentim
Média b | Rita Cruz
Grande a | Sílvia Figueiredo
Grande b | Tânia Alves

BANDA SONORA
de Ricardo Neves-Neves

I | Introdução musical e três na floresta**II | Canção do braço pelo peçoço****Voz 1**

Acordo, já é manhã,
Mas que grande alegria.
Tropeço naquele véu,
Lindo, da Virgem Maria.

Olho pela janela aberta,
Vejo o meu passarinho.
Escapuliu ontem de noite
Porque lhe dei com um pauzinho.

Fiquei muito assustada
Com dores no coração.
Adormeci abraçada,
Queta, junto ao meu cão.

Agora está na gatola.
Vou ter de o castigar:
Cortar-lhe as asas bem rente,
já não vai poder voar.

Ao cortar, fez muito sangue.
Correi bem junto ao osso.
Que sorte a do animal,
Merécia pelo peçoço.

Merécia pelo peçoço.
Se faz o mesmo outro dia,
Enforco o meu passarinho
No véu da Virgem Maria.

Voz 2

Uma vez comi um braço.
Quando acordei era o meu.
Para disfarçar o inchaço,
Dei-o ao cão que o lambeu.

Outra vez matei um cão.
Quando acordei era o meu.
Até faço criação,
Não sei o que é que me deu.

Para disfarçar o homicídio,
Pus o cão na cama dela.
Estava triste a pequenina,

A olhar para a janela.

III | As meninas agradecem e iniciam-se na arte do tabagismo

(Claquete e o sol muda de sítio. Pequenina agradece, começa a correr e depois pára. Claquete e o sol muda de sítio. Média agradece, começa a correr e depois pára. Claquete e o sol muda de sítio. Pequenina e Média correm e depois param. Claquete e o sol muda de sítio. Grande acende um cigarro e fuma.)

Pequenina – A fumar?
É bom?

Média – As mulheres não fumam!
As senhoras não fumam!

Pequenina – A fumar?
É bom?

Grande – Sim.
E?
Qual é que é
o teu problema?

Pequenina – Fumar é bom?

Grande – É, pequenina.
Tens de experimentar.

Média – Nunca vi uma mulher
a fumar.
Uma mulher não fuma.

Grande – Qual é o teu problema,
parvalhona.

Média – Uma mulher não fuma.

Pequenina – Como é que se faz?
Posso fumar?

Grande – Podes, pequenina.

Pequenina – Como é que se faz?
Posso mesmo fumar?

Grande – Podes, pequenina.

Média – Isso é contra as regras.

Vou pedir um atestado.
Não.

Vou pedir
um processo disciplinar.
Vou abrir
um processo disciplinar.
Fumar é proibido.

Grande – É assim, pequenina.
Repara.
Repara no que vou fazer.
Tens um cigarro,
compreendes?

Pequenina – Compreendo sim.
Tenho um cigarro,
compreendo.
Mas não tenho.

Grande – Toma.

Pequenina – Sim!
Compreendo!
E que mais?

Grande – Coloca a parte
que tem a esponja
na boca,
compreendes?
Nos lábios,
assim.

Pequenina (*ri-se*) – Sim!
Compreendo.
Nos lábios,
assim.
Que sensação esquisita.

Grande – Molhas a ponta
com saliva.
Só um pouco
de saliva,
para o papel não se colar
aos lábios
e o fumo quente
não te queimar
a garganta.

Média – Eu não acredito.

Pequenina – Assim?

(*Pequenina lambe o filtro do cigarro.*)

Grande (*ri-se*) – Sim.
Assim mesmo.
Assim mesmo.

Pequenina – É fácil.
Pensava que não.

Média – Inadmissível.

Pequenina (*para Média*) – Experimenta.
Não sejas burra.

Grande (*para Média*) – Qual é que é
o teu problema,
parvalhona?

Pequenina – Experimenta,
burra.
Não sejas burra.
Parvalhona,
experimenta,
burra.

Grande - Apanha.

(*Média tem um cigarro na mão e também lambe o filtro do cigarro. Grande ri-se.*)

Grande – Cheira-o.
Não é bom?

Pequenina – É bom!
O que é?

Grande – Tabaco, pequenina.
Observa-o.
Coloca-o entre
os dedos médio
e o indicador,
próximo das pontas dos dedos.
Das pontas dos dedos, miúda.
Ensaia a forma
como o deves levar
aos lábios.
Duas ou três vezes.

Não é preciso pôr a esponja toda na boca.

Só a ponta.

Ao centro dos lábios.

Está húmida?

Acende o isqueiro.

Mete a ponta do cigarro em frente ao lume

e assim que a ponta do cigarro estiver exactamente em cima do lume,

puxa o ar.

Chupa o ar.

Esta é a parte principal do acto de fumar.

Chupa o ar

através do cigarro.

Compreendes?

Como se estivesse

a chupar um líquido.

Chupar

não é o mesmo

que respirar.

Não inspires

o primeiro bafo

que chupas.

Deixa-o escapar.

Pequenina – Assim?

(Pequenina segue as indicações da Grande. Puxa o ar, mas não inspira o fumo. Vê o fumo sair da boca.)

Grande – Agora tu,

parvalhona.

(Média segue as indicações da Grande. Puxam o ar, mas não inspira o fumo. Vê o fumo sair da boca.)

Grande – Faz outra vez.

Tu também,

parvalhona.

(Pequenina e Média repetem.)

Grande – Vê-te ao espelho.

O que achas?

(Pequenina e Média riem-se.)

Grande – Fuma em frente ao espelho.

Fuma

várias vezes

em frente ao espelho

e vais gradualmente melhorando a tua técnica.

A forma

como pegas no cigarro,

como usas o isqueiro,

como inalas o fumo.

Essas coisas,

compreendes?

Pequenina – Sim!

Sim, sim!

Sim, compreendo!

Grande – E tu?

E tu?

Média – Fico tão bem

com o cigarro.

Sinto-me tão bem,

tão elegante,

mais preparada.

Sinto-me tão bem.

Sinto-me mesmo bem.

Mesmo,

mesmo bem.

E bom!

E bom!

Grande – Agora vamos

aprender a travar.

Chupem

o máximo de fumo

para a boca

e depois inspirem-no

directamente para os pulmões.

(As meninas fazem-no. Não se engasgam.)

Pequenina – Que bom.

Média – É tão natural.

Grande – Com os primeiros bafo

podem ficar um pouco zonzas com a nicotina. Mas depois passa.

Média – Para uma mulher é muito feminino e elegante manter o cigarro num ângulo de 90 graus em relação aos dedos. Não é? Assim?

Pequenina e Média – Estou tão calma, leve e irritada.

Média – Mais cinquenta anos e talvez pare.

IV | Canção A Arte do Tabagismo

Puxa o cigarro gentilmente. O toque brusco vai estragar. Molha a ponta com saliva Para saber bem e não queimar.

Acende o cigarro com o isqueiro. Guarda os fósforos para mais tarde. Podes parar para conversar. Verás que a ponta ainda arde.

Aquilo que faz não é queimar. São os alvéolos a gritar. Como são mesmo microscópicos, Quem é que se vai importar?

Puxa o fumo para a boca. Não lighes se a voz é rouca.

Inspira o fumo quente. Pede ao corpo que aguente.

Na traqueia passa o fumo. Ele conhece o seu rumo.

Os brônquios dão boas vindas. As meninas são tão lindas.

Entra o fumo nos pulmões. E nas outras divisões.

Os primeiros dão uma moça. As imagens que desfoca.

Com poder medicinal, Golden Strike Original.

Se puderes reter o fumo E manter o teu aprumo:

Puxa o cigarro gentilmente. O toque brusco vai estragar. Molha a ponta com saliva Para saber bem e não queimar.

Acende o cigarro com o isqueiro. Guarda os fósforos para mais tarde. Podes parar para conversar. Verás que a ponta ainda arde.

Faz o mesmo todos os dias. É o melhor para o coração. Entra o alcatrão para as veias, Faz nova pavimentação.

V | Pequeminha nasceu de um ovo

Pequeminha - Nasci de um ovo.

Sim.

E?

A minha mãe chocou-me.

Eu estava num ovo.

E a minha mãe chocou-me

durante oito anos.

Fiquei no ovo

durante oito anos

e a minha mãe chocou-me

durante esse tempo.

As vezes sentia-me sozinha.

Estava sozinha

dentro do ovo.

A minha mãe chocou-me

durante oito anos,

porque dizia que assim

ia nascer perfeitinha.

E eu percebi.

No início não percebi.

Mas depois percebi.

Tinha um espelho

dentro do ovo

e fui percebendo

que todos os dias

ia ficando

um bocadinho mais perfeitinha.

E tinha as mãos a crescer.

E os dedos a crescer,

com as unhas a crescer.

E tinha pestanas

e sobranceiras

e estavam a ficar perfeitinhas

como hoje são perfeitinhas.

Assisti a tudo

com grande curiosidade.

A formação de todos os órgãos.

Da placenta.

Dos lábios

e das sobranceiras.

Das pestanas.

Tudo.

Dos pulmões.

Dos ossos.

Tudo.

E para não me sentir sozinha

a minha mãe falava muito comigo.

11

Falava comigo
sobre todos os assuntos
e tudo o que sei hoje
foi a minha mãe que me ensinou.

Quando a minha mãe tinha de sair
para caçar
ou quando havia uma tempestade
ou vento

ou um acidente
que destruía parte do ninho
onde estava o ovo
onde eu estava no ovo
e ela saía

para procurar terra
e erva seca
e galhos

para consertar
o ninho desfeito,
deixava ao lado do ninho
um rádio.

E ouvi de tudo
através desse rádio.
Pessoas a falar.

Pessoas a cantar.

Segui os Jogos Olímpicos

e passei a conhecer

aqueles rapazes

e aquelas raparigas

que corriam

e saltavam,

como eu um dia vou correr

e saltar

e aqueles corpos fortes

daqueles rapazes

e daquelas raparigas

com força,

fortes,

e sorrisos brilhantes

com dentes brilhantes.

Quando for grande

vou ser olímpica

e lançar o dardo

e fazer natação

e tudo o que me apetecer.

E quando nasci

estava toda nua.

Toda nua!

Que vergonha!

A minha mãe

12

pós-me logo dentro de um vestido, mas antes de me pôr dentro de um vestido eu estava toda nua e quem quisesse olhar, olhava e via que eu estava toda, toda, completamente nua, estava toda nua e a minha mãe pós-me logo dentro de um vestido e deu-me esta faca e disse "Esta faca é para abrir tudo aquilo que quiseres ver melhor. É para abrir tudo aquilo que quiseres ver por dentro. Depois de veres, toma nota do que viste para não te esqueceres. Lembra-te que atrás daquilo que vês de imediato, há sempre mais qualquer coisa. Qualquer coisa mais para ver. Nunca percas a curiosidade e faz dela a tua ciência." *(encolhe os ombros e diz que sim com a cabeça)* Nasci esta manhã. Estive oito anos no ovo, onde me formei e de onde nasci e na manhã em que nasci, esta manhã em que nasci, hoje, há meses, a minha mãe teve de voar para o hemisfério sul. Mas antes de partir disse-me "Pequenina, és tão pequenina, tão pequenina, tão pequenina, regista o que vês.

13

Não podia ter desejado uma menina mais bonita. Não podia ter desejado uma menina tão bonita. Nem nos sonhos imaginei uma menina tão linda. Agora que já nasceste, esta manhã em que nasceste, procura um ninho com ovos que deixei para ti. Procura o ninho e poderás encontrar ovos dentro do ninho. Choca os teus próprios ovos. São ovos de sapo e quando os sapos rebentarem a casca dos ovos e nascerem, poderás usar a tua faca. É descobre o que está dentro do sapo. Não é dentro do ovo. É dentro do sapo. O que está dentro de cada sapo. Usa a faca e a tua curiosidade para descobrir todas as verdades e todas as ilusões que estão no corpo do sapo. No corpo de cada sapo. Porque os sapos são mentirosos. Qualquer pessoa sabe que os sapos não dizem a verdade. Usa a faca, abre o sapo e com a ponta dos dedinhos tira cada bocadinho para fora. Coloca cada bocadinho em cima de uma mesa, cada bocadinho em fila, em cima de uma mesa limpa. Analisa, regista o que vês.

14

No bolso do teu vestido
tens um caderno e um lápis.
Analisa o que vês.

Regista o que viste.

Nunca salves

a vida de um sapo.

Nunca olhes

nos olhos de um sapo.

Nunca beijes

a boca de um sapo.

Fica sempre

com o sapo

na mão.

Agarra-o

por uma das patas.

Se tentar escapar,

agita-o no ar.

Mostra que tens o controlo.

Se continuar a querer escapar,

bate com ele numa parede

ou em cima de uma mesa.

Com força.

Ele não te poderá escapar.

Compreendes minha querida?”,

“Compreendo sim,

mãezinha.

A vida de um sapo

não é para salvar

e sempre que ele quiser escapar

bato com o sapo

numa mesa

ou numa parede,

com força numa mesa

ou numa parede

ou noutra superfície,

concluo bem,

mamã?

E agora que vais partir,

vou ficar para sempre sozinha?”,

“Não, minha linda,

não não.

Não não, minha linda.

Um dia vais encontrar

outro ninho,

maior,

viçoso,

com ovos lindos,

mais brilhantes,

que chocarás por oito anos

e vais ter bebés.

Esses bebés

são os teus bebés.

Os sapos

são os teus sapos.

Significa que os sapos

não são os teus bebés.

Não devês nunca

confundir os dois.

Desses ovos maiores

sairão os teus bebés,

tal como tu és a minha bebé.

E os teus bebés

não poderás abrir.”

“Mamã!

Oh!

Porquê, mamã?

E se eu quiser saber

o que está dentro

de um dos meus bebés?

Como faço, mamã?”

“Se abrires o teu bebé,

ele perde a vida.

E uma menina

não pode tirar a vida

a um bebé,

porque estará a roubar

o que à Natureza pertence.

A vida de cada bebé,

a vida de cada homem

e a vida de cada mulher

à Natureza pertencem.

Sempre que alguém rouba

a Natureza,

deverá devolver à Natureza

um bem igual,

de igual valor.

Compreendes, minha linda?”,

“Sim, mamã.

Não sei, mamã.”

“Se alguém perder a vida

e tu fores a responsável,

deverás oferecer a tua vida

à Natureza.”

“Mas eu não quero morrer,

mamã.

Nasci ainda esta manhã.

Quero viver.

Não quero morrer.

Quero viver!",

"Se alguém perder a vida
e tu fores a responsável,
deverás oferecer a tua vida
à Natureza,

compreendes minha filha?",

"Compreendo, mamã.

Se alguém perder a vida

e eu for a responsável

devo oferecer a minha vida

à Natureza.

Percebi sim, mamã.

Adeus, mamã."

(tapa a cara com vergonha)

Nasci tua.

Nasci toda nu!

Que vergonha!

(num ataque de fúria)

Onde está o meu ninho?

Esqueci-me!

Não me lembro de nada!

Não me lembro de nada!

Não sei onde está o meu!

Não sei onde está o meu ninho!

O meu ninho!

(Pequenina sai de tricíclo pela floresta à procura do ninho. Volta satisfeita com o ninho na mão. Choca os ovos que estão no ninho e nascem sapinhos.)

VI | Canção do sapo sápiens

A Dissecção dum sapo inicia quando

Ainda está vivo, ainda coaxa.

Pega-se pelas patas dele, começa num pranto.

É grossa a pele dele, parece borracha.

O melhor é quando faço o corte.

É ele que lhe causa a morte.

O sapo olha fito.

Educado nem solta um grito.

Ele está feliz.

Não vai ser frito.

O meu grande sonho era fazer

Exactamente o mesmo a um crocodilo.

A Dissecção dum sapo inicia quando

Ainda está vivo, ainda coaxa.

Pega-se pelas patas dele, começa num pranto.

É grossa a pele dele, parece borracha.

Ou fazer a outro animal.

Um mamífero mesotermal.

Pode ser homem ou mulher

E se resistir dou-lhe éter.

Podia ser...

Podia ser...

A irmã do melo.

VII | Pequenina persegue Média para fins científicos. Por sorte, toca o telefone.

(Pequenina corre atrás de Média com uma faca. Pequenina ri. Grande ri. Média chora.)

Pequenina *(cantarola)* - Vou abrir a burra!

Vou abrir ao meio a burra.
E se ela não deixar,
leva uma grande surra.
E sacar de lá de dentro.
Bem juntinho ao epicentro
Uma chicha que desventro.
Vou abrir a burra!

Média *(para Grande, que ri)* - Ajuda-me.

Rogo que me ajudes.
Ela mete-me medo.
Ela mete-me tanto medo.
Estou tão enervada.
Estou tão leve e enervada.
Preciso de um cigarro.
Dá-me um cigarro.
Rogo que me ofereças
um cigarro.
Sem o cigarro
não consigo escapar
à faca da Pequenina.

(Grande dá um cigarro a Média, que acende e fuma enquanto foge de Pequenina. Toca o telefone e todas param e 50% atende o telefone.)

Pequenina b, Média b, Grande b - Está lá?

Quem fala?

Não,
desculpe,
com quem deseja falar?

Pequenina a, Média a, Grande a - Quem é?

Pequenina b, Média b, Grande b - Estou?

Não,
desculpe,
não me está a perceber.
Faça o favor de se identificar.
Eu não sei como consigo
ser mais clara.
Eu não sei como sei,
aliás,

não se sabe,
ou melhor,
não sei se consigo,
comprende?,
quero dizer,
apenas,
não é?,
não sei como consigo
ser mais clara
do que fui anteriormente.
Se não disser o seu nome,
eu não respondo à sua questão.
Não tem nada de saber,
se não se identificar primeiro,
olha que merda.
Sim.
E?
Era o que faltava.
Era mas é se fosse.
Está,
mas é como se não estivesse.
Não.
Na árvore.
E?
Oh.
No mesmo/
Está?
Está lá?

Pequenina a, Média a, Grande a - hum, hum?

Pequenina b, Média b, Grande b - Como?

Fale mais alto.
Diga lá isso agora,
mas mais alto
se tiver coragem.
Sim, outra vez.
Não percobi.
Está lá?
Quem?
Era mas é se fosse.
Está,
mas é como se não estivesse.
Não.
Nem pensar.
Só por cima do meu cadáver.
39, 40.
Porquê?
Sim, e?

Pequenina a, Média a, Grande a – Quem é?
 Pequenina b, Média b, Grande b – Diz que é para ti.
 Pequenina a, Média a, Grande a – Quem?
 Pequenina b, Média b, Grande b – Para ti.
 Pequenina a, Média a, Grande a – Para mim?
 Pequenina b, Média b, Grande b – Sim.
 Pequenina a, Média a, Grande a – Ah?
 Pequenina b, Média b, Grande b – Sim.
 Pequenina a, Média a, Grande a – Estás?
 Pequenina b, Média b, Grande b – Está lá?
 Pequenina a, Média a, Grande a – Sim?
 Pequenina b, Média b, Grande b – Ah?
 Pequenina a, Média a, Grande a – Mas é urgente?
 Pequenina b, Média b, Grande b – Olhe, desculpe.
 É urgente?
 Pequenina a, Média a, Grande a – Estás?
 Pequenina b, Média b, Grande b – Sim.
 Pequenina a, Média a, Grande a – Mau.
 Pequenina b, Média b, Grande b – O que é que eu digo?
 Pequenina a, Média a, Grande a – Diz.
 Pequenina b, Média b, Grande b – Diz que é para ti.
 Pequenina a, Média a, Grande a – Mas quem é?
 Pequenina b, Média b, Grande b – Não tens ouvido o que tenho estado a dizer?
 Não se identifica.
 Não se identifica.

21

e ponto final.
 Não se identifica.
 Se não se identifica como posso saber quem é.
 Estou?
 Faz favor de se identificar imediatamente.
 Ah, não?
 Pronto.
 não se identifica.
 Está lá?
 Pronto.
 Não se identifica e ponto final.
 E?
 Pequenina a, Média a, Grande a – Um admirador.
 Será?
 Pequenina b, Média b, Grande b – Sei lá.
 Pequenina a, Média a, Grande a – Será um admirador?
 Pequenina b, Média b, Grande b – Não sei.
 Talvez.
 Duvido.
 Pequenina a, Média a, Grande a – É um admirador, sim, finalmente um admirador.
 Tenho a certeza de que se trata de um telefonema de longa distância de um admirador do meu coração.
 De um admirador pessoal.
 Um admirador carnívoro para me morder a pele e eu libertar o óvulo.
 Pequenina b, Média b, Grande b – Está lá?
 Sim, só um momento.
 Atendes?
 Pequenina a, Média a, Grande a – Naturalmente.
 Passa.
 Não, espera, vou pôr batom.

22

Pequenina b, Média b, Grande b - Está?
 Sim, só um momento.
 Vem já.
 Vem já!
 Já vai!

(Pequenina a, Média a, Grande a vão ao telefone. Voltam Pequenina e Grande. Média continua ao telefone.)

VIII | A Farsa do Namorado

Média - Sim?

Sim,
 é a própria.

Sim,
 como sabe?

Foi?
 Como sabe?

Ah, claro.
 Como sabes?

Sabes.
(ri)

Como sabes tu?

Tu como sabes tu?

(ri e faz um pouco de xixi)

35, 36

Porquê?

Sim, e?

Ah.

(cora)

Naturalmente.

(do outro lado da linha, o príncipe canta uma canção e desliga.)

Sim, sou.

Fui, claro.

Estou inscrita,
 mas nunca mais me chamaram.

Esgrema peniana.

E tu?

Ah, compreendo.

5 dias úteis.

De veras?

E depois,

come-a.

Sim, depressa.

Há horas.

Horas a fio.

Oh, por favor.

Sinto-me lisonjeada.

Sinto-me tão lisonjeada.

23

(Pequenina b e Grande a cortam a linha do telefone. Média continua a falar.)

É muito simpático

da sua/

é muito simpático

da tua parte.

Sim, compreendo.

(conta pelos dedos e ri)

Eu sou da mesma opinião,

confesso.

Se fosse...

Um certo fascínio pela cor azul,

pelo protocolo.

No abdómen.

Muitas.

Por aí acima.

Harpejos.

Que grande.

Uma certa variedade,

confesso.

Ai, que grande.

Sim, aguento.

(dá uma nota muito aguda)

Foi bom?

Sim,

fui eu, ora.

Sim.

fui eu, claro.

São os teus olhos.

Mais outra?

(cora)

Quero.

(dá uma nota ainda mais aguda)

Foi bom?

Sim, compreendo.

Das sereias.

Mel,

à sombra.

Quando bate o sol,

são verdes.

Imago animi vultus,

indices oculi!

Ribeiros de mel,

já me tinham dito.

Mas podes dizer

outra vez.

(ri)

Toda de branco,

¹ Os olhos são o espelho da alma.

24

com um laço de oiro.
 Sim.
 Que doído.
 (ri)
 Que parvo.
 (ri, olha para as unhas e limpa as mãos às ervas)
 Mesmo.
 Claro.

Vou sempre atrás
 com uma bandeira.
 (suspira de frete e depois ri)
 Parvo.

Chiú.

Pára, parvo.

Ah!

Sim, sim!

Aceto!

Aceto!

Estou muito emocionada.

Evidentemente que aceto!

Estou muitíssimo emocionada!

Estou emocionadíssima!

E o dia mais feliz

da minha vida!

É o dia mais feliz

da minha vida!

Quae fieri necesse est,

illa pro tempore fiant!²

(Pousa o telefone de volta na árvore.)

IX | A Canção do Namorado

Voz 1

Tenho um namorado

E um vestido novo.

Ele vai pedir-me,

Vai pedir-me em casamento.

Casar é beijar na...

É beijar na boca.

Vou casar e ele

Vai levar-me para outra terra.

Fugir daqui com ele, para sempre.

E viver para sempre

² O que tem de ser, tem muita força.

Num castelo com jardim.
 É melhor que nada.

E se ele me trair
 Ou preferir outra,
 Corto-lhe a cabeça.

Voz 2

Ela é tão pirrosa.

Não pára de mentir,

Quando fala sobre

O que lhe vai acontecer.

Mentir, mentir, mentir, mentir.

Ela não namora.

Nunca saímos daqui.

Não conhece nada.

Como um louva-a-Deus,

Que arranca a cabeça

Assim que termina

A cópula selvagem.

X | Média mentem sobre o pai, depois mentem sobre a mãe.

Média – Apetecia-me

ir apanhar flores

à floresta.

Lavandas,

Abróteas-da-primavera,

e dentes de leão

para fazer uma coroa.

Tenho saudades

da minha coroa.

Foi assim

que a minha mãe

conquistou o meu pai.

Foi assim

que a minha mãe

roubou o coração a meu pai.

Com uma coroa de flores

na cabeça

e a correr pelo campo

numa manhã de sol.

(Pequena e Grande suspiram e reviram os olhos)

Meu pai

ao ver minha mãe,

ao voltar para o Palácio

vindo de uma batalha sangrenta

e depois de ter conquistado um pequeno reino, uma pequena pedra no sapato, viu a minha mãe e disse "Pequenina, que donzela pequenina. Mais pequenina que uma margarida. Se casares comigo, prometo-te uma coroa de ouro e de pedras preciosas, que poderás usar todos os dias". Porque como sabes, meu pai é rei. E para além de ter prometido a minha mãe o seu reino, quando eu era mesmo pequena, meu pai, segurando-me ao colo ou eu sentada no seu ombro, em pé, em cima de uma rocha alta que dava para um vale e a partir do qual se avistava uma porção significativa do seu reino, pensava eu, mas que apenas representava 20% de todo o território, 20/25% no máximo, segurando-me ao colo e eu sem ainda saber falar, mas já sabia ouvir, ao ouvido assim me disse "Pequenina, és tão pequenina, tão perfeitinha. Não podia ter desejado uma menina mais bonita. Não podia ter desejado uma menina tão bonita. Nem nos sonhos imaginei uma menina tão linda. Toda a porção de terra que vês e mais 80% que não vês,

não menos, um dia será teu. Quando teu pai e tua mãe já não habitarem a terra, todo o reino será teu e serás a senhora do reino e farás as leis e comandarás o exército". E morreu. Como eu era muito nova e a minha mãe muito pequenina, foi a minha avó, a mãe de meu pai, que assumiu a regência do reino, até a minha mãe crescer e ter tamanho para reinar ou eu crescer e ter idade para reinar. Como a minha mãe era muito bela e era uma princesa de um dos reinos conquistados, de um dos reinos ocupados no passado, o casamento com o meu pai nunca foi bem visto pela corte e pelos tribunais do reino. A minha avó, a mãe do meu pai, que tinha um problema nas ancas devido a um acidente de camelo entre a Niceia, na região sul da Ilíria, e Eshnunna, junto ao vale do rio Djalá, e andava com movimentos circulares, isto é, as pernas faziam a forma de ventoinha, andavam como os ponteiros de um relógio, mais ou menos como os braços fazem a nadar, o movimento de nadar, assim, os braços à roda

para a frente,
 como se fosse um relógio
 visto de lado,
 mas em vez dos braços
 são as pernas.
 E as pernas
 faziam esta forma
 e atarravam violentamente
 no chão,
 quebrando as pequenas peças de pedra,
 em mosaico,
 e destruindo as formas
 que criavam,
 as formas dos mosaicos.
 Todo o chão do palácio
 estava uma lástima
 devido aos movimentos
 em ponteiro de relógio
 que as pernas da minha avó
 faziam.
 O palácio
 e a terra tremiam
 quando a minha avó andava,
 em resumo.
 E ela andava,
 o chão tremia
 e a minha mãe tremia
 e eu,
 que já era viva,
 tremia.
 Naturalmente.
 E a minha mãe,
 que era muito bela,
 tremia
 e a minha avó olhou para ela
 e disse
 "Pequenina,
 és tão pequenina,
 tão perfeitinha.
 Não podia ter desejado
 uma nora mais bonita.
 Não podia ter desejado
 uma nora tão bonita.
 Nem nos sonhos
 imaginei uma nora tão linda.
 Tão pequenina.
 Tão pequenina
 a minha nora.
 Parece uma sementinha.

29

Parece uma amendoinha verde."
 E com o movimento rotativo
 de uma das pernas,
 no meio da sala de leitura do palácio,
 junto ao *impluvium*,
 abriu um buraco.
 Tal era a força
 das pernas da minha avó
 que abriu um buraco
 com sete metros de profundidade.
 O buraco
 tinha a forma do sapato
 da minha avó
 e sete metros de escura profundidade
 e o movimento no chão
 abriu ainda uma fenda
 que atravessou toda a sala,
 todo o palácio,
 todo o reino e o Mediterrâneo
 e só parou ao centro
 do Mar Vermelho
 fazendo a vibração suste-
 r as águas na vertical
 por mais de uma hora
 e a minha avó disse à minha mãe
 "Pequenina,
 és tão pequenina,
 tão perfeitinha.
 Parece mesmo uma sementinha.
 Parece mesmo uma amendoinha verde.
 Deixa ver
 se daqui te fazes árvore
 e floresces
 e das tuas flores
 dás frutos no verão."
 Só com uma mão,
 pegou na minha mãe
 por um dos ombros
 e atirou-a para o buraco,
 para os sete metros do buraco.
 Tão leve
 que não se ouviu
 quando bateu no fundo
 e se quedou.
 A minha avó
 encheu o buraco
 com borras de café
 e disse

30

"Pequenina,
pequenina amendoinha,
vamos ver se te fazes árvore
e se no verão
nos das frutos doces,
a partir
das tuas flores brancas.
Vámos ver
se nos das frutos depois,
depois de nos dares
flores brancas".
Regou com água quente
e ficou à espera,
com as pernas
em ponteiro de relógio,
ambas a apontar
para a meia noite.
Sete primaveras depois,
eu já corria
de um lado para o outro
e a minha mãe,
já de árvore feita,
deu uma flor.
Depois outra
e finalmente várias.
Eram flores brancas,
pequeninas
e com uns olhos rosa
lá dentro
que me viam
e sorriam
quando eu me aproximava
e espreitava
e eu dizia "olá mãe"
e a flor sorria-me
e eu pensava "olá filha".
E a minha avó disse
"Pequenina,
no verão,
a tua mãe vai dar amêndoas.
A tua mãe vai dar amêndoas doces.
Mas não as poderás comer.
Se comeres
as amêndoas da tua mãe,
a tua mãe sofre
e fica cega
e deixará de te ver.
Para precaaver tal circunstância,
vou mandar

queimar a tua mãe,
antes da casca verde abrir,
secar
e cair
e poderes arriscar
a tua gulodice
nos olhos da tua mãe".
"Sim, avó.
Não vou comer
as amendoinhas doces
da minha mãe,
para a minha mãe
não ficar cega
e deixar,
assim,
de me ver
e me sorrir".
E a minha avó
mandou queimar a minha mãe
e a minha mãe ardeu.
Primeiro
deixei de ver as flores brancas,
depois
os galhos mais finos.
Quando o fogo se extinguiu,
só ficou a base do tronco,
carbonizada,
e um forte cheiro a café,
que se manteve
durante todo o verão
e me confortou
e me alegrou.
Durante todos os outonos
e todos os invernos
a árvore volta a crescer,
para dar flores brancas
na primavera
e no final,
mesmo antes do verão,
quando se começam a ver
as cascas verdes das amêndoas,
a minha avó
manda queimar
a minha mãe.
Na noite
do meu décimo segundo aniversário,
ontem à noite,
na noite
do meu décimo segundo aniversário,

a minha avó foi ao meu quarto,
um quarto grande,
com criada
e uma janela sem vidros,
porque está sempre calor,
a minha avó foi ao meu quarto,
aproximou-se da cabeceira da cama
e com o movimento
de uma das pernas
em ponteiro de relógio
abriu um buraco na cama,
mesmo ao lado da almofada
e da minha cara.
Esse buraco passou o colchão
e a madeira da cama,
passou o ar
que fica entre a cama e o chão
e,
por fim,
abriu um buraco
de sete metros de profundidade,
mas estreito
e sem eco.
E então a minha avó disse
"Pequenina,
és tão pequenina,
tão perfeita.
Não podia ter desejado
uma netinha mais bonita.
Não podia ter desejado
uma netinha tão bonita.
Nem nos sonhos
imaginei uma netinha tão linda.
Tão pequenina.
Tão pequenina a minha netinha.
Parece uma sementinha.
Parece uma amendóinha verde."
Percebi que a minha avó
estava prestes a agarrar-me
por um ombro,
atirar-me
para o buraco de sete metros,
enterrar-me com borras de café
e fazer-me árvore,
como fizera com a minha mãe
uns anos antes.
Antes que me agarrasse pelos ombros,
empurrei a minha avó
com força,

33

ela recuou,
ela andou para trás
tentando equilibrar-se,
com as pernas para trás,
em ponteiro de relógio invertido
em ponteiro de relógio para trás
e o tempo andou,
recuou.
O tempo andou para trás
o suficiente
para a minha avó
ainda não ter chegado ao quarto.
Ao ouvir os seus passos
com eco
no largo corredor do Palácio,
para onde dá
o lado de fora da porta
do meu quarto,
saltei da cama,
vesti-me à pressa
e,
com um salto,
passei a janela.
Corri em linha recta,
durante vários dias,
de ontem a hoje
e prometi
"Quando crescer
e desenvolver uma força muscular
de calibre avançado,
regresso ao palácio
e empurro a minha avó
e empurro
e empurro,
pelos corredores,
pelos salás,
pelos jardins,
pelas vilas,
pelos campos,
pelos riachos,
pelos margens,
pelos centros mais fundos,
pelos vapores,
pelos muros,
pelas linhas do comboio,
pelos vulcões,
pelos desertos,
pelo gelo,
pela areia,

34

pelas ilhas,
 pelos animais
 para fazer com que
 aquelas pernas de relógio
 andem para trás
 até ao momento
 em que a minha mãe esteja de volta
 e o meu pai esteja de volta
 e essa velha seja pequenina
 e eu a atire para um buraco profundo
 e ela se faça árvore,
 sempre em chamas,
 cujo fogo
 vou alimentar
 por toda a eternidade.

XI | Canção do relógio

Vou plantar a velha num buraco fundo,
 E regar a velha com gasolina a ferver.
 E quando nascer o tronco nauseabundo,
 Vou lançar-lhe fogo, que alimento com prazer.

Vou fazer o tempo andar para trás
 E trazer de volta a mãe.

Rodar os ponteiros no sentido inverso
 E trazer de volta o pai.

E ficar a ver o tronco dela arder
 E ficar a ver,
 Com o meu pai e a minha mãe,
 A velha a morrer.

XII | A Grande nasceu como um tiro de canhão

Grande – A minha mãe morreu
 durante o parto.
 Quero dizer,
 no dia em que eu nasci.
 Houve umas complicações.
 Ou melhor,
 como a coisa me foi contada
 foi que eu nasci
 como se fosse
 um tiro de canhão,
 que era muito grande
 e que tudo ficou destruído

e eu nasci
 e a minha mãe morreu.
 Sempre me culpavam
 e eu já percebi.
 Ainda não sei o que fazer
 com essa informação,
 mas já percebi
 e nunca conheci
 a minha mãe
 e a minha mãe
 nunca me conheceu.
 E o meu pai perdeu,
 portanto,
 a mulher
 no dia em que eu nasci.
 E quando fiquei
 a saber desta história,
 nesse dia,
 hoje às 7 horas,
 depois do meu pai ter saído
 para o trabalho,
 há anos,
 percebi que para além
 de eu ter perdido
 a minha mãe,
 o meu pai tinha perdido
 a mulher.
 Então eu percebi
 que já sabia o suficiente da vida
 para assumir o papel
 de minha mãe
 e assumir também o papel
 de mulher do meu pai,
 isto é,
 ser o encanto feminino do lar
 e fazer companhia
 e irmos ao cinema,
 essas coisas,
 ao cinema,
 e conduzir,
 ou melhor,
 ficar ao lado
 enquanto o meu pai
 conduz o carro
 e colocar um lenço
 na cabeça
 quando tira a capota
 e, ainda assim,
 fumar um cigarro

e o fumo
praticamente nem se sente,
porque o vento é forte,
mas o lenço
protege-me o penteadado.
Mesmo que eu meta laca,
o melhor é colocar o lenço,
deixando a poupa loira
de fora do lenço.
Fica melhor
quando ainda se vê
uma mecha generosa de cabelo.
Uma madeira dourada
do lado de fora do lenço,
ao vento.
Se não coloco o lenço,
os meus cabelos voam
de um lado para o outro
e tapam-me os olhos
e tapam os olhos do meu pai,
o que pode ser muito perigoso
enquanto ele conduz.
E o meu pai trabalhava
e eu decidi ficar em casa.
Ser uma doméstica.
Ninguém me obrigou,
a opção foi minha,
ninguém me obrigou,
o meu pai concordou
e eu preparava
o pequeno almoço de manhã,
ovos e sumo de laranja
de laranjas
que eu espremia,
laranjas
que eu tinha ido comprar
ao supermercado
e depois de lavar a loiça,
limpava as minhas mãos molhadas
ao avental branco
e com renda
que tinha em cima do vestido
com saia de halão
e pintava as unhas
e usava saltos
e tinha sempre
o cabelo puxado para trás
com um rabo de cavalo,
mas com volume e laca,

37

e preparava o almoço
e colocava-o
num saco de papel
e colocava-o
na pasta do meu pai,
que almoçava no escritório
e para chegar lá
apanhava o combóio
e essas coisas,
com os colegas de escritório
que eram,
só alguns,
nossos vizinhos
e chegámos
a fazer um churrasco
lá em casa,
no quintal
e convidámos
quase todos os vizinhos.
O meu pai tratou das carnes
e eu fiz a puré de batata,
as ervilhas,
espremi mais laranjas,
tratei do gelo,
essas coisas.
Limpava a casa,
escrevia cartas,
escolhia as flores
para as jarras,
escolhia as jarras
para as flores,
essas coisas normais.
Durante a semana
só via o meu pai
de manhã e à noite.
Mas passávamos sempre
os fins-de-semana juntos.
Aos sábados
íamos para o campo.
Nós vivíamos na cidade.
Era uma cidade pequena,
suburbana,
mas era uma cidade grande,
porque na altura
eu era pequena
e a cidade parecia-me grande,
mas não era assim tão grande.
Hoje,
aliás,

38

entretanto,
a cidade cresceu
e mesmo tendo eu crescido,
a cidade não ficou pequena,
porque a cidade é,
ainda assim,
grande,
porque é maior do que era
quando eu era pequena.
Cresceu
e hoje é considerada
por todos
uma cidade grande.
E aos sábados
ou aos domingos
íamos para o campo.
E junto ao rio
havia uma clareira.
Uma clareira artificial,
uma clareira que foi feita.
Alguém mandou fazer.
Não conheci quem.
Não era natural.
Alguém mandou fazer
e era uma clareira,
onde se podia apanhar sol
e apanhar vento
e correr,
devagar,
mas correr,
passos largos,
lentos,
devagar,
mas correr.
E aos sábados
íamos para lá.
As vezes aos domingos
íamos para lá.
O meu pai e eu
íamos para lá.
E depois de comermos,
quero dizer,
estendíamos uma toalha
e comíamos,
mas acho que não era bem
um picnic,
porque não havia um cesto
com comidas
e pratos.

39

Era uma toalha
e um saco
com uma coisinha lá dentro.
As vezes fruta,
às vezes não.
As vezes era uma melancia.
No verão
era quase sempre
uma melancia.
Para nós os dois
chegava perfeitamente.
Durava a tarde toda
e ao sol
a melancia não faz mal.
A melancia
não se estraga ao sol,
acho eu.
Aqueelas,
pele menos,
não se estragavam ao sol.
Sabe bem a melancia
no verão,
com calor.
É fresca
e sumarenta.
Sabe bem
e comíamos melancia.
E depois de comermos
e ficarmos todos sujos,
primeiro lavávamos as mãos
à beira do rio,
quando era possível
e havia água.
As vezes
só havia cascalho.
As vezes,
pior ainda,
só havia lama.
Quando havia água,
lavávamos as mãos,
sujeiras de sumo da melancia,
no rio.
E depois jogávamos
às raquetes.
E eu perdia sempre.
(*ri-se*)
Porque
com as raquetes
a bola vai muito depressa.

40

É uma bola,
 assim,
 uma bola pesada,
 maciça,
 a das raquetes de madeira.
 Pesa.
 E passadas algumas tentativas
 a jogar raquetes,
 e eu a perder sempre,
 o meu pai
 ofereceu-me mais raquetes.
(ri-se)
 Mas desta vez
 raquetes de badminton
 com três penas.
 As penas
 são aquelas bolas
 sem meia bola
 e com uma coroa de plástico
 a fingir que são penas.
 Parecem um ananás.
 Ananás,
 acho que nunca comemos.
 Acho que nunca chegámos a levar
 um ananás para lá.
 E assim eu já conseguia,
 com as penas.
 Porque essas bolas
 voam mais devagar
 e eu assim já o conseguia acompanhar
 no jogo das raquetes.
(ri-se)
 Já acompanhava.
 E às vezes ganhava.
 Assim a jogar,
 ganhava.
 E o papá ria-se tanto.
 Era tão divertido.
 Porque como eu era lenta,
 era tudo lento
 e era tudo divertido,
 a pena subia
 e era lenta a subir
 e depois descia
 e era lenta a descer
 e eu era lenta a correr.
(ri-se)
 Eu era lenta a correr
 para o sítio

41

onde a pena ia cair.
 Ou julgava eu
 que ia cair.
 E eu fechava os olhos,
 fazia força
 e corria lentamente,
 com a mão esquerda
 debaixo da axila direita
 e a mão direita com a raquete,
 a mão direita,
 assim,
 quer dizer,
 o braço direito esticado
 e os passos largos,
 lentos,
 para a pena.
 E eu acertava
 e a pena voltava lentamente
 para o lado do pai.
 O pai
 só precisava de mover um pouco
 o braço que tinha a mão
 que segurava a raquete.
 Braços longos.
 E a raquete de badminton
 também é longa.
 Braços longos,
 longos.
 Então o papá
 nem precisava de sair do sítio.
(ri-se)
 Hoje se jogar badminton
 provavelmente também não preciso
 de sair do sítio.
 Basta-me mexer o braço
 e apontar a parte plana
 da raquete
 para a pena a cair
 lentamente do ar,
 em arco,
 em ângulo,
 como se diz?,
 num trajecto angular,
 meia lua,
 sobe em arco
 e desce em arco,
 faz meia lua,
 devagar.
 Basta-me mexer o braço

42

e apontar a parte plana
da raquete
para a pena a cair
lentamente do ar
e bater na pena
e ela voltar
para o lado de lá.
Ou pelo menos
não precisarei de correr tanto,
porque já sou praticamente
uma mulher.
Sou uma mulher,
aliás.
E o papá
batia com a raquete
na pena
e ria.
E eu atrava a pena
e ele continuava a rir.
Ria mais.
Com a boca muito aberta
num sorriso grande,
com uma gargalhada alta no início,
depois sufocada,
porque falta o ar,
mas ainda há vontade de rir.
Quando a vontade de rir
é maior que o ar
que os pulmões suportam,
o riso fica estrangulado,
fica sufocado,
mas é um riso,
ainda assim.
Um sorriso grande,
largo,
brilhante,
o riso do pai.
E as pontas dos lábios
apontavam tanto para cima
que ele tinha
de fechar os olhos.
E por essa razão
às vezes
não via a pena
e não acertava
na pena
e ele perdia
e eu ganhava.
Era nessas ocasiões

em que eu
mais vezes ganhava.
Quando o papá ria,
quanto mais o papá ria,
mais eu ganhava.
Então começou a fazer
parte do jogo
eu fazer o papá rir,
para,
assim,
poder ganhar
e ele perder.
E o papá ria,
ele perdia
e eu ganhava.
Na última vez que jogámos,
ele ria,
fi-lo rir de tal maneira,
fiz o papá rir tanto,
ele ria
com a boca aberta
e os olhos semi-serrados
e o papá
não viu a pena
e de tão aberta
que a boca estava,
a pena entrou lá para dentro.
Entrou para dentro
da boca a rir
do papá.
A pena entrou,
passou entre os dentes de cima
e os dentes de baixo
e por cima da língua.
Depois passou o palato mole.
Tal não foi a força
com que bati na pena
nessa ocasião específica,
que passou ainda
a laringe
e depois a faringe
e só concluiu
o seu trajecto angular
na traqueia do meu pai.
A pena ficou parada
na traqueia do meu pai.
O papá
primeiro apanhou um susto
e parou de rir.

Atirou a raquete para o chão
e pôs os dedos na boca
para tentar alcançar a pena.
Depois ficou aflito.
Olhou para mim,
esbracejou aflito.
Ficou aflito
e parou de respirar:
Por fim caiu em cima da toalha
ao lado de meia melancia
e das cascas
da parte da melancia
que tínhamos comido antes,
caiu em cima da toalha
e,
com a cara roxa,
morreu.
Perdeu a vida.

XIII | Canção ao Pai no Céu

Papá,
Eu bem sei que estais no céu,
Mas só hoje, visita-me à noite.
Papá,
Se quiseres preparo café,
Mas só hoje, visita-me à noite.
Papá,
A gravata não está no lugar.
Deixa-me ajetar o colarinho.

Querido papá,
Eu bem sei que estais no céu,
Mas só hoje, visita-me à noite.
Deixa-me sentar no teu colo.
Coloca a tua mão na minha coxa.
Vê que já cresci, tornei-me uma mulher.

Querido papá,
Eu bem sei que vais embora,
Mas só hoje, visita-me à noite.
So, por mais esta noite.

XIV | Dança ao Pai no Céu

XV | As meninas vão à floresta e brincam, comem, tomam banho e observam os insectos e outros extraterrestres.

XVI | Cai a noite. Todas dormem, mas nem todas.

(Cai a noite e as meninas regressam da floresta. Preparam-se para dormir. Média é a primeira a adormecer. Média dorme e dança ao mesmo tempo. Grande fuma um cigarro e bebe um copo de água ardente. Pequenina observa Média. Pequenina inclina o pescoço para a esquerda, depois para a direita.)

Pequenina – Não passa de hoje.
De hoje não passa.

Grande – Chiu, pequenina.

Pequenina – Não passa de hoje.
De hoje não passa de hoje.

Grande - O que foi, pequenina?

Pequenina – Já viste
como dorme a burra?

Grande *(ri-se)* – Sim,
é mesmo parvalhona.

Pequenina – Que burra.
Mesmo burra,
a parvalhona.
Que burrice.
Que parvoíce.

Grande – Chiu, pequenina.
Ainda acordas a parvalhona.

Pequenina – A burra da parvalhona
dorme
e dança ao mesmo tempo.
Assim como é que ela dorme,
se dança ao mesmo tempo?

Mesmo burra.
Até a dormir é burra.

Burra.

Parvalhona e burra.
Na minha opinião
ela é uma burra.

Como é que é possível dormir
e dançar ao mesmo tempo?
Como é que possível

fazer o processo de amnésia
que o sono exige
e dançar ao mesmo tempo?
Morro de curiosidade.
Morro de curiosidade
e odeio-a.
Na minha opinião
ela é uma burra.

(Grande ri-se e fuma um cigarro.)

Grande – Dorme, pequenina.

Pequenina – Ela não é humana.
A burra não é humana.
Não pode ser.
Ninguém dorme assim.
Que merda.
Merda da burra.
Estou a fazer um nó
no cérebro.
Ninguém dorme assim.
Eu não conseguia
dormir assim.
Eu não consigo
dormir assim.

Assim
não consigo dormir,
a ouvir as patinhas da burra
a sapejar no chão,
enquanto dança.
Merda da burra.
Merda dos sapos.
Putá.
Putá.
Merda da burra.
Putá.

(Grande ri-se e fuma um cachimbo.)

Pequenina – Ela não é humana,
de certeza.
Tenho a certeza.
Tu não tens?
Ela não é humana,
de certeza.
Não te intriga?

Grande – Intriga, pequenina.

Pequenina – Posso abri-la
para saber se ela é humana?

Grande *(ri-se)* – Quieta, pequenina.

Pequenina – Posso abri-la
para saber se ela é humana
ou um extraterrestre?

Grande – Quieta, pequenina.
Outra vez não.

Pequenina – Se eu a abrir,
consigo espreitar para dentro
e perceber se ela é humana
ou não.

Se eu a abrir
só um bocadinho
à volta do umbigo
percebo se ela é humana
ou um extraterrestre.
Faço um picotado
com a ponta da faca
à volta do umbigo.
tiro o umbigo para fora
como se fosse uma tampa
e espreito lá para dentro
e percebo se ela é humana
ou um extraterrestre.
Não deixa marca.

Juro.

Juro que não deixa marca,
nem faz sangue.

Juro.

(Chora)

Por favor!

Por favor!

Deixa-me abrir a burra
para perceber se ela é humana
ou não,

se é humana

ou um extraterrestre,

a merda da burra de merda.

Eu não tiro nada para fora.

Deixo ficar tudo como está.

Mas se for verde.

sei que não é humana,

mas um extraterrestre.

Juro.
Preciso de saber
se é um mamífero mesotermal
ou um réptil ectotérmico.
Por favor.

Por favor.
(furiosa)

Eu quero abrir
a burra!

Eu vou abrir
a barriga da burra
e descobrir

de que é que ela é feita!

Não me lembro de nada!

Não me lembro de nada!

O meu cérebro!

O meu cérebro!

Eu vou abrir a burra!

Eu quero abrir a burra!

Eu quero abrir um!

Ai!

Não!

Sim!

Sim!

Eu quero abrir um réptil!

A burra é um réptil!

O meu cérebro!

Grande – Quieta, pequenina.

Pequenina, quieta.

Outra vez não.

Não, não.

(ri-se)

Não, não, pequenina.

Não vais abrir a parvalhona

só porque dança

durante o sono.

É provavelmente

um tique misterioso.

(Pequenina precipita-se sobre Média e espeta a faca na barriga de Média. Média não chega a acordar. Para de dançar, cai no chão e morre.)

XVII | A vingança da Média.

Grande – Pequenina,

o que fizeste?

Pequenina – Abri a burra.

Grande – Pequenina,
percebes o que fizeste?

Pequenina – Abri a burra.

Grande – Pequenina,
mataste a parvalhona.

Pequenina – Não.

Só abri a burra
para ver o que tem dentro.

Grande – Abriu a parvalhona
assim à pressa
e sem meter a faca a arder
para desinfecar?

Pequenina – Eu só queria saber
o que a burra tinha dentro.

(Grande sente o pulso de Média.)

Grande – Pequenina,

a parvalhona está morta.

Pequenina – Morta?

Grande – Pequenina,

mataste a parvalhona.

Pequenina *(chora)* – O quê?

Grande – Sim, pequenina.

Pequenina – Matei a burra?

Grande – Sim, pequenina.

Pequenina – Matei mesmo
a merda da burra?

Grande – Sim, pequenina.

Pequenina – Não é verdade.

Não matei

a merda da burra.

Grande – Vê, pequenina.

(Grande dá um pontapé em Média, que não se mexe.)

Grande – A parvalhona não se mexeu. Está morta.

(Pequenina dá um pontapé em Média. Pequenina dá outro pontapé em Média e depois um murro. Por fim, agita-a no ar e atira-a para o chão.)

Pequenina – Bem se vê. Matei a merda da burra.

(chora)

Matei a burra?

Não pode ser.

Matei mesmo a burra?

Tirei a vida da burra

à Natureza?

A minha mãe disse que sempre que alguém rouba a Natureza,

deve devolver à Natureza

um bem igual,

de igual valor.

Se alguém perder a vida

e eu for a responsável,

deverei oferecer a minha vida

à Natureza.

Devo devolver à Natureza

um bem igual,

de igual valor.

Mas a merda da burra

não vale nada.

Não posso dar a minha vida

à Natureza.

Quero viver.

Não quero morrer.

Quero viver!

Nasci ainda esta manhã.

Quero viver!

Grande – Vamos enterrar a parvalhona,

antes que a Natureza perceba

que a merda da parvalhona morreu

e tu és a responsável,

pequenina.

Vamos buscar terra,

folhas secas,

pedras

e animais
à floresta
e cobrir o corpo
da merda da parvalhona
e assim a Natureza
não perceber
que a puta da parvalhona
morreu.

Pequenina *(chora muito)* – Puta.

Putá.

Vamos cobrir

o corpo da burra

com umas merdas

da floresta

e umas merdas do chão

da floresta.

(Grande cobre o corpo de Média com o véu da Virgem Maria. Grande e Pequenina fazem várias viagens entre o corpo de Média e a floresta. Sempre que regressam atiram uma mão cheia de terra, cascas de árvores, folhas secas, pedras pesadas, troncos mortos e ferrugem para cima de Média. Média levanta-se lentamente. Fica em pé e é um fantasma, com a voz muito grave.)

Grande – Pequenina,

estás a ver o mesmo que eu?

Pequenina – É um fantasma?

Grande – É um demónio.

Foge, pequenina!

Média – Agora que sou pó
e terra

e névoa,

prematuramente roubada

à Natureza,

cabem-me a tarefa

de à Natureza

restituir um bem igual,

de igual valor.

Pequenina,

entrega o teu pescoço

às minhas mãos,

para entregar o teu corpo

às mãos da Natureza.

Grande – Pequenina,

protege o pescoço.

Pequenina – Quero viver.
Não quero morrer.
Quero viver!

Grande – Pequenina,
protege o pescoço
das mãos do demónio da parvalhona.

*(Média avança sobre Pequenina para a estrangular. Grande coloca-se entre as
duas para proteger a Pequenina. Grande morre estrangulada por Média.)*

Média – Agora que sou pó
e terra
e névoa,
prematuramente roubada
à Natureza,
cabe-me a tarefa
de à Natureza
restituir um bem igual,
de igual valor.
Pequenina,
entrega o teu pescoço
às minhas mãos,
para entregar o teu corpo
às mãos da Natureza.

Pequenina – Quero viver.
Não quero morrer.
Quero viver!

*(Média estrangula Pequenina com o véu da Virgem Maria. Pequenina cai de joelhos
ao lado de Grande e, com a língua de fora, morre ajoelhada. Média perde as forças
demoníacas e cai também. Os corpos das três meninas são lentamente devorados
pelas árvores, que florescem.)*

FIM

Ricardo Neves-Neves | 2018

Anexo F - Cartazes de divulgação do espetáculo *Banda Sonora*

SÃO LUIZ

TEATRO MUNICIPAL
TEATROSAOLUIZ.PT

UMA CRIAÇÃO DE
RICARDO NEVES-NEVES
FILIPE RAPOSO

BANDA SONORA

TEATRO
9-18
MAR 2018
ESTREIA



QUARTA A SÁBADO, 21H; DOMINGO, 17H30; SALA LUIS MIGUEL CINTRA; A CLASSIFICAR PELA CCE; €12 A €15 (COM DESCONTOS €5 A €10,50); CONVERSA COM A EQUIPA ARTÍSTICA APÓS O ESPETÁCULO, SESSÃO COM INTERPRETAÇÃO EM LGP E AUDIO DESCRIÇÃO: 18 MARÇO, 17H30
COPRODUÇÃO: CINE-TEATRO LOULETANO, TEATRO DO ELÉCTRICO E SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL
BILHETES À VENDA EM TEATROSAOLUIZ.PT, BOL.PT E ADERENTES; BILHETEIRA DAS 13H ÀS 20H; TEL: 213 257 650; BILHETEIRA@TEATROSAOLUIZ.PT

ESTRUTURA AFIMICA PDI

FACEBOOK



SÃO LUIZ

TEATRO MUNICIPAL
TEATROSAOLUIZ.PT

UMA CRIAÇÃO DE
RICARDO NEVES-NEVES
FILIPE RAPOSO

BANDA SONORA

TEATRO
9-18
MAR 2018
ESTREIA



QUARTA A SÁBADO, 21H; DOMINGO, 17H30; SALA LUIS MIGUEL CINTRA; A CLASSIFICAR PELA CCE: €12 A €15 (COM DESCONTOS €5 A €10,50);
CONVERSA COM A EQUIPA ARTÍSTICA APÓS O ESPETÁCULO, SESSÃO COM INTERPRETAÇÃO EM LGP E AUDIODESCRIPÇÃO: 18 MARÇO, 17H30
COPRODUÇÃO: CINE-TEATRO LOULETANO, TEATRO DO ELÉCTRICO E SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL
BILHETES À VENDA EM TEATROSAOLUIZ.PT, BOL.PT E ADERENTES; BILHETEIRA DAS 13H ÀS 20H; TEL: 21 3 257 650; BILHETEIRA@TEATROSAOLUIZ.PT



SÃO LUIZ

TEATRO MUNICIPAL
TEATROSAOLUIZ.PT

UMA CRIAÇÃO DE
RICARDO NEVES-NEVES
FILIPE RAPOSO

BANDA SONORA

TEATRO
9-18
MAR 2018
ESTREIA



QUARTA A SÁBADO, 21H; DOMINGO, 17H30; SALA LUIS MIGUEL CINTRA; A CLASSIFICAR PELA CCE; €12 A €15 (COM DESCONTOS €5 A €10,50);
CONVERSA COM A EQUIPA ARTÍSTICA APÓS O ESPETÁCULO, SESSÃO COM INTERPRETAÇÃO EM LGP E AUDIODESCRIPÇÃO: 18 MARÇO, 17H30
COPRODUÇÃO: CINE-TEATRO LOULETANO, TEATRO DO ELÉCTRICO E SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL
BILHETES À VENDA EM TEATROSAOLUIZ.PT, BOL.PT E ADERENTES; BILHETEIRA DAS 13H ÀS 20H; TEL: 21.3 257 650; BILHETEIRA@TEATROSAOLUIZ.PT



SÃO LUIZ

TEATRO MUNICIPAL
TEATROSAOLUIZ.PT

UMA CRIAÇÃO DE
RICARDO NEVES-NEVES
FILIPE RAPOSO

BANDA SONORA

TEATRO
9-18
MAR 2018
ESTREIA



QUARTA A SÁBADO, 21H; DOMINGO, 17H30; SALA LUIS MIGUEL CINTRA; A CLASSIFICAR PELA CCE: €12 A €15 (COM DESCONTOS €5 A €10,50);
CONVERSA COM A EQUIPA ARTÍSTICA APÓS O ESPETÁCULO, SESSÃO COM INTERPRETAÇÃO EM LGP E AUDIODESCRIPÇÃO: 18 MARÇO, 17H30
COPRODUÇÃO: CINE-TEATRO LOULETANO, TEATRO DO ELÉCTRICO E SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL
BILHETES À VENDA EM TEATROSAOLUIZ.PT, BOL.PT E ADERENTES; BILHETEIRA DAS 13H ÀS 20H; TEL: 21 3 257 650; BILHETEIRA@TEATROSAOLUIZ.PT



Anexo H - Fotografias de cena do espetáculo *Banda Sonora* © Alípio Padilha



Figura 9 - Fotografias de cena de *Banda Sonora* © Alípio Padilha



Figura 7 - Fotografias de cena de *Banda Sonora* © Alípio Padilha

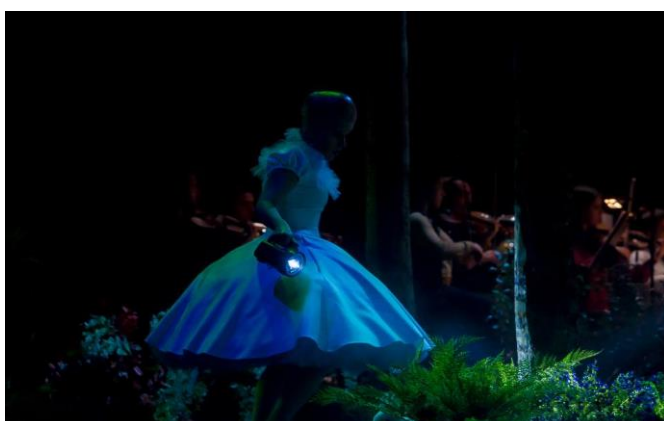


Figura 8 - Fotografias de cena de *Banda Sonora* © Alípio Padilha



Figura 12 - Fotografias de cena de *Banda Sonora* © Alípio Padilha

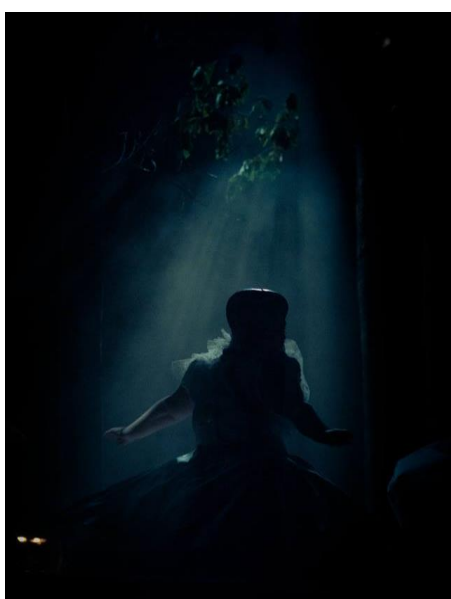


Figura 10 - Fotografias de cena de *Banda Sonora* © Alípio Padilha



Figura 11 - Fotografias de cena de *Banda Sonora* © Alípio Padilha

Anexo I - Versão final do texto para a antestreia de *Catamarã, Nas Ilhas Salomão ninguém se preocupa com os Erros Ortográficos!*

CATAMARÃ - Nas Ilhas Salomão ninguém se preocupa com os erros ortográficos | Teatro do Eléctrico
Ana Lázaro 2018

CATAMARÃ

Nas Ilhas Salomão ninguém se preocupa com os Erros Ortográficos

CENA 1

1º CAPÍTULO: ERROS ORTOGRÁFICOS

Pátio vazio no topo de um prédio em miniatura. Vê-se a linha do horizonte que desenha uma cidade também em miniatura: telhados de outros prédios, antenas, janelas, um Porto marítimo cheio de barcos, gruas altas e pilhas de contentores que parecem uma construção de Lego. Ao fundo estão umas escadas de incêndio minúsculas de acesso ao pátio, um mini estendal com cordas e uma pequena caixa de sítão com uma mansarda. Há uma luz ténue avermelhada que cresce da mansarda.

O RAPAZ está sentado no parapeito do pátio com as pernas do lado de fora do parapeito. O seu corpo é enorme em relação ao espaço e aos objetos. Luz de princípio de noite.

RAPAZ: Umas das coisas que nos acontecem quando crescemos é que quando regressamos aos lugares onde costumávamos estar quando eramos crianças, tudo à nossa volta parece ter encolhido. Uma coisa que nos parecia enorme como um dinossauro há muito tempo atrás, passa a parecer minúsculo como uma formiga quando somos adultos.

Isso acontece porque, apesar de ninguém nos dizer isso quando somos crianças, a verdade é que o mundo não nos acompanha e as coisas começam realmente a encolher. Então as coisas que eram grandes ficam muito muito pequenas. Sobre tudo as coisas que já não víamos há muito tempo: a cama em que dormíamos quando tínhamos medo do escuro, a cadeira onde nos sentávamos à mesa do jantar, o campo de futebol em frente à escola, a bicicleta com rodinhas, o baú dos Legos.

Por outro lado, às pessoas que já não víamos há muito tempo, acontece o contrário: aumentam – ficam muito gordas! E além de ficarem muito mais gordas, ficam muito mais velhas. Por exemplo: os nossos colegas de escola, a filha da senhora do supermercado que andava sempre a saltar à corda, o melhor amigo com quem brincávamos nas férias de verão.

CATAMARÃ - Nas Ilhas Salomão ninguém se preocupa com os erros ortográficos | Teatro do Eléctrico
Ana Lázaro 2018

Estas são apenas duas das várias verdades científicas que acontecem quando nos tornamos adultos, e de que nunca ninguém nos avisa quando somos crianças. Há outras: os dias são mais curtos e passam a ter menos horas; o Verão passa muito mais rapidamente e os gelados não sabem tão bem; as partes do nosso corpo deixam de saber executar tarefas simples como fazer cavalinhos com a bicicleta ou saltar à corda; passamos a gostar de sopa e deixamos de chorar à frente das outras pessoas quando entalamos o dedo da mão numa porta, mesmo quando dói muito e as lágrimas insistem em molhar os olhos.

Mas também ganhamos coisas. Percebemos por exemplo que se perdermos a jogar à bola não é o fim do mundo. A seguir podemos sempre pegar numa folha de papel e jogar à Bateria Naval e afundar o porta aviões do adversário. E podemos derrubar um colega que pode ter muitos mais centímetros do que nós e tem a mania de passar à frente de toda a gente na fila do almoço, só com um golpe de caneta.

Também percebemos que podemos gostar tanto de uma pessoa, que mesmo que o corpo cresça, o nosso sentimento nunca diminui. Cresce conosco. A isso chama-se Amor. Mas Amor é uma coisa que se sente. E quanto muito explica-se com palavras. Não dá para medir com centímetros, ou com metros. E eu nunca fui muito bom com palavras. Aliás quando era pequeno não gostava mesmo nada das palavras! Sempre preferi os números.

Eu hoje tenho 315 mil trezentas e sessenta e oito horas e quarenta e quatro minutos. Tenho trinta e seis anos o que faz de mim oficialmente um fóssil. Vivi no 2º Frente deste prédio durante 5845 dias, 16 anos. 2190 dias com o meu pai e a minha mãe, e os restantes 3655 dias sozinho com a minha mãe depois de o meu pai se ter ido embora.

Mas isso não é nada! A Terra existe há 4,54 biliões de anos! E há exatamente 210 mil duzentas e quarenta horas eu estava aqui sentado neste telhado. Tinha acabado de fazer 12 anos e estava de castigo. Tinha tido negativa no teste de Português por causa das palavras e dos meus malditos erros ortográficos.

A minha mãe tinha ficado tão zangada por eu dar tantos erros que me tinha espetado um ralhete gigantesco. Um ralhete no meu dia de anos. Eu tinha ficado furioso e tinha respondido à minha mãe. Com umas palavras que não medi e que me saíram da boca para fora. Por isso estava de castigo. Por causa das palavras estava a ter o pior aniversário da minha vida...

CATAMARÁ - Nas Ilhas Salomão ninguém se preocupa com os erros ortográficos | Teatro do Eléctrico
Ana Lázaro 2018

da gravidade a 9,8 metros por segundo, isso significa que eu podia ter chegado ao chão com os miolos em papa!

RAPARIGA (*Ergue-se bruscamente.*): Considerando que acabei de te salvar a vida, acho que és muito mal agradecido!

RAPAZ: Considerando que me ias matando que, acho que és muito... (*Olha para a*

RAPARIGA. Cora.) ...muito ... (*Pausa*)...*Mul-t-t...B-B-B-B...* (*Gagueja.*)

Pausa.

A Rapariga olha para ele.

RAPAZ: B-b-b-b... (*Respira fundo. Fica em silêncio.*)

Pausa

RAPARIGA: Bola? Bitoque? Bonita? (*sorri com um ar desajudado*) Agora ficaste com cara de Bolha!

RAPAZ: Deixa estar... Agora também já me esqueci do que ia dizer.

RAPARIGA: (*Aproxima-se de novo. Senta-se ao lado do Rapaz*): Se não estavas à caça de uma estrela cadente, devias aproveitar. Este é o melhor lugar do Mundo para ver Estrelas em queda...

RAPAZ: Como é que sabes que este é o melhor lugar do Mundo? Já viste o Mundo todo?

RAPARIGA: Não preciso de ver o Mundo todo para saber isso.

RAPAZ: Então como é que sabes?

RAPARIGA: Sei.

RAPAZ: No Mundo existem dezenas de pátios por rua. E centenas de ruas por cada cidade. Já para não falar dos miradouros, dos faróis, dos topos das montanhas, dos desfiladeiros, dos últimos andares dos arranha céus, das antenas... Pelos meus cálculos devem haver milhares de lugares melhores para ver estrelas cadentes do que este.

RAPARIGA: E de todos, este é o melhor!

RAPAZ: Mas isso não faz sentido nenhum... (*olha para a Rapariga*) Tu és estranha...

RAPARIGA: Tu também és um bocadinho esquisito. Andas na minha escola não andas? A tua cara é-me familiar... Moras aqui? Como te chamas? O meu nome é CATAMARÁ.

RAPAZ: ... (*Pausa*) ... Camaratã?

RAPARIGA (*solta uma gargalhada sonora*) : CATAMARÁ!

RAPAZ: Camarãota?

RAPARIGA: CATAMARÁ!!! (*Aproxima-se da cara do Rapaz*) Qual é o teu problema?

CATAMARÁ - Nas Ilhas Salomão ninguém se preocupa com os erros ortográficos | Teatro do Eléctrico
Ana Lázaro 2018

RAPAZ: (*Afasta-se. Cora e baixa a cara.*) Às vezes troco as palavras, ou as letras. Mudo-as de lugar... Catamarã... Nunca tinha ouvido esse nome!

RAPARIGA: Porque é único! É um nome de um Barco mas eu é que decidi que queria chamar-me assim.

RAPAZ: E os teus pais deixam?

RAPARIGA: O meu pai? Claro que sim.

RAPAZ: E a tua mãe?

RAPARIGA: A minha mãe vive noutro país... (*Aponta para a Calculadora na mão do*

Rapaz) Para que serve isso?

RAPAZ: O quê a minha Calculadora? Para encontrar respostas...

RAPARIGA: Isso faz parte do teu plano?

RAPAZ: O quê?

RAPARIGA: Diseste que estavas a elaborar um plano. Isso serve para encontrar respostas para o teu plano?

RAPAZ: Talvez... (*encolhe os ombros*). Foi a minha prenda de aniversário. Eu acabei de fazer 12 anos.

RAPARIGA: Hoje?

RAPAZ: Há precisamente dois minutos atrás.

RAPARIGA: Parabéns... E o que é que estás aqui a fazer? Não devias estar numa festa?

RAPAZ: Estou de castigo.

RAPARIGA: De castigo? Porque?

RAPAZ: Por causa dos erros ortográficos. Estou sempre a tropeçar nas palavras. E por causa disso tive má nota no teste.

RAPARIGA: Eu também estou sempre a tropeçar em tudo. Por causa disso já parti três vezes a cabeça, um tornozelo e dois dedos do pé esquerdo. Já fiz várias noções negras, e tenho uma cicatriz na barriga que parece uma centopeia gigante! Queres ver?

RAPAZ: Deixa estar...

RAPARIGA: O meu pai diz que eu tropeço com os pés porque tenho a cabeça sempre na Lua.

RAPAZ: Isso seria impossível. Para teres a cabeça na Lua e os pés na Terra terias de ter 384.400.000 metros.

RAPARIGA: Hum... E se quisesse andar com a cabeça no Sol?

CATAMARÁ - Nas Ilhas Salomão ninguém se preocupa com os erros ortográficos | Teatro do Eléctrico
Ana Lázaro 2018

RAPAZ: A distância entre a Terra e o Sol são 149 600 000 quilómetros. Nesse caso terias de ter 149 600 000 000 metros!

RAPARIGA: UAUUU!!! Era uma Catamarã gigante! Quem me dera. *(Brinca com miniaturas da cidade na concha da mão.)* Podia dar um passo e ir ter com a minha mãe. Nem precisava de apanhar um avião. Era só esticar a mão e ela vinha para ao pé de mim, na concha da minha mão.

RAPAZ: Onde é que a tua mãe mora?

RAPARIGA: No meio do Oceano Pacífico.

RAPAZ: No meio do Oceano Pacífico?!

RAPARIGA: Por isso é que quando eu crescer vou ser Capitã de um Barco. Assim posso explorar as Ilhas todas do Oceano Pacífico: as Ilhas Kiribati, as Ilhas Fiji, as Ilhas Tuamotu, Se quiseres trago-te um bocadinho de areia das Ilhas Salomão...

RAPAZ: E essas Ilhas *Salomão* ficam muito longe? Quanto tempo demora até chegar lá?

RAPARIGA: Não é *Salomão*. É *Salomão!* *(Ri-se)* De barco não sei... Muitos dias acho...

RAPAZ: O meu pai também não mora conosco. *(Pausa)* Se souberes os quilómetros e a velocidade da viagem sabes quanto tempo demora a chegar. Por exemplo, a minha escola fica a 5,6 quilómetros daqui... 5,6 km demoram certa de cinquenta e oito minutos a percorrer a pé, trinta e oito minutos com a minha bicicleta antiga, vinte e cinco minutos na minha BMX nova com mudanças, dezanove minutos com a minha mãe a conduzir a nossa carrinha num dia normal, e quinze minutos a passar semáforos no amarelo e aos ziguezagues entre os outros carros, se o despertador não tocar e a minha mãe tiver de acabar de se pentear e maquilhar no carro. A casa do meu Pai fica a 52 quilómetros da nossa casa. Pelos meus cálculos deveríamos demorar cerca de uma hora e quarenta minutos até casa do meu pai, num dia normal.

Mesmo assim a última vez que vi o meu pai foi há exatamente um ano e vinte e três dias...

RAPARIGA: Incrível... Percebes de contas.

RAPAZ: Os números são muito úteis... foram eles que me ajudaram a resolver o enigma do Esponja...

RAPARIGA: Esponja?

RAPAZ: O meu gato : o Esponja.

RAPARIGA: Tens um gato?!

CATAMARÁ - Nas Ilhas Salomão ninguém se preocupa com os erros ortográficos | Teatro do Eléctrico
Ana Lázaro 2018

RAPAZ: Agora já não... Uma manhã acordei e ele não estava em casa. O Esponja era velhote e tinha um pelo muito macio. Tinha medo de tudo! Era vegetariano porque tinha medo de moscas e aranhas! E só bebia leite e comia biscoitos de manteiga. Era tão preguiçoso que demorava vários minutos para se por de pé. Por isso quando a minha mãe me disse que o Esponja tinha ido dar uma volta pelo Mundo e era provável que nunca mais voltasse eu percebi que a minha mãe estava a esconder-me qualquer coisa. Os adultos muitas vezes dizem coisas que não são bem mentira, mas também não são bem verdade... Então peguei na minha calculadora antiga e somei o peso do Esponja: 6 quilos, o número de dias que ele tinha passado na nossa casa – 4756; a média de copos de leite que tinha bebido, o número de vezes que tinha adormecido à lareira, o número de festinhas que tinha recebido e ainda a quantidade total de refeições de biscoitos. Isto devia dar o grau de satisfação do Esponja. Depois subtraí as pisadelas no rabo, as vezes que se tinha engasgado na esponja do lava-louça enquanto a tentava roer por pensar que era comida, as cabeçadas que tinha dado na janela quando a minha mãe acabava de limpar os vidros, e por fim os berros que tinha levado por arranhar as cortinas. No final dividi tudo pelo número de vezes que o Esponja tinha ficado com o pelo eriçado por causa do cão do 3º esquerdo. No final obtive um número: 1.8.6.7.

O esponja não tinha decidido embarcar numa volta ao Mundo coisa nenhuma. O esponja estava a viver *descanadinho* no número 18, no 6º andar porta 7, da Rua em frente. Na casa de uma senhora que tinha uma gata siamesa com pelo ainda mais macio do que o do Esponja. O Esponja tinha arranjado uma namorada! Como sempre os números tinham dado a solução! *(sorri orgulhoso)*

RAPARIGA: Eu sou um zero à esquerda na matemática... Quanto maiores as contas, pior. Se fico muito tempo a olhar para elas, elas começam a formar uma torre torta e gigante como no Djengal! E depois começam a escorregar a escorregar, até que... PAFF! Caem. E depois eu imagino que cada número é um inseto e que eles voam para fora das contas para serem livres, e não serem esmagados pelas divisões e pelas subtrações, e depois quando dou por mim os insetos já estão a caminho do Sul, numa expedição de insetos exóticos... e...

Interrompe-se. O Rapaz olha estupefacto para ela...

RAPARIGA: Já alguma vez mataste um inseto?

RAPAZ: Nunca!

CATAMARA - Nas Ilhas Salomão ninguém se preocupa com os erros ortográficos | Teatro do Eléctrico
Ana Lázaro 2018

RAPARIGA: Nem uma formiga?

RAPAZ: As formigas não contam...

RAPARIGA: Nem uma formiga?

RAPAZ: Quatro Formigas! Mas foi sem querer. Estava a olhar para elas e sem querer esmaguei quatro, com o pé.

RAPARIGA: Eu faço coleção de Insetos Exóticos! Sempre que o meu pai viaja, traz-me um inseto novo para a coleção. Quando for Capitã vou à caça dos meus próprios insetos. Estou farta de ser pequena.

RAPAZ: A sério?

RAPARIGA: A sério!

RAPAZ: Eu também.

Pausa. Acende-se a Lua. Acendem-se todas as Luzes da cidade em miniatura.

RAPAZ: Já começo a ficar um bocadinho farto de ter 12 anos. É uma chatice.

RAPARIGA: Mas só tens doze anos há uns minutos.

RAPAZ: É uma seca. Quem me dera ser crescido! Para nunca mais ter de fazer testes de Português!

RAPARIGA: Pois. Mas depois ficamos com a pele toda enrugada como as marmotas, ou como os hipopótamos! (*pausa*) Quantos erros no teste?

RAPAZ: Cinco. Troquei: Ascender com Acender; Furta com Fruta; Emenda com Ementa; Torta com Trote; Lobo com Bolo.

RAPARIGA: Ai...

RAPAZ: Ao menos quando formos adultos podemos fazer tudo o que quisermos e não precisamos de nos preocupar com a gramática ou com os erros ortográficos... (*olha para a Rapariga*) Sabias que os hipopótamos chegam a viver até aos 40 anos! E a pesar 1800 quilos! A força da dentada do maxilar de uma hipopótama adulta, chega aos 8100 newtons!

RAPARIGA: Hi-popotamos!

RAPAZ: Hipopotamos... Foi o que eu disse.

RAPARIGA: O que são 8100 newtons?

RAPAZ: É muuuuuita força! A minha mãe hoje também estava assim. A abrir e fechar o maxilar furiosa! Com a força de 1000 newtons!
RAPARIGA: Estava zangada?

CATAMARA - Nas Ilhas Salomão ninguém se preocupa com os erros ortográficos | Teatro do Eléctrico
Ana Lázaro 2018

RAPAZ: Muito.

RAPARIGA: Os adultos zangam-se várias vezes. Mas sempre com coisas que não interessam. Não achas?

O RAPAZ encalhe os ombros.

RAPARIGA: O meu pai está sempre a zangar-se comigo quando eu deixo as ervilhas no prato; ou quando me esqueço do guarda-chuva na escola, ou quando deixo cair as migalhas de bolachas no carro, ou porque não aperto os atacadores... Mas nunca o vi a chatear-se por já só existirem três rinocerontes brancos no mundo inteiro e essa ser a espécie com maior risco de extinção; ou por os Recifes de Coral poderem vir a desaparecer em trinta anos... Ou por os glaciares dos Pólos estarem a derreter! Só por coisas pequeninas... Como eu andar sem chapéu ao sol! (*Pausa*) E o teu pai? Porque é que ele se zangou com a tua mãe?

RAPAZ: Quem disse que o meu pai se zangou com a minha mãe?

RAPARIGA: Disseste que já não morava convosco...

RAPAZ: Não se zangaram. Só se afastaram. 52 quilómetros. Ou dois anos... Ainda não percebi como é que se calcula a distância entre as pessoas.

(*Pausa*)

RAPARIGA: Imaginas o que é ter 40 anos?

RAPAZ: Xiiii...Eu não!

RAPARIGA: Será que quando tivermos 40 anos ainda nos vamos lembrar desta conversa?
RAPAZ pega na Calculadora Científica. Carrega nos Botões.

RAPAZ: Vamos ter quarenta anos exatamente daqui a... 13870 dias. Isso significa que nessa altura terão passado 332 880 horas desde esta nossa conversa...

Olham um para o outro.

RAPAZ: Acho que depois de tantas horas... nos vamos esquecer de tudo o que se está aqui a passar.

RAPARIGA: Mas isso é uma catástrofe! Hoje é o teu dia de aniversário. Fazes doze anos e para castigo estás a ter uma festa de aniversário com uma miúda que acabaste de conhecer — e que, apesar de achares que é muito bonita — também achas uma esquisitidade! Já me disseste um montão de coisas que quero guardar para sempre! Não quero que estas coisas desapareçam...
(*canta*)

CATAMARÁ - Nas Ilhas Salomão ninguém se preocupa com os erros ortográficos | Teatro do Eléctrico
Ana Lázaro 2018

Catamarã é nome de barco

O bicho é o camarão

Salmão é nome de peixe

Vive nas ilhas Salomão

Hipopótamos barrigudos

Com força no maxilar

Se não metem o chapéu

O Pai já vai refilar

RAPAZ: O que é isso?

RAPARIGA: Uma canção. Assim já não me esqueço. Quando o meu pai está a trabalhar a arranjear os barcos fica longe durante muitos dias. Nessas alturas falo com ele por telefone de satélite e peço-lhe sempre para ele me cantar uma canção das coisas que está a ver do outro lado do Mundo. Assim nunca me esqueço.

RAPAZ: Telefone-Satélite?

RAPARIGA: Sim! As nossas palavras passam primeiro pelo Espaço antes de chegarem à outra ponta. Até podemos falar com os nossos Antipodas!

RAPAZ: *(franze o sobralho)* Antipáticos?

RAPARIGA: Antipoda! Antipoda é diferente de Antipático. Antipoda é o ponto do mundo oposto a outro. Antipático é o Sr. Silva do 1º andar C, que está sempre mal disposto e nunca mostra os dentes! Por exemplo se fizermos um buraco no chão do Terreiro do Paço em Lisboa, e atravessarmos o buraco pelo centro da Terra até ao outro lado, vamos parar algures na Nova Zelândia. Chamam-se Antipodas: Dois pontos opostos na Terra.

(Tira um globo terrestre em miniatura do bolso)

O antipoda de Taipé, na Ilha de Taiwan é a cidade de Formosa, na Argentina. O Antipoda de Manila nas Filipinas, é um lugar chamado Tangará da Serra no Brasil. E os Antipodas podem ser lugares completamente diferentes! Em Manila anda-se de mota, há prédios gigantes com centenas de pessoas, e o ar está cheio de poluição. Em Tangará só há cascatas e plantas gigantes e cobras. E as pessoas usam pouca roupa. As Ilhas Salomão ficam no meio do Pacífico e não têm antipoda... Quer dizer, têm mas é apenas um lugar perdido no meio da água. Como uma terra sem par.

Como a tua mãe e o meu pai. Sem par.

RAPAZ: E consegues ouvir alguma coisa do que o teu pai te diz?

CATAMARÁ - Nas Ilhas Salomão ninguém se preocupa com os erros ortográficos | Teatro do Eléctrico
Ana Lázaro 2018

RAPARIGA: Claro! E os Astronautas também ouvem a nossa conversa. Estão a boiar nos satélites sem gravidade e a comer pipocas em pó, e a ouvir a nossa conversa como quem ouve rádio...

RAPAZ: Antipoda... Afinal percebes de palavras complicadas.

RAPARIGA: Não é nada complicado. Quando aprendemos uma palavra ela passa a ser fácil... Agora ando a aprender tudo sobre os Meridianos... Os meridianos são linhas que dividem a Terra como se ela fosse uma laranja com gomos, e são importantes para os navegadores. O meridiano de Greenwich é o ponto zero. Divide a Terra nos hemisférios Ocidental e Oriental. E cada meridiano também tem do lado oposto da esfera terrestre um anti-meridiano.

RAPAZ: E tudo isto faz parte do teu plano para seres Capitã-Catamarã?

RAPARIGA: *(acena com a cabeça)* Hum Hum! E o teu plano... Já sabes como vais fazer?

RAPAZ: Ainda não...

RAPARIGA: Se calhar posso ajudar-te...

RAPAZ: Não me parece...

RAPARIGA: Porquê?

RAPAZ: Somos muito diferentes... Não ias perceber... Somos uma espécie de... Antipoda, ou de anti-meridiano!

RAPARIGA: Experimenta...

RAPAZ: Vais achar esquisito...

RAPARIGA: Já te acho um bocadinho esquisito de qualquer maneira...

RAPAZ: O meu plano é encontrar uma maneira de nunca mais usar palavras. Assim não tenho de me chatear com os erros ortográficos.

RAPARIGA: Como naqueles filmes mudos que só têm musica de piano a acompanhar?

RAPAZ: Exato!

RAPARIGA: Mas assim eramos a preto e branco... Era uma chatice...Porque é que ficas tão preocupado com as palavras?

RAPAZ *(encolhe os ombros)*: São confusos... Basta meter uma letra no lugar errado e muda logo tudo! A palavra passa logo a ter um significado diferente... E basta dizer uma palavra no sítio errado e podemos chatear alguém... E eu passo o tempo todo a trocar as letras de lugar... E a dizer palavras no sítio errado... Ao menos os números são sempre iguais. E não magoam ninguém.

CATAMARÁ - Nas Ilhas Salomão ninguém se preocupa com os erros ortográficos | Teatro do Eléctrico
Ana Lázaro 2018

RAPARIGA: Mas não precisas de fazer como nos filmes a preto e branco. Podes fazer como naqueles filmes coloridos em que as pessoas cantam tudo o que dizem. Se puseres as coisas numa canção, nunca mais te esqueces delas. E assim as palavras difíceis tornam-se fáceis...

Tenho um amigo distraído

Troca as letras de lugar

Mas sabe fazer contas bicudas

Com a máquina de calcular

Acende o computador

Ascende no elevador

Anda a trate de um foguetão

Para apanhar o ladrão

Que furta a fruta da mercearia

E a torta da Tia Bia

Tem um lobo de estimação

Que come bolo de limão

Na ementa da comida

Há salmão e camarão

Nunca fazer confusão

com a emenda-correção

As palavras parecidas

Mas que grande confusão

Antipoda é uma terra

do outro lado do Mar

Antipático é o Sr. Silva

Vizinho do 1º andar

RAPARIGA: Assim vais saber as palavras até seres adulto. Nunca mais te esqueces. E eu nunca mais me vou esquecer deste momento.

RAPAZ: Quando formos crescidos vamos estar sempre com a cabeça cheia de problemas sobre um monte de coisas complicadas e vais-te esquecer dessa canção e desta conversa.

CATAMARÁ - Nas Ilhas Salomão ninguém se preocupa com os erros ortográficos | Teatro do Eléctrico
Ana Lázaro 2018

RAPARIGA: Nunca me vou esquecer desta conversa! *(Cospo na mão e agarra na mão do Rapaz)* Ou eu não me chame CATAMARÁ! Quando for uma velhota de 40 anos, vou lembrar-me de tudo o que se passou hoje! Vou navegar no Pacífico! E vou trazer-te um bocadinho de areia das Ilhas Salomão. Que são umas ilhas incríveis onde o mar é transparente, as crianças têm grandes caracóis louros e ninguém se preocupa com os erros ortográficos!

Entra uma Banda Sonora de Filme Mudo. Subitamente o Cenário fica a Preto e Branco.

A **RAPARIGA** e o **RAPAZ** comportam-se como duas personagens de um Filme mudo. *Movem peças da cidade.*

Ascende-se um pequeno ecrã na janela, vê-se a imagem de dois astronautas que comem pipocas em pó: um ASTRONAUTA-RAPAZ e uma ASTRONAUTA-RAPARIGA. Ruído de estática. Som do telefone – satélite.

RAPARIGA: PAI ESTÁS À ESCUTA?

PAI: CATAMARÁ... FILHA... ESTOU À ESCUTA? OVER.

RAPARIGA: CATAMARÁ À ESCUTA. OVER

PAI: COMO CORREU A ESCOLA?

RAPARIGA: CORREU BEM... FIZ UM DESENHO DOS INSETOS NAS ILHAS FIJI E TIVE UM MUITO BOM!

PAI: BOA. LAVASTE OS DENTES? ESTÁS AGASALHADA? COMES A SOPA TODA?

RAPARIGA: PERDI A ESCOVA DE DENTES; VESTI UM GORRO COM UM FATO DE BANHO E ÓCULOS DE PISCINA E FUI PRA ESCOLA DE CHINELOS DE PRAIA; E COMI GELADO DE BAUNILHA COM MORANGO PARA O JANTAR...

PAI: MAUI ASSIM VOU-ME CHATEAR...

RAPARIGA: CONHECI UM RAPAZ AQUI NO PÁTIO DO NOSSO PRÉDIO. ELE ACHA QUE EU SOU ESTRANHA E OLHA PARA MIM COM OLHOS DE PEIXE ASSUSTADO! GAGUEIA UM BOCADINHO QUANDO SE ATRAPALHA... E TROCA AS PALAVRAS TODAS. VOU CHAMAR-LHE... PEIXE-BOLHA! ASTRONAUTA-RAPAZ: Ui... parece-me que há aqui caso...

ASTRONAUTA-RAPARIGA: Pois é...

RAPARIGA: CONVINDO-ME PARA PASSEAR DE BICICLETA COM ELE NO FINAL DA ESCOLA... ACHO QUE VOU ACEITAR...

ASTRONAUTA-RAPAZ: Achas que ele gosta dela?

ASTRONAUTA-RAPARIGA: De certeza...

ASTRONAUTA-RAPAZ: O Peixe-Bolha está com um fraquinho...

CATAMARÁ - Nas Ilhas Salomão ninguém se preocupa com os erros ortográficos | Teatro do Eléctrico
Ana Lázaro 2018

ASTRONAUTA-RAPARIGA: Um fraquinho? Acho que ele está é a apaixonar-se!
 ASTRONAUTA-RAPAZ: Achas?
 ASTRONAUTA-RAPARIGA: Claro que sim! Repara só!
 ASTRONAUTA-RAPAZ: Hum... Tens razão
 ASTRONAUTA-RAPARIGA: Acho até que eles são namorados!
 ASTRONAUTA-RAPAZ: "Catamará e Peixe-Bolha: Namorados para sempre"
 ASTRONAUTA-RAPARIGA: É isso mesmo! Devemos comunicar às mais altas patentes em Houston?
 ASTRONAUTA-RAPAZ: Sem dúvida. Prepara os confetis. Isto merece uma chuva-de-Estrelas!
 ASTRONAUTA-RAPARIGA: E que tal se escrevêssemos "Catamará + Peixe Bolha " nos Anéis de Saturno? Que me dizes disto?
 ATRONAUTA-RAPAZ: Acho uma ótima ideia!..
 O Rapaz e a Rapariga aproximam-se. A Rapariga dá-lhe um beijo.
 O som de estática transforma-se numa cadência crescente. Instala-se um ritmo cada vez mais rápido.
 ASTRONAUTA-RAPAZ: O que é que se está a passar?
 ASTRONAUTA-RAPARIGA(Olha à volta): Não consigo perceber...
 ASTRONAUTA-RAPAZ: Os instrumentos estão todos descontrolados... O que raio é que se está a passar...
 ASTRONAUTA-RAPARIGA: Olha os dados! Estão a aumentar!
 ASTRONAUTA-RAPAZ: O ritmo cardíaco do Peixe-Bolha... Está a 80 batimentos por minuto...
 ASTRONAUTA-RAPARIGA: Ohhh! E agora? O que fazemos?
 O ritmo aumenta. O som de um coração cada vez mais rápido ecoa pelo espaço.
 ASTRONAUTA-RAPAZ: 95 batimentos. 100... 110...140...200...300...400...500...700...800...
 MILL O Coração do Peixe-Bolha está prestes a explodir!
 O ritmo aumenta até se transformar numa batida frenética de música electrónica. As estrelas no céu e as luzes da cidade piscam como numa pista de dança. A Lua e o Sol acendem-se e apagam-se alternadamente. Regressam as Cores. Os Legos do Cois

CATAMARÁ - Nas Ilhas Salomão ninguém se preocupa com os erros ortográficos | Teatro do Eléctrico
Ana Lázaro 2018

mudam de forma. O Rapaz levanta-se e corre para dentro da janela da mansarda, enfiando o seu corpo enorme lá dentro.

CANÇÃO – ASTRONAUTAS cantam:

Catamará é nome de barco

O bicho é o Camarão

Salmão é nome de peixe

Vive nas ilhas Salomão

Nas ilhas crescem Palmeiras

E lá está sempre um calorão

Mas palmeiras não dão palmeadas

Dão só sombra no verão

As palavras parecidas

Mas que grande confusão

Antipoda é uma terra

do outro lado do Mar

Antipático é o Sr. Silva

Vizinho do 1º andar

O Peixe-bolha troca-letas

Muda tudo de lugar

Hipopótamo-hipópotamo

A mãe já se vai zangar

Salmão é nome de peixe

mas também é uma cor

Os números não enganam nada

É só saber a tabuada

As palavras parecidas

Mas que grande confusão

Antipoda é uma terra

do outro lado do Mar

Antipático é o Sr. Silva

Vizinho do 1º andar

CATAMARÁ - Nas Ilhas Salomão ninguém se preocupa com os erros ortográficos | Teatro do Elétrico
Ana Lázaro 2018

A vista de cá de cima

É mesmo de se aproveitar

Em Manila já acordaram

Em Tangará vão-se deitar

As cabeças pequeninas

Andam sempre a circular

Umás com os pés para baixo

Outras de pernas pró ar

Parecem mesmo bonequinhas

Ou carrinhos de brincar

Quantas voltas deu a Terra

Nem dei pelo tempo passar.

CENA 2

CAPÍTULO 2 – INSETOS-EXÓTICOS e PALAVRAS-ESPINHA

Buzina de um Barco. A linha do horizonte transforma-se na linha direita do mar, com silhuetas de palmeiras, rochas e insetos gigantes. A Rapariga está sentada numa toalha de praia em miniatura e tem uma caixa na mão.

RAPARIGA: *A Lagosta-de-Árvore é um Inseto gigante com 6 patas que vive numa Ilha do Pacífico chamada Lord Howe. O Bicho-Pau-gigante parece um pedaço de madeira, é herbívoro e vive na Nova Guiné, na Nova Caledónia e nas Ilhas Salomão.*

A Barata-rinoceronte é uma barata enorme que também vive na Austrália e no Pacífico Sul. Tenho estes insetos todos na minha coleção de Insetos-Exóticos. E quando me quero lembrar deles venho esprirear a minha coleção.

Uma das coisas que ninguém nos avisa que acontece quando ficamos adultos é que quando crescemos, nos esquecemos de um monte de coisas. Esquecemo-nos até de coisas que víamos todos os dias: das caras das pessoas, de nomes dos colegas que andavam na escola conosco, de sítios onde costumávamos ir todas as manhãs, de conversas que tivemos... Mas a verdade é que essas coisas não desaparecem completamente. É como se as caras, os sítios, os colegas e as conversas ficassem todos

CATAMARÁ - Nas Ilhas Salomão ninguém se preocupa com os erros ortográficos | Teatro do Elétrico
Ana Lázaro 2018

guardados num cantinho da nossa cabeça. Num sótão cheio de pó com a janela fechada à chave, e com a luz apagada. Às vezes quando já somos crescidos, por muito que se queira, não conseguimos entrar no sótão... Como se chamava aquela praia onde eu ia tantas vezes e as rochas arranhavam nos pés? Como era o nome? Como era a cara daquela rapariga que vinha sempre brincar comigo e me emprestava os baldes dela? Como eram os olhos dela? Ficavam no queixo abaixo da boca, ou na testa acima do nariz? O cabelo dela era curto ou era comprido até aos pés? Uff... O sótão pode ficar fechado durante anos. Até que de repente, só por causa de uma coisinha de nada ... somos capazes de nos lembrar de tudo. Só porque reencontramos a nossa Coleção de Insetos-Exóticos o cheiro de uma coisa... Ou porque reencontramos a nossa Coleção de Insetos-Exóticos-que-um-dia-queiro-Caçar. De repente a janela do sótão abre-se: e lembramo-nos de tudo, como se TUDO tivesse acontecido só há umas horas atrás. Como se tivesse acontecido "Ontem".

É que há ainda outra coisa que acontece quando somos crescidos: uma magia no tempo faz com que uma coisa que aconteceu há muitos anos pareça que aconteceu ontem. É por isso que muitas vezes os Adultos dizem:

"PARECE QUE FOI ONTEM!

DESTE UM PULO DE ONTEM PARA HOJE!

AINDA ONTEM ERAS UM BEBÉ E AGORA JÁ ESTÁS DESSE TAMANHO!"

Rapariga tira uma Lagosta-de-Árvore embalsamada da caixinha.

RAPARIGA: *Ainda ONTEM eu estava aqui. No topo do pátio do meu prédio. Tinha ganho um inseto novo para a minha coleção. A incrível Lagosta de Árvore! Quanto mais longas eram as viagens do meu pai, maiores as prendas que ele me trazia. Já tinha passado um ano inteiro desde que tinha conhecido o Peixe-Bolha. E um ano quando somos pequenos é muuuuito tempo. Era como se nos conhecêssemos desde SEMPRE. Desde o início da Terra há 4,54 biliões de anos! E agora era Verão! Férias! E quando somos crianças parece que as Férias de Verão NUNCA vão acabar!*

RAPAZ atira uma toalha de praia em miniatura da janela da mansarda. Estende dois copos cheios de um líquido vermelho. Sai da mansarda vestido com calções de banho e

CATAMARÁ - Nas Ilhas Salomão ninguém se preocupa com os erros ortográficos | Teatro do Eléctrico
Ana Lázaro 2018

uns chineloas muito pequenos para os seus pés grandes. Estende a toalha no chão do

Pátria.

Som de Praia Tropical.

RAPAZ: Buac! Que nojo é esse?

RAPARIGA: É uma *Lagosta árvore* e vem da Tasmânia.

RAPAZ: Buac! Como é que consegues pegar nessa nojice ...

RAPARIGA: Buac. Como é que consegues andar com esses pelos todos nas pernas?

RAPAZ: Páira.

RAPARIGA: Buac. Parece uma *abelha bombus terrestris*! O inseto mais peludo do Mundo!

Rapaz: Páira com isso... (*tenta enrolar-se na toalha*) Não achas que esta toalha está a ficar muito pequenas?

RAPARIGA: Tu é que estás a ficar grande! Quantos centímetros já crescestes desde o verão passado?

RAPAZ: 7 centímetros e 4 milímetros!

RAPARIGA: Sete centímetros... Eu cresci 1 centímetro. (*Rapaz mete uns óculos sol minúsculos na cara.*) Não achas incrível que tanta inteligência caiba em tão pouco volume? (*Sorri*) Esses óculos são ridículos. Já não te servem.

RAPAZ: Ai parece a minha mãe. As calças já não me servem, os sapatos já não me servem, os meus pés ficam de fora do colchão... Não tenho a culpa o meu corpo está a crescer... a uma média de 1,7 centímetros por mês. Se continuar a crescer a esta velocidade quando chegar ao nono vou ter dois metros e dez ...

RAPARIGA: Vais passar o ano?

RAPAZ: Vou...

RAPARIGA: Quantos erros ortográficos na prova?

RAPAZ: 1. Erro. (*Pausa*) *Oceano Pacífico*.

RAPARIGA abre a boca de espanto.

RAPAZ: *Pajfício*...

RAPARIGA ri-se às gargalhadas...

RAPAZ: "Como é possível que um Rapaz deste tamanho ainda faça erros tão ridículos!" disse-me a professora...

CATAMARÁ - Nas Ilhas Salomão ninguém se preocupa com os erros ortográficos | Teatro do Eléctrico
Ana Lázaro 2018

RAPARIGA: Não há erros ridículos.

RAPAZ: Ohh... Não sei... É ridículo trocar assim as letras nas palavras... (*Olha para os pés*) sou um bocadinho ridículo...

RAPARIGA: Tu não és ridículo. (*Pausa*) Os teus óculos são ridículos (*Sorri*)...

Rapaz olha para baixo...

RAPAZ: A minha mãe chateou-se com a Professora. Disse que há um nome para esta coisa de trocar letras, que acontece a mais miúdos como eu, e que não interessa o tamanho que eu tenho. Não vai descansar enquanto eu não souber pôr as letras no lugar.

RAPARIGA: A tua mãe tem razão! Tu não és ridículo. (*Pausa*) Para dizer a verdade achote o Rapaz mais Fixe do Mundo!

RAPAZ: Isso não é possível. Não conheces os Rapazes todos do Mundo. Por isso não podes dizer que eu sou o Rapaz mais fixe do Mundo.

RAPARIGA: Claro que posso! Posso dizer que és o MAIS fixe... E que este dia é o MELHOR dia das Férias! E que vamos ser amigos para SEMPRE!

RAPAZ: Para sempre?

RAPARIGA: Sim... eu vou gostar sempre de ti... MAIS-MELHOR e SEMPRE! São palavras boas... não? (*Pausa*)

RAPAZ: Talvez...

RAPARIGA: Tu só tens uma maneira especial de encaixar as letras nas palavras, só isso. Boa... Vou dizer isso aos Diretores da Orquestra Sinfónica. Este candidato não é ridículo.

Ele tem só uma maneira especial de encaixar as letras nas palavras.

RAPARIGA: Orquestra Sinfónica?

RAPAZ: Sim. Decidi que quero ser Maestro. A música também é matemática sabias?

RAPARIGA: Também?

RAPAZ: Também! As escalas e as notas! É tudo números e frações. Quando voltares a olhar para os números na folha das contas podes imaginar que não são uma pirâmide.

Mas os teus mosquitos a fazer música.

RAPARIGA: Não são mosquitos ...

RAPARIGA pega nos insetos exóticos. Mete-os em cima das cordas de estender roupa, como se fossem as notas numa pauta...

CATAMARÁ - Nas Ilhas Salomão ninguém se preocupa com os erros ortográficos | Teatro do Eléctrico
Ana Lázaro 2018

RAPARIGA: São insetos exóticos!

Ouve-se uma música de filme colorido. *Rapariga cantarolando:*

Libélula, Grilo, Besouro

Alfaiate, Percevejo

Mosca, Barata, Cupim

Joaninha voa-voa

diz-me se gostas de mim!

(*olha sorridente para o Rapaz*)

RAPARIGA: Hum... E onde vai ser essa Orquestra Sinfónica?

RAPAZ (*espalha protetor na cara, pega num bocado de papel de prata para usar como refletor. Deita-se na toalha*): Provavelmente num desses Países Frios onde as orquestras têm músicos carrancudos que só tocam o dia todo e falam numa língua esquisita que eu nem sei falar. Assim só tenho de fazer aqueles gestos de Maestro... nem preciso de falar com ninguém...

RAPARIGA: Ahh....

(*Pausa*) Mas e esses países não ficam longe?

RAPAZ: Ah? Sim... longe...

RAPARIGA: A muitos quilómetros daqui?

RAPAZ: Provavelmente...Dezenas de milhar...

RAPARIGA: Quanto tempo para chegar de Barco...hum... De Catamarã por exemplo?

RAPAZ: Uff... Sei lá... Não trouxe a máquina de calcular...

RAPARIGA: Mas se for assim tão longe... Muito longe do Pacífico Sul... Vou ficar muito tempo sem te ver... Vão passar anos e anos. Como quando o meu pai se vai embora durante muito tempo para o alto mar. Vou ter de arranjar um telefone-Satélite para falar contigo.

(*Pausa*)

RAPAZ: Ainda estás com essa ideia de ir explorar as Ilhas do Pacífico?

RAPARIGA: Claro que estou...

RAPAZ: Para encontrares a tua mãe...

RAPARIGA: Sim. E para te trazer um bocadinho de areia das Ilhas Salomão, e para caçar Insetos Fantásticos.

RAPAZ: Pois...

CATAMARÁ - Nas Ilhas Salomão ninguém se preocupa com os erros ortográficos | Teatro do Eléctrico
Ana Lázaro 2018

RAPARIGA: Pois... qué?

RAPAZ: Pois... pois...

RAPARIGA: Pois ... pois??? O que queres dizer com *Pois Pois*?!?

RAPAZ: Pois...pois... os adultos às vezes dizem coisas que não são mentira mas que também não são bem verdade... Como as Ilhas do *Pagfício*... Pois...pois...

RAPARIGA: Estás a dizer que as Ilhas do PACÍFICO não existem?

RAPAZ: Não estou a dizer isso...

RAPARIGA (*enervando-se*): Estás a dizer que as Ilhas Salomão NÃO EXISTEM?

RAPAZ: Nada... esquece...

RAPARIGA: Esqueço o QUÊ?

RAPAZ: O que acabei de dizer...

RAPARIGA: "Nada... Esquece"???

RAPAZ: Ai...

RAPARIGA: Que história é essa das coisas que não são bem mentira mas que também não são verdade?

RAPAZ: Olha... Então... Por vezes os adultos dizem coisas como: deixa ver ... por exemplo... "a tua mãe vive no meio do Oceano" quando se calhar querem dizer... "Olha a mãe vive a "x" quilómetros de distância, mas está muito ocupada para pegar no carro a velocidade "y" e fazer o percurso de "x" quilómetros para nos visitar... (*Pausa*) É isso... (*A música para. Silêncio longo.*)

RAPARIGA: Tens razão.

RAPAZ: Tenho?

RAPARIGA: Os números são muito melhores do que as palavras... As palavras magoam as pessoas. Os números simplesmente existem... Não sentem nada.

(*Pega na toalha de praia minúscula e na caixa de Insetos-Exóticos. Aproxima-se da cara do Rapaz, zangada.*)

E eu NUNCA mais te quero ver. Nem daqui a um bilião de anos!

A Rapariga desce pelas escadas de incêndio. Desaparece.

A linha do horizonte transforma-se numa linha plana.

O Pátio escurece. Luz sobre o Rapaz.

CATAMARÁ - Nas Ilhas Salomão ninguém se preocupa com os erros ortográficos | Teatro do Eléctrico
Ana Lázaro 2018

RAPAZ: Outra coisa que acontece quando crescemos: é que por vezes dizemos coisas que não queríamos dizer: E uma coisa que dissemos há muito tempo atrás, pode ficar entalada na garganta. Durante anos. Como uma espinha quando estamos a comer peixe cozido. Uma espinha que fica atravessada na garganta a picar. E podem passar dias, meses, anos, que a espinha continua lá. Palavras-espinha. Como naquelas refeições em que não gostamos da comida que está no prato e ficamos ali a mastigar... a mastigar durante horas e horas, sem conseguir engolir. Quando isso acontece, quase desejava ser um músico de um País Frio, e falar uma língua daquelas que ninguém entende...

O Rapaz vira as costas e desaparece entre a sombra.

Música de Orquestra.

ASTRONAUTA RAPAZ e ASTRONAUTA RAPARIGA com Gorros peludos de País de Frio.

Cantam:

*Shpedigg fshkiv Palinof
Assuntalix Vrumanóss
Traumilaunin Petrinov
Kusmarioka Fornoloff*

Parlapiev Parlapiev

Asneirox asneirix

Aspalavrasconfundix

Disparum Disparatix

Gira a Terra Giralov

Passatempodepressix

Palavarum Palavrov

Palavrim-espinhiz

A música interrompe-se. Barulho de estática. Os Astronautas olham para o painel de instrumentos. Barulho de estática de rádio...

PAI: CATAMARÁ... ESTÁS A ESCUTA... OVER?

(Pausa)

CATAMARÁ - Nas Ilhas Salomão ninguém se preocupa com os erros ortográficos | Teatro do Eléctrico
Ana Lázaro 2018

PAI: ... ALLÓ ... CATAMARÁ... É O PAI... OVER... CATAMARÁ??

RAPARIGA (VOZ SUMIDA): ...SIM...ESTOU A ESCUTA...

PAI: ESTÁ TODO BEM?

RAPARIGA: HUM?

PAI: CATAMARÁ ? COMO CORREU O DIA?

RAPARIGA: HUM... ASSIM...ASSIM...

PAI: TENHO AQUI UM INSECTO QUE VAIS ADORAR! É UM BESOURO DOURADO! PARECE MESMO PANAMÁ... É IMPRESSIONANTE... ESTÁS A OUVIR? (Silêncio)... CATAMARÁ?

RAPARIGA: PAI?

PAI: SIM ? ...

(Pausa)

PAI: CATAMARÁ?

RAPARIGA: EM QUAL DAS ILHAS DO PACÍFICO MORA A MÃE?

PAI: HUM...

RAPARIGA: EM QUE ILHA MORA A MÃE?

PAI: CATAMARÁ.. FILHA... ESTOU A OUVIR-TE COM INTERFERÊNCIAS... NÃO COMPREENDO BEM... FALAMOS AMANHÃ, SIM? COME AS ERVILHAS E PÕE O CHAPÉU PRÓ SOL!

(som de chamada cortada)

A cidade escurece completamente. Quase como se desaparecesse.

Astronautas na Escatilha olham para o outro. A imagem está com soluços. Sons de aparelhos de comunicações.

ASTRONAUTA-RAPAZ: Alerta! Alerta... Terra... Terra... Estamos com um Problema...

ASTRONAUTA-RAPARIGA: Pedimos ajuda a todas as bases internacionais.

ASTRONAUTA-RAPAZ: S.O.S. Estamos às escuras... *(Pausa)* Nada...

ASTRONAUTA-RAPARIGA: Alerta! Tivemos uma avaria nos instrumentos. Os sistemas pararam. Acho que estamos à deriva no Espaço...

ASTRONAUTA-RAPAZ: ...Não sabemos precisar há quanto tempo estamos a flutuar. Mas devem ter-se passado anos desde que ficámos sem comunicações. Andamos à séculos

CATAMARÁ - Nas Ilhas Salomão ninguém se preocupa com os erros ortográficos | Teatro do Eléctrico
Ana Lázaro 2018

a boiar como lontras no meio de Asteroides e Pedregulhos Espaciais... Estamos fartos de comer pipocas em pó!

ASTRONAUTA-RAPARIGA: Vamos voltar à Terra! Queremos um prato de frango com muito ketchup e batatas fritas quando aterramos. Estamos esfoimeados!

ASTRONAUTA-RAPAZ: E MOUSSE DE CHOCOLATE! *(Pausa. Olham um para o outro.)*
Achas que nos ouviram? ...

ASTRONAUTA-RAPARIGA: Não sei... Já passaram tantos anos...

ASTRONAUTA-RAPAZ: Pelo menos duas décadas!

ASTRONAUTA-RAPARIGA: No mínimo ...

ASTRONAUTA-RAPAZ: Os números contam...

ASTRONAUTA-RAPARIGA: Óh se contam! Quantos anos passaram? Quantos anos tens?

Quantas línguas falas? Quantos filhos tiveste? Quantos foguetões já pilotaste? Quantos dias falam para chegar à Terra...

ASTRONAUTA-HOMEM: Mas as palavras também têm que se lhe diga... "O Planeta FAVORITO... O MELHOR amigo... Namorados para SEMPRE..."

ASTRONAUTA-RAPARIGA: Namorados para sempre... Até fico com pele de galinha debaixo do fato espacial ...

ASTRONAUTA-RAPARIGA: Achas que as coisas lá por baixo ainda são o que eram?

ASTRONAUTA-RAPAZ: Duvido... depois deste tempo todo... Aposto que os colegas da NASA estão todos muito mais velhos.. E muuuito mais gordos!

ASTRONAUTA- RAPARIGA: Pois... E provavelmente a cidade também vai estar toda desarrumada, cheia de prédios altos, e coisas novas...

ASTRONAUTA-RAPAZ: Sem dúvida... Estás a ver o Prédio do Peixe-Balão, da Catamará e do rabugento do Sr. Silva?

ASTRONAUTA-RAPARIGA: Sim?

ASTRONAUTA-RAPAZ: Vai ser deixado a baixo. Agora já não vive lá ninguém. Venderam todos os apartamentos e no lugar do prédio vão fazer um Parque com árvores e carrocéis.

ASTRONAUTA-RAPARIGA: Ohhh...E o pátio?

CATAMARÁ - Nas Ilhas Salomão ninguém se preocupa com os erros ortográficos | Teatro do Eléctrico
Ana Lázaro 2018

ASTRONAUTA-RAPAZ: O pátio também vai desaparecer. Provavelmente daqui a uns dias já vai ser um Parque cheio de crianças a andar de unicórnio e de pónei.

ASTRONAUTA-RAPARIGA: Achas que o peixe-Balão e a Catamará se voltaram a encontrar depois daquela conversa?

ASTRONAUTA-RAPAZ: Não sei... Já passaram tantos anos e sempre que espreito pelo telescópio vejo o Peixe-Bolha sozinho... Nem um sinal de Catamará...

ASTRONAUTA-RAPARIGA: *(suspira)*... Bom. Preparado?

ASTRONAUTA-RAPAZ: Preparado.

ASTRONAUTA-RAPARIGA: Abrir os Para-queadas. Preparar para a descida em...

ASTRONAUTAS: ...10..9...8..7

Música de Orquestra (Canção da Catamará – Versão instrumental).

A cidade muda completamente de forma: crescem edifícios e as ruas giram.

A RAPARIGA aparece. Tem uma gabardina vestida.

RAPARIGA: 6...5...4...3...2...1... Quando estamos a contar o tempo parece que os minutos demoram muito passar. Outras vezes parece que passa tudo muito rápido. Distraímos e quando damos por isso já é hora de dormir, ou de arrumar as coisas do Verão para voltar à Escola. Quando crescemos estamos normalmente sempre distraídos. E quando damos por isso passaram vinte anos, sem dármos conta.

Luz ténue sobre o Rapaz. O Rapaz está de casaco comprido e de costas, virado para a Pauta de Insetos. Abana os braços como um Maestro. Fica assim durante algum tempo.

RAPARIGA: Ficamos adultos. Mas aquilo nunca ninguém diz, é que há coisas que nunca vão mudar. E mesmo quando somos adultos, muitas vezes ainda nos sentimos crianças. Como quando estamos muito muito entusiasmados com uma coisa e mal podemos esperar que ela aconteça... nessa noite não conseguimos dormir. Não interessa se somos pequenos ou crescidos. Isso vai sempre acontecer.

(RAPARIGA aproxima-se do RAPAZ.)

CATAMARÁ - Nas Ilhas Salomão ninguém se preocupa com os erros ortográficos | Teatro do Eléctrico
Ana Lázaro 2018

E quando essa coisa que queríamos muito acontece finalmente... o tempo pára! Tudo o
à nossa volta desaparece. E até nos esquecemos de apertar os atacadores dos sapatos.
Essa é uma coisa que nunca muda...

RAPARIGA (*debruça-se sobre o Rapaz*): Bem me parecia que conhecia essa melodia...

O Rapaz *vira-se assustado*.

RAPAZ (*assusta-se e mete a mão no peito*): AHHHH...

O rapaz *olha para a Rapariga estupefacto*...

RAPARIGA: (*Sorri*) Afinal há pessoas que parece que ficam sempre na mesma...

Olham um para o outro...

RAPAZ: Catamarã! Tu também não mudaste nada... (*Pausa*) Estás muito b-b-b-b...

RAPARIGA: Bitoque?

RAPAZ: Bonita!

(*Pausa*)

RAPAZ e RAPARIGA *falam ao mesmo tempo*:

RAPARIGA e RAPAZ: Há quanto temp?... *interrompem*

riem-se

RAPARIGA: Não te parece que o Pátio está mais pequeno?

RAPAZ: Acho que nós é que estamos mesmo muito crescidos... (*Pausa*) Sabias que vão
demolir o Pátio?

RAPARIGA: Ouvi dizer. Regressei para vir buscar a minha coleção de Insetos-
Exóticos. (*Pausa*) Antes de me ir embora... (*Sorri*) Mas já vi que a minha coleção estava
em boas mãos.

RAPAZ: Vais embora do país?

RAPARIGA: Hum hum...

RAPAZ: Para o... Pacífico?

RAPARIGA: (Ri-se) Não. Para outro país ... mas não para o Pacífico.

RAPAZ: A sério.

RAPARIGA: Precisam de mim para fazer tradução simultânea num Comité Internacional
com representantes de todos os Países do Mundo. E eu vou estar lá.

RAPAZ: Tradução simultânea? Tu és tradutora? Ouves palavras numa língua enquanto
falas com palavras de outra língua completamente diferente?!

CATAMARÁ - Nas Ilhas Salomão ninguém se preocupa com os erros ortográficos | Teatro do Eléctrico
Ana Lázaro 2018

RAPARIGA: Exatamente!

RAPAZ: Isso deve ser complicado!

RAPARIGA: Não tão complicado quanto escrever música para vários instrumentos de
Orquestra...

RAPAZ: 36! Duas flautas, dois oboés, um piano, dois clarinetes, dois fagotes, dois
trompetes, duas trompas, tímpanos e cerca de 20 instrumentos de cordas...
(*interrompe-se. Riem-se*)

RAPAZ: Estás mesmo crescida.

RAPARIGA: Também tu.

RAPAZ: Capitã-Catamarã! Chegaste a visitar a tua mãe?

RAPARIGA: Ela é que me visitou... Afinal parece que as Ilhas Salomão ficaram apenas a
6 quarteirões da nossa casa. Mas ela e o meu pai tinham-se zangado mesmo muito. Com
a força de muitos newtons. E afastaram-se um Oceano inteiro... (*sorri*) 6 quarteirões...
ainda não descobri como se mede a distância entre as pessoas....

RAPAZ: Sabes... Tinhas razão quando dizias que as canções ajudam a arrumar as letras
nas palavras...

RAPARIGA: Ai sim?

RAPAZ: Sim.

(*Pausa*)

RAPAZ: Bom... então é... Adeus?

RAPARIGA (*senta-se ao lado do RAPAZ*): Acho que ainda vou ficar por aqui um
bocadinho. Dizem que este é o melhor sítio do Mundo para se ver estrelas em queda...

RAPAZ *sorri. Levanta os Braços. Conduz a Orquestra de Insectos-Exóticos*.

Som de Orquestra.

Acende-se o estendal onde estão pendurados os INSETOS- EXÓTICOS.

VOZINHAS RÁPIDAS DE INSETOS -EXÓTICOS:

LAGOSTA-DE-ÁRVORE: Bicho-Pau-gigante estás Pronto?

BICHO-PAU-GIGANTE: Tudo a postos...

LAGOSTA-DE-ÁRVORE: E tu Barata-Rinoceronte... BARATA -RINOCERONTE!

BARATA-RINOCERONTE: Calma... calma! A ir... a ir..... qual é a pressa? Temos todo o
tempo do mundo... Não somos insetos embalsamados!

CATAMARÁ - Nas Ilhas Salomão ninguém se preocupa com os erros ortográficos | Teatro do Eléctrico
Ana Lázaro 2018

LAGOSTA-DE-ÁRVORE: Está tudo à nossa espera! A entrada musical já está a terminar.

BICHO-PAU-GIGANTE: Eu estou no Ré suspenso...

LAGOSTA-DE-ÁRVORE: Eu sou uma colcheia... Barata-Rinoceronte tu és uma semi-fusa...

BARATA-RINOCERONTE: Sou sempre a nota mais pequenaPfff... O que eu não dava para tirar umas férias na Polinésia Francesa!

LAGOSTA-DE-ÁRVORE: Silêncio... em um dois um...

(CANTAM a várias vozes)

Catamarã é nome de barco

O bicho é o Camarão

Salmão é nome de peixe

Vive nas Ilhas Salomão

Nas ilhas crescem Palmeiras

E lá está sempre um calorão

Mas palmeiras não dão palmeadas

Dão só sombra no verão

Antipoda é uma terra

do outro lado do Mar

Antipático é o Sr. Silva

Vizinho da 1ª andar

O Peixe-bolha troca-lettras

Muda tudo de lugar

Hipopótamo-hipópomamo

A mãe já se vai zangar

As palavras parecidas

São mais fáceis a cantar

Como um filme colorido

Com o tempo a recuar

Ainda ontem era Verão

CATAMARÁ - Nas Ilhas Salomão ninguém se preocupa com os erros ortográficos | Teatro do Eléctrico
Ana Lázaro 2018

O tempo andava devagar

Astronautas a aterrar

Insetos pra colecionar

Gosto de ti para sempre

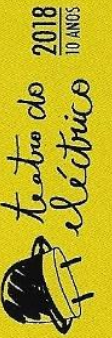
Até me sinto importante

A cidade está pequena

Ou sou eu que estou gigante.

FIM! ☺

Anexo J - Folha de sala, flyers e cartaz do espetáculo *Catamarã*, *Nas Ilhas Salomão ninguém se preocupa se preocupa com os Erros Ortográficos!*



CATAMARÃ

*nas ilhas Salomão ninguém se preocupa
Com os Erros Ortográficos*

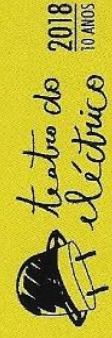
Texto: ANA LÁZARO Encenação: RICARDO NEVES-NEVES Elenco: SUSANA MADEIRA e VÍTOR OLIVEIRA Cenografia: ÂNGELA ROCHA Assistente de Cenografia: TIAGO SANTOS Figurinos: RAFAELA MAPRI Música e sonoroplastia: SÉRGIO DELGADO Desenho de luz: PEDRO DOMINGOS Vídeo de animação: TEMPER Creative Agency Assistência de encenação: RAQUEL MENDES Segundas assistentes de encenação: CRISTIANA SIMÕES, DIANA MATIAS, SOLANGE BRÁS Fotografia: ALÍPIO PADILHA Vídeo promocional: EDUARDO BREDA Ilustração: INÉS MINOR Produção/Comunicação: MAFALDA SIMÕES Um espectáculo CULTURGEST, CINETEATRO LOU-LETANO e TEATRO DO ELÉCTRICO M8

Catamarã é o barco.
 O bicho é o Camarão.
 Salomão é nome de peixe.
 Vive nas ilhas Salomão.
 Crescer pode ser complicado! Sobretudo quando o mundo parece girar tão rápido que as coisas à nossa volta começam a encolher de repente e a ficar muito pequeninas: enquanto o nosso corpo fica muito grande, e as pessoas começam todas a ficar muito velhas e muito gordas. Por ainda quando passamos a vida a tropeçar nas palavras e a nossa cabeça tem o mania de nos pregar partidas e trocar as sílabas de lugar ou mexer as letras de um lado para o outro e passamos a vida a dar erros ortográficos!

Catamarã, Ana Lázaro

Recreios da Amadora | Ante-estrela


Av. Santos Matos, Venteira
Reservas: 93 526 43 80



CATAMARÃ

*nas ilhas Salomão ninguém se preocupa
Com os Erros Ortográficos*


Uma criação de ANA LÁZARO E RICARDO NEVES-NEVES
7 Julho às 16H (SAB)
8 Julho às 11H (DOM)
 Recreios da Amadora | Ante-estrela
 Av. Santos Matos, Venteira
 M8 | 4 € (Preço único) Reservas: 93 526 43 80



CATAMARÃ

*nas ilhas Salomão ninguém se preocupa
Com os Erros Ortográficos*

Uma criação de ANA LÁZARO E RICARDO NEVES-NEVES
7 Julho às 16H (SAB)
8 Julho às 11H (DOM)
 Recreios da Amadora | Ante-estrela
 Av. Santos Matos, Venteira
 M8 | 4 € (Preço único) Reservas: 93 526 43 80



CATAMARÃ

*nas ilhas Salomão ninguém se preocupa
Com os Erros Ortográficos*

Uma criação de ANA LÁZARO E RICARDO NEVES-NEVES
7 Julho às 16H (SAB)
8 Julho às 11H (DOM)
 Recreios da Amadora | Ante-estrela
 Av. Santos Matos, Venteira
 M8 | 4 € (Preço único) Reservas: 93 526 43 80

Anexo K – Exemplo da redação de uma carta de parceria



Xerox

Assunto: Pedido de apoio

Exmos. (as) Srs (as),

Somos o Teatro do Eléctrico, Companhia de Teatro portuguesa sediada em Lisboa. Estamos sediados no Polo Cultural Gaivotas | Boavista, espaço do nosso escritório, gentilmente cedido pela Câmara Municipal de Lisboa a estruturas artísticas emergentes.

Ao longo dos últimos 10 anos de existência temos realizado diversas produções em várias salas de espetáculo, recentemente no São Luiz Teatro Municipal, no Teatro da Trindade, no Teatro Municipal Joaquim Benite. Temos conseguido levar os nossos espetáculos para fora dos grandes centros urbanos e temos chegado a novos públicos, como é o caso de Cartaxo, Leiria, Loulé, Matosinhos, Monção, Montemor-o-Novo, Ponte de Sôr, Quarteira, Torres Novas, Vila do Conde, Vila Velha de Ródão, Porto, Açores (Praia da Vitória), Madeira (Funchal).

Sentimos necessidade de uma impressora no nosso escritório, a sua utilidade iria preencher uma lacuna que nos tem acompanhado ao longo destes 10 anos. A necessidade de impressão de documentos administrativos e a necessidade de imprimir textos para os ensaios dos espetáculos.

Desta forma gostaríamos de contar com a vossa parceria e solicitamos o vosso apoio na cedência de uma impressora multifunção. Estamos disponíveis para receber uma impressora em segunda mão e ou descontinuada.

Pelo apoio prestado estamos disponíveis para inserir o vosso logótipo em todos os nossos materiais promocionais, produzidos para cada espetáculo (Cartazes, postais, lonas, folhas de sala, teasers promocionais, anúncios nas redes sociais, Newsletters), oferta de convites para as estreias dos espetáculos e aquisição exclusiva dos toners na vossa empresa.

Junto enviamos o nosso livrete de espetáculos disponíveis para digressão em 2018/2019 onde podem verificar mais informações sobre a companhia e os espetáculos.

Certos da vossa melhor consideração face a este assunto,
Atenciosamente,

Mafalda Simões
Teatro do Eléctrico
Direcção de Produção e Comunicação
mafalda.simo.es.tde@gmail.com
962941942

Anexo L - Clipping (exemplo: Banda Sonora)

CISION

ID: 73731383

CORREIO
da manhã

23-02-2018 | Sexta

Meio: Imprensa
País: Portugal
Períod.: Semanal
Anúbio: Informação Geral

Pág. 55
Cores: Cor
Área: 13,95 x 25,34 cm²
Conte: 1 de 1

VOGUE

01-03-2018

Meio: Imprensa
País: Portugal
Períod.: Mensal
Anúbio: Femininas e Moda

Pág. 119
Cores: Cor
Área: 10,06 x 18,98 cm²
Conte: 1 de 1

CONCERTO
Tributo aos Pink Floyd



BANDA HOMENAGEM A OS PINK FLOYD

Formados em 2007 na cidade de Setúbal, os The Crazy Diamonds homenageiam e recriam os clássicos mais influentes da banda britânica. O espetáculo de hoje à noite, às 21h30, assenta nos temas mais relevantes de The Dark Side of the Moon, Wish You Were Here e The Wall, entre outros. A sonoridade e o aspeto visual são os pontos fortes do espetáculo. **Local:** Centro Cultural da Malaposta, Ovelha Barão
Telefone: 293 320 940
Preço: 10 €

TEATRO
"Macbeth" no Teatro São João



REGRESSA AO PORTO
"Macbeth" está de regresso ao palco do Teatro Nacional São João (TNSJ). O espetáculo estreia em junho de 2017. O espetáculo assinala o reencontro de Nuno Carrilhas, diretor artístico do TNSJ, com João Reis, o ator lidera um elenco a que se juntam nomes como Emília Silvestre, João Cardoso, Paulo Calatrão e Sara Barros Leitão. Para ver até 11 de março
Local: Teatro Nacional São João, Porto
Telefone: 228 200 200
Preço: 14,50 e 16 €

TEATRO
Composição musical e texto



MANUSCRITO PARA VEREM LISBOA
Banda Sonora, uma criação de Ricardo Neves-Neves e Filipe Raposo, estreia a 9 de março em Lisboa. A composição musical desperta uma ideia de encenação/ambiente e, por conseguinte, um texto. A existência da música e as experiências que com os músicos quer com os músicos criam uma modernidade. O espetáculo, com os atores/cantores, é dividido em três partes distintas.
Local: São Luiz Teatro Municipal
Telefone: 213 257 940
Preço: 20 e 15 €

DESTAQUES DA SEMANA
MÚSICA, EXPOSIÇÕES, TEATRO, LIVROS, CINEMA, ODIFÍCILESTA MESMO NA ESCOLHA

que procuram transmitir a realidade e alertar para as dificuldades e injustiças pelas quais estas pessoas passam. Um livro de Julietta Monginho, que em 2016 esteve no campo de refugiados de Chios, na Grécia.
Local: Guerra e Paz
Páginas: 256
Preço: 10,90 €

LIVRO
Os contos de Eça de Queiroz
Esta é um edição diferente dos contos de Eça de Queiroz. Adão e Eva no Paraíso seguido de O Senhor Diabo e outros contos. Inclui os 13 contos que o escritor deixou completos e publicou em vida em jornais e revistas. Edição com comentários e notas que valorizam a obra, como um livro sobre Eça contínuo. **Local:** Sudoeste
Páginas: 256
Preço: 10,90 €

LIVRO
Como manter a esperança
"Um Muro no Meio do Caminho" é um livro de histórias que se cruzam num campo de refugiados. Embora ficcionados, são relatos vagabundagem do olhar, mas, também, da escrita ficcionada a partir do real, procurando sentir o sentido a momentos que, com facilidade, nos passaram despercebidos. De João Miguel Barros.
Local: Sudoeste
Telefone: 213 612 878
Preço: 3 €

AO RITMO DO TEATRO
Os polacos contaram histórias e canções, e criaram os silêncios que se vai batendo. A 9 de março só vamos ter dois destinos: ou o D. Maria II, com *Montanha-Razão*, que se assume enquanto teatro mas que confessa que a música pode muito bem ser a protagonista. Original e tocado ao vivo por Mamede Azevedo, Hélder Gonçalves e Miguel Ferreira, dos Clã, e por Nuno Ralind, que nos leva de volta à estrada esburacada da adolescência. Ou então sublinhos num pouco a cidade, até ao São Luiz, para a *Banda Sonora* de Ricardo Neves-Neves (que desde 2015 não encenava um texto seu) e de Filipe Cardoso, que entico o palco e a vida de seis atores, cantores e de uma amadora que entre a música e a dramaturgia que pareciam ser um teatro a viver a vida. **Local:** Teatro Nacional São João, Porto
Telefone: 228 200 200
Preço: 14,50 e 16 €

CISION ID: 73979006

Expresso 10-03-2018 | Revista E

Méico Imprensa País: Portugal Períod.: Semanal Anábulo: Laser

Plág.: 86 Cotes: Cor Área: 23,50 x 29,70 cm² Corte: 1 de 1

CISION ID: 73962155 09-03-2018 | Ipsilon

Plág.: 19 Cotes: Cor Área: 25,70 x 31,00 cm² Corte: 2 de 2

Teatro & Dança

As meninas

Com a música e a palavra, Filipe Raposo e Ricardo Neves-Neves recriam o universo mágico da infância e primeira juventude de três meninas — ou serão seis?

TEXTO JOAO CARNEIRO

Como habitualmente se move e brota numa conversa sobre este "universo" de Raposo e Neves-Neves, a colaboração de outros músicos com frequência, incluir música, é todo de guiado por uma dimensão rítmica e moldada livremente ao próprio discurso dramático, a ser feita, naturalmente, com a linguagem, em geral, que se suscita naquela dimensão. Não seria de admirar, dadas estas características, que surgisse uma colaboração de um músico, Filipe Raposo — com um escritor, dramaturgo e encenador para quem a música compartilha do universo de sons, de palavras e de sentidos

BANDA SONORA
de Filipe Raposo e Ricardo Neves-Neves
Sala de Teatro Municipal, Lisboa, entre 15



Josina Campelo e Mária Campelo no teatro do Elétrico, em Lisboa, com Filipe Raposo e Ricardo Neves-Neves

rimaltidão "Je est un autre", em risco de revelar para uma "poquena rebandeira" que tem como pano de fundo a floresta, lugar de comensuração e eventualmente morte. E trata-se de uma ação com estrita unidade de tempo — um dia, de manhã até à noite. More. Fin.

Mas há muitas canções. Elas são as canções que dão vida e importância à estrutura dramático-narrativa do espetáculo. Reforçam, insistem, intensificam expressões, ideias, sentimentos. O universo é o da infância, entre os 8 e os 15 anos; a linha de separação entre o bem e o mal é tênue, e há um certo grau de separação entre a vida e a morte.

Assim, depois de uma introdução orquestral, com as três meninas na floresta, temos direito à alegria da canção "A menina da floresta", com as três meninas a cantar. É a primeira canção da obra, e é a primeira canção de uma das três meninas, a Joana Campelo, com o nome "Joana Campelo" e o nome "Joana Campelo". É a primeira canção de uma das três meninas, a Mária Campelo, com o nome "Mária Campelo" e o nome "Mária Campelo". É a primeira canção de uma das três meninas, a Josina Campelo, com o nome "Josina Campelo" e o nome "Josina Campelo".

Costa que não vai acontecer a estas meninas. Vou aprender a fumar, muito cedo também — mas quem não aprendeu? As mais velhas ensinam as mais novas, com dedicação e paciência. Há uma canção que se chama "A menina da floresta" e a canção seguinte é a canção seguinte. Há uma canção que se chama "A menina da floresta" e a canção seguinte é a canção seguinte.

Mas o dia declina, e com o anoitecer as canções, adensam-se, e os fatos da floresta, aleanas crianças. Chegou o escuro. ●



"Fui pela primeira vez no meu teatro até à morte — o prazer da morte — o prazer de ver morrer, o prazer de matar, a curiosidade que se sobrepõe à noção da perda da vida"

contos tradicionais, as *Félibetas de um peso gigante*", redita. "Fui pela primeira vez no meu teatro até à morte — o prazer de ver morrer, o prazer de matar, a curiosidade que se sobrepõe à noção da perda da vida". Essa malícia, que se sobrepõe à noção da perda da vida, é o que dá vida à obra. É o que dá vida à obra. É o que dá vida à obra.

de e de toda a tragédia do palco, e como se diz para dar sequência à vida. Depois de uma introdução orquestral, com as três meninas na floresta, temos direito à alegria da canção "A menina da floresta", com as três meninas a cantar. É a primeira canção da obra, e é a primeira canção de uma das três meninas, a Joana Campelo, com o nome "Joana Campelo" e o nome "Joana Campelo". É a primeira canção de uma das três meninas, a Mária Campelo, com o nome "Mária Campelo" e o nome "Mária Campelo". É a primeira canção de uma das três meninas, a Josina Campelo, com o nome "Josina Campelo" e o nome "Josina Campelo".

com essa questão da perda dos sonhos. Todas as personagens lidam com essa questão da perda dos sonhos. Todas as personagens lidam com essa questão da perda dos sonhos. Todas as personagens lidam com essa questão da perda dos sonhos.

Anexo M - Press Release (ex. Banda Sonora)



BANDA SONORA

Uma criação
de Ricardo Neves-Neves e Filipe Raposo



SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL, Lisboa
Sala Luís Miguel Cintra | 9 a 18 de Março de 2018

Contacto Mafalda
Simões
mafalda.simoes.tde@gmail.com
962941942



BANDA SONORA

Uma criação de Ricardo Neves-Neves e Filipe Raposo



Texto e encenação **RICARDO NEVES-NEVES** Composição e Orquestração **FILIPE RAPOSO** Elenco **ANA VALENTIM, JOANA CAMPELO, MÁRCIA CARDOSO, RITA CRUZ, SILVIA FIGUEIREDO** e **TÂNIA ALVES** Com **ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA** Maestro **CESÁRIO COSTA** Direcção vocal **JOÃO HENRIQUES** Sonoplastia **SÉRGIO DELGADO** Desenho de Luz **NUNO MEIRA**
Cenário **HENRIQUE RALHETA** Figurinos **RAFAELA MAPRIL**
Caracterização **CIDÁLIA ESPADINHA** Coreografia e Movimento **SÓNIA BAPTISTA** Fotografias **ALÍPIO PADILHA** Assistência de encenação **RAFAEL GOMES** Produção/Comunicação **MAFALDA SIMÕES** Uma co-produção **SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL, CINE-TEATRO LOULETANO e TEATRO DO ELÉCTRICO**

SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL, Lisboa

Sala Luís Miguel Cintra | 9 a 18 de Março de 2018
Quarta a sábado, 21h; domingo, 17h30

Reservas: bilheteira@teatrosoluiz.pt / 213 257 650 (Todos os dias, das 13h às 20h)

CINETEATRO LOULETANO, Loulé – 29 e 30 de Março de 2019



Em Banda Sonora é a composição musical que despertara uma ideia de encenação/ambiente e por conseguinte um texto. O ponto de partida será, portanto, a banda sonora e a composição musical criada pelo pianista, compositor e orquestrador Filipe Raposo. A existência da música e as experiências quer com os músicos quer com as vozes criará uma determinada atmosfera.

O elenco conta com seis atrizes/cantoras, divididas em três naipes distintos. Os três pares de semelhanças vocais é também caracterizado por semelhanças físicas. O trabalho vocal será dirigido por João Henriques, sofrendo ainda um tratamento vocal digital em tempo real.

Ricardo Neves-Neves volta a escrever e a encenar um texto seu, o último espectáculo que escreveu e encenou foi *A Batalha de Não Sei Qué* em 2015.



HISTORIAL | Teatro do Eléctrico

TEATRO DO ELÉCTRICO Fundado em 2008, composto por jovens profissionais do espectáculo (Teatro e Música). É uma estrutura apoiada pela República Portuguesa - Cultura / Direcção Geral das Artes.

Apresentou os seguintes espectáculos:

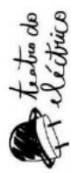
O Regresso de Natasha, texto e encenação de Ricardo Neves-Neves (2008 a 2013); *Manual*, texto de Patrícia Andrade e Ricardo Neves-Neves, encenação de Ricardo Neves-Neves (2008); *Black Vox*, textos e encenação de Ana Lázaro, Patrícia Andrade e Ricardo Neves-Neves (2009); *A Porta Fechou-se e a Casa Era Pequena*, texto e encenação de Ricardo Neves-Neves (2010 e 2011); *A Festa*, texto de Spiro Scimone, encenação de Ricardo Neves-Neves (2011); *Fantoches Gigantes*, texto de Ricardo Neves-Neves, encenação de Paula Sousa (2011 e 2012); *O Solene Resgate*, texto e encenação de Ricardo Neves-Neves (2012 e

2013); *Mary Poppins, a mulher que salvou o mundo*, texto e encenação de Ricardo Neves-Neves (2012 a 2016); *Menos Emergências*, de Martin Crimp, encenação de Ricardo Neves-Neves (2014 a 2016); *Sebastião & Sebastiana*, música de W. A. Mozart, encenação de Ricardo Neves-Neves (2015); *A Batalha de Não Sei Qué*, texto e encenação de Ricardo Neves-Neves (2015); *Ciclo de Leituras Eléctricas*, de Denis Lachaud, Copi e Vitoriano Braga, encenação de Ricardo Neves-Neves (2015); *Mãe com Açúcar*, texto e encenação de Rita Cruz

(2015 e 2016); *A Noite da Dona Luciana*, de Copi, encenação de Ricardo Neves-Neves (2016); *Encontrar o Sol*, de Edward Albee, encenação Ricardo Neves-Neves; *A Freguesia*, dramaturgia e encenação Ricardo Neves-Neves; *Karl Valentin Kabarett*, de Karl Valentin, encenação de Ricardo Neves-Neves.

Publicações:

A Porta Fechou-se e a Casa Era Pequena (Companhia das Ilhas, 2013); *Mary Poppins, a mulher que salvou o mundo e outras peças* (Artistas Unidos/Cotovia, 2014).



HISTORIAL | Espectáculos

O REGRESSO DE NATASHA

2008 a 2013

Texto e Encenação Ricardo Neves-Neves



Teatro-Estúdio Mário Viegas - Lisboa (2011/2012)
 Teatro das Beiras - Festival de Teatro - Covilhã (2011)
 XIII Festa do Teatro - Setúbal (2011)
 Auditório Carlos Paredes - Festival Palcos de Benfca - Lisboa (2011)
 Espaço Teatrosfera - Queluz (2011)
 Recreios da Amadora - Amadora (2010)
 Cine-teatro A Barraca - Lisboa (2010)
 Espaço Ginjal - Almada (2008)
 Sala BQ - Queluz (2013)

MANUAL

2008

Texto Patrícia Andrade e Ricardo Neves-Neves
 Encenação Ricardo Neves-Neves



Espaço Ginjal - Almada (2008)



BLACK VOX

HISTÓRIAS NEGRAS EM TEATRO DE TERROR

2009

Textos e Encenação Ana Lázaro, Patrícia Andrade e Ricardo Neves-Neves

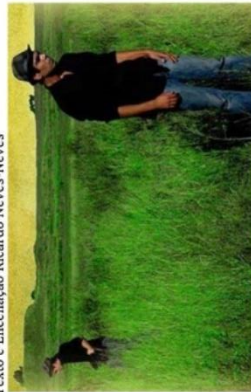


Teatro da Comuna - Lisboa (2009)
 X Mostra de Teatro - Vila Nova de Santo André (2009)
 Teatro da Trindade - Lisboa (2009)
 Casa Conveniente - Lisboa (2009)

A PORTA FECHOU-SE E A CASA ERA PEQUENA

2010 e 2011

Texto e Encenação Ricardo Neves-Neves



Centro Cultural da Malaposta - Olival Basto (2011)
 Recreios da Amadora - Amadora (2011)
 Teatro da Comuna - Lisboa (2011)
 Sala Jaime Salazar Sampaio - Leiria (2011)
 Ribeira - Lisboa (2010)



A FESTA

2011 | co-produção com Teatroesfera
texto Spiro Scimone encenação
Ricardo Neves-Neves



Teatro Municipal Mirita Casimiro - Monte Estoril (2011)
Teatro da Comuna - Lisboa (2011)
Espaço Teatroesfera - Queluz (2011)



O SOLENE RESGATE

2012 e 2013
Texto e Encenação Ricardo Neves-Neves



Ribeira - Lisboa (2012)
Ribeira - Lisboa (2013)

MARY POPPINS A MULHER QUE SALVOU O MUNDO

2012 a 2016
Texto e Encenação Ricardo Neves-Neves



Cine-Teatro São Pedro - Alameda (2016)
Cine-Teatro João Mota - Sesimbra (2016)
Cine-Teatro - Sobral de Monte Agraço (2016)
Cine-teatro Municipal D. João V. - Amadora (2015)
Teatro Municipal da Guarda - Guarda (2015)
Cine-Teatro de Estarreja - Estarreja (2015)
Cine-Teatro de S. João - Palmela (2015)
Cine-Teatro S. Pedro - Abrantes (2014)
Centro de Artes - Sinus (2014)
XV Mostra de Teatro - Vila Nova Santo Antão (2014)
Cine-Teatro Louletano - Loulé (2014)
Teatro Municipal Baltazar Dias - Funchal (2014)
Centro Cultural do Cartaxo - Cartaxo (2014)
Teatro da Politécnica - Lisboa (2013)
Teatro Mirita Casimiro - Monte Estoril (2013)
Recreios da Amadora - Amadora (2013)
Espaço Teatroesfera - Queluz (2012)

FANTOCHES GIGANTES

2011 e 2012 | co-produção com Teatroesfera
Texto Ricardo Neves-Neves
Encenação Paula Sousa



Espaço Teatroesfera - Queluz (2011/2012)



MENOS EMERGENCIAS

2014 e 2016
Texto Martin Crimp
Encenação Ricardo Neves-Neves



Rivoli, Teatro Municipal do Porto - Porto (2016)
Cine-Teatro Louletano - Loulé (2015)
Teatro da Trindade - Lisboa (2015)
Teatro Meridional - Lisboa (2014)

SEBASTIÃO & SEBASTIANA

2015
Música W. A. Mozart | libreto a partir de J. J. Rousseau
Maestro Armando Vidal
Encenação Ricardo Neves-Neves



Audatório Adriano Moreira - Lisboa (2015)



A BATALHA DE NÃO SEI QUÊ

2015 | co-produção com Artistas Unidos
Texto e Encenação de Ricardo Neves-Neves



Teatro da Politécnica - Lisboa (2015)

MÃE COM AÇÚCAR

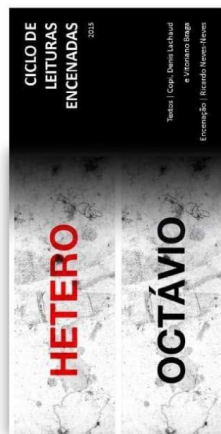
2015 e 2016
Texto e Encenação de Rita Cruz



Teatro Taborda - Lisboa (2016)
Teatro da Luz - Lisboa (2016)
Cine-Teatro Louletano - Loulé (2016)
Audatório Municipal Lourdes Norberto - Oeiras (2015)



Centro LGBT/ILGA Portugal - Lisboa (2015)



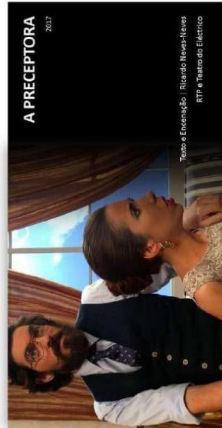
Centro LGBT/ILGA Portugal - Lisboa (2015)

A NOITE DA DONA LUCIANA

2016 e 2017
 Texto Copi
 Encenação Ricardo Neves-Neves



- Cine-Teatro João Verde – Monção (2017)
- Teatro Virgínia – Torres Novas (2017)
- Cine-Teatro Louletano – Loulé (2017)
- Polo Culturas Galvotas, Boavista – Festival Lusco Fusco – Lisboa (2017) Teatro Municipal de Matosinhos – Constantino Nery – Matosinhos (2017)
- Centro Cultural John dos Passos, Ponta do Sol – Madeira (2017)
- Festival Internacional de Teatro - XVIII – Setúbal (2017)
- Centro Cultural de Samora Correia – Benavente (2017)
- Cineteatro de Ponte de Sôr – Ponte de Sôr (2017)
- Teatro Municipal Baltazar Dias, Funchal – Madeira (2017)
- Casa de Artes e Cultura do Tejo - Vila Velha de Ródão (2017)
- Teatro José Lúcio da Silva - Leiria (2017)
- Teatro da Politécnica – Lisboa (2016)



RTP 2 (2017)
 RTP INTERNACIONAL (2017)

ENCONTRAR O SOL

2017
 Texto Edward Albee
 Encenação Ricardo Neves-Neves



Theatro Circo - Braga (2017)

São Luiz Teatro Municipal – Lisboa (2017)



A FREGUESIA

2017
Dramaturgia e Encenação Ricardo Neves-Neves



Praça do Mar – Quarteira (Abril e Agosto 2017)

Karl Valentin Kabarett

2017
Texto Karl Valentin
Encenação Ricardo Neves-Neves



Cine-Teatro Curvo Semedo - Montemor-o-Novo (2017)
Festival de Almada Palco Grande - Almada (2017)
Teatro da Trindade – Lisboa (2017)
Praça do Mar – Quarteira (2017)

BIOGRAFIAS | Equipas Artísticas

RICARDO NEVES-NEVES Licenciado em Teatro-Atores da ESTC. Pós-graduado em Estudos de Teatro pela FLUL. Em 2012, participa no Obrador d'EstúdiDramaturgia (Barcelona), orientado por Simon Stephens. Estudou Música durante 12 anos.

É fundador do Teatro do Eléctrico, onde escreve e encena *O Regresso de Natasha*, *Manual*, *A Porta Fechou-se e a Casa Era Pequena*, *O Solene Resgate*, *Mary Poppins*, *a mulher que salvou o mundo e A Freguesia*. Encena *A Festa de Spiro Scimone*, *Menos Emergências* de Martin Crimp, *Sebastião & Sebastiana* de Mozart, *A Noite da Dona Luciana* de Copi, *Encontrar o Sol* de Edward Albee e *Karl Valentin Kabarett* de Karl Valentin. Escreve *Fantoches Gigantes*, encenado por Paula Sousa, *Delírio non-desvario*, encenado por Ana Lázaro, *Noé*, encenado por Mónica Garmel e *Entrarria Nesta Sala...*, encenado por Sandra Faleiro.

Co-autor e co-encenador de *Floating Island* com Cheng-Ting Chen e Yi-Ting Hung, co-produção Théâtre de la Ville (Paris, França) e Taipei Arts Festival (Taipei, Taiwan).

Nos Primeiros Sintomas integra a equipa de espetáculos de Bruno Bravo, Sandra Faleiro e Gonçalo Amorim, entre 2006 e 2016. Nos Artistas Unidos integra *A Morte de Danton* de Georg Buchner, com encenação de Jorge Silva Melo. Escreve e encena *A Batalha de Não Sei Qué*, co-produção Artistas Unidos e Teatro do Eléctrico. No Teatroesfera é actor em espetáculos de Paula Sousa, Teresa Faria, Paulo Oom, Ana Piu e Rui Luís Brás. Colaborou com Teatro da Terra, Teatro dos Alóés, Comédias do Minho, Revista Gerador, Cassefaz, Teatro O Bando, Procur.Arte e Casa Conveniente.

Leccionou o módulo de Palco na ACT – Escola de Actores em 2016. Trabalha pontualmente como actor em televisão e dobragens.

Publicações: *A Porta Fechou-se e a Casa Era Pequena* (Companhia das Ilhas, 2013); *Mary Poppins*, *a mulher que salvou o mundo e outras peças* (Cotovia/Artistas Unidos, 2014), *Entrarria Nesta Sala...* (Teatro Nacional D. Maria II/Bicho do Mato, 2015), adaptação para teatro de *O Conito de Natal*, de Charles Dickens (Teatro da Terra, 2016).

FILIPE RAPOSO (Composição e Orquestração) É pianista, compositor e orquestrador.

Iniciou os seus estudos pianísticos no Conservatório Nacional de Lisboa. Tem o mestrado em Piano Jazz Performance pelo Royal College of Music (Stockholm) e foi bolseiro da Royal Music Academy of Stockholm. É licenciado em Composição pela Escola Superior de Música de Lisboa.

Tem colaborações em concerto e em disco com alguns dos principais nomes da música portuguesa: Sérgio Godinho, José Mário Branco, Fausto, Vitorino, Janita Salomé, Amélia Muge, Camané, Carminho, Maria João.



Enquanto orquestrador e pianista tem colaborado com inúmeras orquestras europeias: Sinfonietta de Lisboa, Orquestra Sinfónica Portuguesa, Orquestra Metropolitana, Orquestra Filarmonia da Beiras, Orquestra Clássica da Madeira, Orquestra do Sul, Thueringen Symphony Orchestra, St. Christopher Chamber Orchestra Vilnius, Accademia del Concerto String Ensemble, ToraTora Big Band, L.A. Big Band, KMH Jazz Orchestra.

Em 2013 participou na exposição Fashion Innovation 3 - Nobel Museum Stockholm - com a composição "I have in me all the dreams of the world" para o prémio Nobel da Física.

Desde 2004 que colabora com a Cinemateca Portuguesa como pianista residente. Como compositor, trabalha para Teatro e Cinema.

Tem desenvolvido com o artista visual António Jorge Gonçalves vários projectos a convite de Madalena Wallenstein para a Fábrica das Artes (CCB) e Festival Internacional BigBang - "4 Mãos", "Qual é o som da tua cara?", e no Teatro S. Luiz "O Telhado do Mundo" (com Ondjaki).

Como pianista e em nome próprio, tem-se apresentado em vários festivais de jazz europeus. Em nome próprio editou 3 discos:

- First Falls (2011) - Prémio artista revelação Fundação Amália;
- A Hundred Silent Ways (2013) - Disco a Solo; - Inquiétude (2015).

Actualmente faz a curadoria na área do jazz para a recém-criada editora digital Lugar Records.

ANA VALENTIM Licenciada em Teatro - Actores na Escola Superior de Teatro e Cinema. Finaliza a Licenciatura em 2015 enquanto atriz e co-criadora no espectáculo *27 Doses*, sob direcção de Jean Paul Bucchieri, no Teatro Nacional D. Maria II e no Festival Venice Open Stage.

Iniciou a sua formação como atriz no Curso Profissional de Artes do Espectáculo e Interpretação na Escola Secundária Gil Vicente. Estagiou no Espaço Teatrosfera orientado por Paula Sousa.

Em Teatro integrou os espectáculos *Fantoches Gigantes*; *O Solene Resgate*; *Menos Emergências*; *Mary Poppins - A Mulher que Salvou o Mundo* e *A Freguesia de Ricardo Neves*. *Neves, Esta Cidade Não é Para Mulheres* de Sofia Santos Silva, *E possível respirar debaixo de água* e *Elena* de Mário Coelho.

JOANA CAMPELO Estudou canto lírico no Conservatório Nacional de Música e é licenciada no curso de Interpretação da Escola Superior de Teatro e Cinema. Iniciou a sua carreira artística a fazer teatro amador na escola secundária e, mais tarde, com Listopad. Em 2010 estreou-se profissionalmente com o musical *Máquina de Somar*, encenado pela Fernanda Lapa. Desde então já trabalhou com outros encenadores/criadores como: Rogério de Carvalho, Sandra Faleiro, Bruno Bravo, Bernard Sobel, Fernando Gomes, Francisco Campos, Ricardo Neves-Neves e Pedro Sousa Loureiro. No cinema estreou-se com o filme *Planeta Adormecido*, escrito pela Ana Zanatti para a RTP. Na TV estreou-se na mini série *Um Mundo Catita* de João Leitão e Filipe Melo, fez algumas participações para séries infantis para a RTP e para algumas séries Web e, mais recentemente, para a série *Os Boys*,



realizada pelo Tiago Guedes e Stjepan Klein. Como cantora faz parte das bandas Conjunto Vigor e Real Combo Lisbonense.

MÁRCIA CARDOSO Formou-se como atriz no Curso de Interpretação da Escola Profissional de Teatro de Cascais em 1996. Começou a sua carreira como atriz no Teatro Experimental de Cascais em 1997 participando na peça *D. Quixote de La Mancha* de Yves Jamiacque, encenada por Carlos Avilez. Participou em vários trabalhos de teatro, cinema, dobragens, televisão e artes performativas onde se destacam os filmes: *Mouth to Mouth* de Alison Murray, *Tentação* de Joaquim Leitão, *Zeitgeist* de António Duarte e *Ana Ribeiro*, *Homemade* de Paulo Prazeres e *Análises de Reza Hajipour*; as séries animadas e de imagem real *Tama & Friends*, *Casper* o fantasmilha, *Mirmo*, *As aventuras do Urso Benjamin*, *As Princesas Gémeas do Reino Maravilha*, *O pequeno Nicola*, *Samson e Neon* e a *Casa de Antóbis* e *Aliados*; os musicais infantis: *O pirata que não sabia ler*, *Quinta da Lua Cheia*, *Aladino*, *Planeta Azul*, *Amigos para sempre*, *À procura do F.L.M.*, 1, 2, 3 - *Uma colher de cada vez*, *Eli* a elefanta bebé e *A verdadeira história da Cigarra* e da *Formiga* e os espectáculos teatrais *O Canto do Cisne*, *Antes de começar*, *A Menina Júlia*, *Labyrinthos*, *As Vedetas*, *Esta noite improvisa-se*, *Outra história de encantar*, *Um complexo chamado Édipo*, *Desgraças da vida alheia em Il actos*, *Ignorância é força*, *Quem controla o passado controla o futuro*, *As ruas são tão tristes*, *precisam de mais luz*, *Pastoral*, *Divas Iludidas*, *A Guerra dos Cisnes*, *Grande noite do Fado* e *afins*, *As Inbejossas* e *Queremos matar a mamã*. Trabalhou com vários encenadores entre os quais Carlos Avilez, Ana Ribeiro, António Duarte, Mónica Calle, Miguel Loureiro, Sara Sim Sim, Carlos Thiré, Rui Melo, Mário Redondo e Vicente Alves do O. Em 2010 assinou a sua segunda encenação, *Salomé* de Oscar Wilde e em 2013 dirigiu a sua terceira encenação, *Queremos matar a mamã* cujo texto é de sua autoria e onde também participou como atriz. Actualmente desenvolve projectos artísticos que passam pela criação de espectáculos de teatro, performance e escrita.

RITA CRUZ Licenciada em Teatro-Actores pela ESTC e em Reabilitação e Inserção Social pelo ISPA. Co-fundadora da companhia Teatro do Eléctrico. Trabalha regularmente no Teatro do Eléctrico desde 2008 como atriz. Em 2015 escreve e encena *Mãe com Açúcar* no Teatro do Eléctrico.

Já foi dirigida também por Joaquim Benite, João Mota, João Brites, António Pires, Cláudio Hochman, Pedro Alvares Osório (Espanha), Toni Cañero (Itália) Martim Pedroso, entre outros.

Em 2016 é nomeada para melhor atriz pelos Prémios SPA e para melhor espectáculo de Teatro com o espectáculo *A Noite da Dona Luciana* de Copi, produção do Teatro do Eléctrico. Ainda no mesmo ano ganha o prémio de melhor atriz de televisão pelos Prémios África is More.

Em 2014 O espectáculo *Menos Emergências*, em que participa como atriz é nomeado para melhor espectáculo de Teatro pela TIMEOUT.

Em 2005 é nomeada com Othelo, pela Companhia de Teatro de Almada para melhor espectáculo de Teatro de 2005 pelos Globos de Ouro.

Em 2007 participa na Bienal de Veneza com Goldoni Terminus, espectáculo representado em italiano, de Rui Zink, Eduardo Erba, encenado por Toni Cañero,



Produção de TNDMII, Teatro Nacional de Fiume-Croacia e Teatro Stabile, tendo participado em festivais de Teatro em Itália, Croácia e Portugal.

Em 2006 participa em O Olhar do Outro, um espectáculo representado em português e espanhol, com encenação de Pedro Alvaros Osório pela Escola de Mulheres.

Em televisão participa em A Impositora (TV), A Única Mulher (TVI), Breviário Bilre (RTP1), Depois do Adeus (RTP1), Dancing Days (SIC), O Amor é um Sonho (TVI), A Outra (TVI), 5 para a Meia Noite (RTP2), Boa Noite Alvim (Sic Radical), Em cinema participa no filme Bia de Patrícia Vidal Delgado, Planeta Adormecido RTP, na Verdade Escondida -Homenagem a Manoel de Oliveira de João Viana, A Tigela - Prémio do Público- Estoril Film Festival de Tiago Pires.

É vocalista da banda Rita & O Revólver, faz locuções de publicidade e dobragens de desenhos animados desde 2005.

SILVIA FIGUEIREDO Licenciada pela Escola Superior de Teatro e Cinema, iniciou-se como actriz profissional no Grupo Teatroesfera. Dirigida por Paulo Oom, Paula Sousa, Teresa Faria, Ana Piu e Rui Luis Brás.

Trabalhou com Tiago Guedes e Maria Duarte, através da Associação Cultural Materiais Diversos, Mónica Calle e David Pereira Bastos, ambos pela Casa Conventiente e Ana Lázaro, pelo Teatro do Eléctrico, do qual é colaboradora participando recentemente em *Mary Poppins, a mulher que salvou o Mundo, Menos Emergências*. Frequentou o Laboratório The Vertical of the Role, no 3º Theater Summer Academy, com direcção artística do Prof. Dr. Jurij Alschitz, em Itália e o curso para actores no Teatro de Pesquisa A Comunha, com João Mota.

No cinema participou em curtas de António José Gonçalves e Ricardo Oliveira, João Salaviza, Manuel Pureza e em longas de Mário Barroso, Tiago Guedes e Frederico Serra e de João Botelho.

Fez dobragens para a Disney dirigidas por Paulo B.

Deu aulas de Expressão Dramática e algumas de Inglês ao 1º Ciclo.

TÁNIA ALVES É licenciada em Teatro – Ramo Actores na Escola Superior de Teatro e Cinema e em Línguas e Literaturas Modernas - Inglês/Alemão na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Destaca na sua formação de actriz o trabalho de voz com Natália de Matos e de corpo com Luca Aprea, bem como a Oficina de Teatro com João Mota. De 2006 a 2010 integra na Comunha – Teatro de Pesquisa encenações de João Mota e Alvaro Correia.

Trabalha regularmente com as companhias Mala Voadora e Teatro do Eléctrico, entre outros projectos. Teve formação e trabalhou com o Movimento Português de Intervenção Artística e Educação pela Arte e dá Workshops e Oficinas de Teatro a crianças/adolescentes/adultos e séniores. Faz coaching personalizado para actores. É mãe desde Outubro de 2015.

CÉSARIO COSTA Vencedor do III Concurso Internacional Fundação Oriente para Jovens Chefes de Orquestra, em 1997, foi desde então convidado para dirigir inúmeras formações nacionais e estrangeiras. Para além da direcção de orquestra, tem exercido funções de docência e de programação musical em várias instituições.



Foi Presidente da Metropolitana, instituição que gere a Orquestra Metropolitana de Lisboa (da qual foi também Diretor Artístico). Foi Diretor Artístico e Maestro Titular da Orquestra do Algarve e da Orquestra Clássica do Sul e atualmente é diretor artístico do IN Spiritum – Festival de Música do Porto. Nos últimos anos, dirigiu, a Royal Philharmonic Orchestra, a Orquestra Sinfónica de Nuremberga, a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, a Orquestra Metropolitana de Lisboa, a Orquestra de Câmara da Rádio Romena e a Berliner Symphoniker. Depois de concluir, em Paris, o Curso Superior de Piano, estudou Direção de Orquestra, completando com nota máxima a Licenciatura e o Mestrado na Escola Superior de Música de Würzburg, na Alemanha.

Atualmente, está a finalizar, na Universidade Nova de Lisboa, uma tese de doutoramento sobre o Maestro Pedro de Freitas Branco.

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

JOÃO HENRIQUES (Apoio Vocal) É professor de Voz na Escola Superior de Teatro e Cinema e na Universidade Lusófona (ULHT).

Tem o mestrado em Ensino da Música – especialidade em ensino do Canto, pela Escola das Artes da Universidade Católica do Porto, a licenciatura em Ciência Política – Relações Internacionais, pela ULHT, a pós-graduação em Teatro Musical na Royal Academy of Music (Londres), a pós-graduação em Ópera e Estudos Músico-Teatrais, pela ESMAE, e curso superior de Canto da Escola Superior de Música de Lisboa. Colaborou regularmente no TNSJ de 2003 a 2014, assegurando a preparação vocal e elocução de múltiplas produções da casa, e dirigindo diversas oficinas de técnica vocal. É doutorando em Artes Musicais – Dramaturgia Musical e Encenação – na FCSH da Universidade Nova de Lisboa.

No TNSJ, foi responsável pela encenação de *Marta de Buenos Aires*, de Astor Piazzolla/Horacio Ferrer (2006), e o concerto encenado *Outlet* (2007). Tem, desde 2003, feito vários trabalhos de encenação para a Casa da Música, donde se destacam *O Castelo do Duque Barba Azul*, de Béla Bartók, e *O Rapaz de Bronze*, de Nuno Corte-Real/José Maria Vieira Mendes a partir do conto de Sophia de Mello Breyner Andresen (2007). Mais recentemente, encenou *Cidade Domingo*, de Jacinto Lucas Pires, uma produção do Teatro Oficina inscrita na programação de Guimarães 2012 Capital Europeia da Cultura (2012), e *Diálogos do Medo*, uma versão dramaturgicamente também traduziu para português, a partir da ópera *Dialogues des Carmelites*, de Francis Poulenc, na ESMAE (2013), e *O Castelo do Duque Barba Azul*, de Béla Bartók, com a orquestra da BBC no Barbican Hall, Londres (2015). Desde Outubro de 2017 é Artista Residente no espaço Páncas Palha, da Companhia Olga Roriz, onde também é professor de Voz e Elocução.

SÉRGIO DELGADO (Sonoplastia) Iniciou a sua actividade como compositor/músico/sonoplasta para teatro em 1996, tendo participado, até à data, em 72 espectáculos. A sua versatilidade artística faz com que já tenha trabalhado com vários encenadores/companhias como Bruno Bravo – Primeiros Sintomas,



Cristina Carvalhal – Causas Comuns, Jorge Andrade – Mala Voadora, Carlos Jorge Pessoa – Teatro da Garagem, Nuno Cardoso – Ao Cabo Teatro, Marcos Barbosa – Teatro Oficina, Ricardo Neves Neves – Teatro do Eléctrico, Miguel Seabra – Teatro Meridional, Diogo Infante entre outros, e autores como William Shakespeare, Tennessee Williams, Anton Tchekhov, Bertolt Brecht, Oscar Wilde, Edmond Rostand, Henrik Ibsen, Voltaire, Jenny Schwartz, Paul Auster, Vassily Sigarev, etc. Ao longo dos anos ganhou alguns prêmios nos quais se destacam, melhor peça de teatro – “A orelha de Deus” encenado por Cristina Carvalhal nos prêmios SpAutores 2009 e melhor peça de teatro “Cyrano de Bergerac” encenado por Bruno Bravo nos prêmios Time Out 2014, nas quais, participou com banda sonora original.

NUNO MEIRA (Designer de Iluminação) Bacharel em Engenharia de Electrónica e Telecomunicações (1991), frequência do 4º ano em Engenharia de Electrónica Industrial na Universidade do Minho (1994) e frequência do 2º ano da Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo no curso de Produção Luz e Som (1997).

Tem desenvolvido o seu trabalho exclusivamente como designer de iluminação colaborando com diversos criadores das áreas do teatro e da dança, com particular destaque para Ana Luísa Guimarães, António Cabrita & São Castro, António Júlio, António Lago, Beatriz Batará, Diogo Infante, Fernando Moura Ramos, Gonçalo Amorim, Gonçalo Waddington, Jacinto Lucas Pires, João Cardoso, João Pedro Vaz, João Reis, Marco Martins, Nuno Carrinhas, Paulo Ribeiro, Tiago Guedes de Carvalho, Tiago Rodrigues, Ricardo Pais e Rui Lopes Graça. Foi sócio fundador do Teatro Só (1995) e do Cão Danado e Companhia (2001), é sócio da ASSÉDIO (desde 1998) e é colaborador regular da Companhia Paulo Ribeiro (desde 2001) e dos Arena Ensemble (desde 2007).

Foi distinguido, em 2004, com o Prémio Revelação Ribeiro da Fonte.

ALÍPIO PADILHA (Fotógrafo) Fundou o jornal de Penacova onde foi chefe de redacção, jornalista e fotógrafo, até 2001. Entre 2004-07, fez formação na Ass. Portuguesa de Arte Fotográfica, MEF, IPF, e com Susana Paiva. Participou em várias exposições colectivas e individuais (Bial de Fotografia de Vila Franca de Xira e o ONEurope - Bienal Artes Plásticas do Montijo). Exposição individual na DGAI (Ministério da Justiça), Galeria Round The Corner “O JOGO”; Exposição no MUDE Lisboa, “I am a strange Loop” com Sara Lamúrias (Jul.2010); Mostra de videarte “O poste”; projeto “Estrelas do Bairro” coproduzido pela EGEAC e “Cinemafaradósio”. Em moda, trabalhou com “la Belle Bombshell”, Sara Lamúrias, Filipa Malho e a publicação Ruamag. Integrou do colectivo The Portfolio Project fundado pela fotógrafa Susana Paiva. Como fotógrafo de cena, tem trabalhado com “A Garagem”, Companhia Teatral do Chiado, A Barraca, Grupo de Teatro A Nova, Teatro Praga, Teatro Nacional Dona Maria II, Companhia Nacional de Bailado, Teatro do Eléctrico, Companhia Olga Roriz, Sully Season, EGEAC, DuplaCena, Festival Finfá, Festival Temps D’Images, Festival FUSO (videarte), DocLisboa, Panorama, Artería Atelier, teatro Maria Matos, Ruadas/Gaivotas6, Tarumba, João Botelho, Among Others, Martin Pedroso e Nova Companhia, Karmart, Espaço O Tempo, Elmano Sancho, Teatro do Mar, Os Possessors. Fotógrafo



de Cena em Cinema com Manuel Mozos e a produtora “O Som e a Fúria” bem como outras curtas metragens e rodagens de publicidade. Foi fotógrafo residente no Music Box e Ritz Club. Fotógrafo dos discos “Nove e meia Maria Matos” de Sérgio Godinho, “Super Scam” de The Dirty Coal Train, “GNR 35 ANOS (ao vivo)”. Trabalho editado e publicado pelo Teatro Nacional Dona Maria II, Uzíma, INCM, CTT, Tarumba, teve participações no programa 5 Para A Meia Noite da RTP.

EDUARDO BREDA (Vídeo) Nasceu no Porto, em 1990. Em 2008 termina o curso de Interpretação na Academia Contemporânea do Espectáculo e em 2012 conclui a Licenciatura de Teatro, Ramo Atores, da Escola Superior de Teatro e Cinema. Desde de 2014 que tem vindo a trabalhar na área do audiovisual. Tendo já sido responsável pela criação vídeo para vários espectáculos de teatro como: A Modéstia (Artistas Unidos/ Colectivo Causa); A Batalha de não sei o Qué (Teatro do Eléctrico / Artistas Unidos) e Tentativas para Matar o Amor (Teatro Aberto / Companhia Mascarenhas Martins).

Na realização já assinou três documentários: O Retrato, Palácio de Cristal, Tentativas para Matar o Amor. E foi responsável pela realização e edição da webserie OS MURALISTAS by After wall & Dyrup. Paralelamente tem sido responsável pelos materiais promocionais em vídeo de várias companhias de teatro como: Primeiros Sintomas, Casa Convente, Teatro do Eléctrico, Teatro da Comunidade, Colectivo Causa, entre outros.

RAFAEL GOMES (Assistente de Encenação) licenciou-se em Teatro na Escola Superior de Teatro e Cinema (2013) e frequentou o Mestrado em Estudos de Teatro na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Em Cinema participou em filmes como *Numa Manhã de Santo António* de João Pedro Rodrigues; *Verão Danado* de Pedro Cabeleira; *Golpe de Sol* de Vicente Alves do Ó, entre outros. Em Teatro integrou os espectáculos *Life and Times - episode 2*, criação e encenação de Kelly Copper e Pavol Liska, Nature Theatre of Oklaohoma; *A morte de Danton* encenação de Jorge Silva Melo, Artistas Unidos/Teatro Nacional D.Maria II; *Romeu e Julieta*, encenação de Francisco Salgado (ESTC/CCVF); *Peça Romântica para um Teatro fecho* de Tiago Rodrigues numa criação colectiva; nos espectáculos *Rapsódia Batman; II - A Mentira* e *Marcha Invenível*, texto e encenação de João Pedro Mamede, Os Possessors / Artistas Unidos; *O Aldrão*, encenação de João Mota, Teatro Nacional D.Maria II. Trabalha regularmente com o Teatro do Eléctrico e integrou os espectáculos *O Solene Reggae*, texto e encenação de Ricardo Neves-Neves, Teatro do Eléctrico/Primeiros Sintomas; *Mary Poppins - a mulher que salvou o mundo*, texto e encenação de Ricardo Neves-Neves; *Menos Emergências de Martin Crimp* encenação de Ricardo Neves-Neves; *Sebastião e Sebastiana* de W. Mozart, encenação de Ricardo Neves-Neves; *A Noite da Dona Luciana* de Copi e encenação de Ricardo Neves-Neves; *A Freguesia* com texto e encenação de Ricardo Neves-Neves; *Karl Valentin Kabarett* com textos de Karl Valentin e encenação de Ricardo Neves-Neves e *Gertrude - O Grito* de Howard Barker, encenação de Maria Duarte, entre outros.



MAFALDA SIMÕES (Comunicação/Produção) Diplomada no Mestrado em Ciências da Comunicação, especialização em Estudos dos Media e do Jornalismo na FCSH da Universidade Nova de Lisboa e Licenciada em Teatro na Universidade de Évora.

De 2010 a 2013 coordena o Departamento de Comunicação dos Artistas Unidos. De 2013 a 2014 colabora na OI-ART Produções.

Desde 2013 que coordena o Departamento de Comunicação e Produção do Teatro do Eléctrico, participa nos espectáculos *Mary Poppins*, *a mulher que salvou Mundo* de Ricardo Neves-Neves (2013), *Menos Emergências* de Martin Crimp (2014), *Sebastião & Sebastiana* (2015), *Mãe com Açúcar* de Rita Cruz (2015), *Ciclo de Leituras encenadas* (2015), *A Noite da Dona Luciana* de Copi (2016), *Encontrar o Sol* de Edward Albee (2017), *A Freguesia*, dramaturgia de Ricardo Neves-Neves (2017), *Karl Valentin Kabarett* de Karl Valentin (2017). Em 2014 colabora no apoio à produção do programa *Atrás da Máscara* de João Costa Dias na RDP África.

Em 2014 é responsável pela Assessoria de Imprensa do espectáculo *Teorema* inspirado em Pier Paolo Pasolini, um espectáculo de John Romão no São Luiz Teatro Municipal.

Em 2016 é responsável pela Assessoria de Imprensa do espectáculo *Alla Prima* de Tiago Cadete e em 2017 pelo espectáculo *Apagão* de Tiago Cadete e David Marques no Negócio – ZDB.

Desde 2016 que coordena a Comunicação dos espectáculos de Rui Neto na LoboMau Produções, *Mechanical Monsters* de Rui Neto (Teatro da Comuna) e *Huis Cíos – No Exit* de Jean-Paul Sartre (Teatro da Trindade / Teatro da Comuna).

Em 2017 colabora na Assessoria de Imprensa no Teatro de Carnide, nos espectáculos *Catch my Soul* de Rui Neto e *Que Fró* de Sofia Ângelo.

Em 2017 é responsável pela Assessoria de Imprensa do espectáculo *No Intervalo de uma Ónda* um solo de Rafael Alvarez no Negócio – ZDB.

Desde 2017 que faz coaching de Produção Teatral.

Contactos:

Mafalda Simões

Direcção de Produção e Comunicação

mafalda.simoes@teatrodoeletrico.com mafalda.simoes1@gmail.com

962941942



Teatro do Eléctrico

Polo Cultural Gaivotas | Boavista

Rua das Gaivotas, 8, 1200-202 Lisboa

www.youtube.com/TeatrodoElectrico

www.facebook.com/ricardo.neves.neves

www.facebook.com/teatrodoeletrico.lde